



Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez

Editorial

Comemorando o 40º aniversário da obra *Cem anos de solidão*, o 25º do Prêmio Nobel concedido ao seu autor, o 60º do seu primeiro conto e o 80º de sua vida, a *IHU On-Line* dessa semana volta no tempo e navega na literatura do colombiano Gabriel García Márquez. Assim, entrevistamos professores, escritores, críticos literários e jornalistas que discorrem sobre a obra de um dos autores mais importantes e influentes da literatura hispano-americana.

Para esse “sarau”, convidamos a professora e escritora Márcia Hoppe Navarro, que classifica *Cem anos* como um dos melhores livros do mundo, pois consegue, de maneira fascinante, agradar “desde os leitores bem simples até os mais sofisticados”. As professoras Márcia Duarte e Laura Hosiasson, igualmente, consideram a obra um marco na literatura hispano-americana.

Luís Augusto Fischer, crítico literário gaúcho, compara a obra de García Márquez ao clássico *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. E Eduardo Coutinho, professor de literatura comparada, comenta a obra de García Márquez que, através de elementos do “real” e “irreal”, conta a história da América Latina. Da mesma maneira, Wander Melo Miranda admira o enredo que, segundo ele, proporcionou novas leituras.

Por outro lado, Dernival Venâncio Ramos Junior contribui com um olhar mais abrangente. O historiador ressalta a importância de *Cem anos* enquanto patrimônio cultural dos caribenhos. Alfredo Laverde Ospina, pesquisador colombiano, complementa, afirmando que a obra de García Márquez dá “voz aos oprimidos e reflete sobre as origens da violência nacional”, contribuindo, dessa maneira, para a expressão do popular e do

nacional.

Por sua vez, Waldecy Tenório, professor da USP, analisa a obra sob o ponto de vista teológico. E o crítico literário Luiz Costa Lima participa com um texto sobre ***Cem anos de solidão***.

Confira, também, nessa edição, a entrevista com Paul Valadier, filósofo francês que esteve presente no **Simpósio Internacional O Futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**, que ocorreu na semana passada na Unisinos. E, em seguida, o bate-papo com a historiadora e economista Márcia Miranda, que apresenta José Bonifácio e explica a fiscalidade na historiografia brasileira e no Rio Grande do Sul.

Nesta edição, em que compreendemos melhor a América Latina, nada melhor que o filme da semana seja ***O violino***, belíssima obra do mexicano Francisco Quevedo. “O filme é mexicano em sua concepção mais profunda, mas tem a habilidade de ambientar-se em uma terra de ninguém - e portanto de todos”, comenta Luiz Zanin Oricchio. E continua: “Sua identidade maior está baseada no idioma e nos rostos, que não se poderiam encontrar em qualquer outra parte que não em seu país natal. Ao mesmo tempo, tempera esse localismo com dois temas universais, como a violência política e a ternura musical”.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | Márcia Hoppe Navarro: “*Cem anos de solidão* já se firmou como clássico da literatura mundial”

PÁGINA 11 | Eduardo F. Coutinho: “*Cem anos de solidão* é uma espécie de microcosmo da América Latina”

PÁGINA 16 | Luís Augusto Fischer: “*Cem anos de solidão* foi uma revelação”

PÁGINA 20 | Dernival Venâncio Ramos Junior: *Cem anos de solidão*: contribuição para a identidade caribenha

PÁGINA 25 | Laura Hosiasson: “Um estrondo desde o início”

PÁGINA 28 | Wander Melo Miranda: “Poucos autores conseguiram representar literariamente nossa incapacidade de tomar as rédeas da História”

PÁGINA 31 | Alfredo Laverde Ospina: O ícone do regionalismo colombiano

PÁGINA 35 | Márcia Duarte: “O mundo de García Márquez é masculinizado”

PÁGINA 37 | Luiz Costa Lima: García Márquez: muito além de *Cem anos de solidão*

PÁGINA 39 | Waldecy Tenório: “Uma dor comum na consciência”

PÁGINA 45 | Juan Antonio Monroy: A Bíblia em *Cem anos de solidão*, de García Márquez

B. Destaques da semana

» Entrevista da semana

PÁGINA 48 | Paul Valadier: “A esquerda francesa está perdida”

» Teologia Pública

PÁGINA 54 | Ignácio Madera: “A opção de quem crê em Jesus Cristo não pode ser outra que a opção pelos pobres”

» Filme da Semana

PÁGINA 56 | *O violino*, de Francisco Quevedo

PÁGINA 59 | Destaques On-Line

PÁGINA 61 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 65 | Agenda de Semana

PÁGINA 66 | Márcia Miranda: José Bonifácio. Reforma, Independência e Escravidão



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

“Cem anos de solidão já se firmou como clássico da literatura mundial”

ENTREVISTA COM MARCIA HOPPE NAVARRO

Cem anos de solidão é “*uma obra que vai ao encontro de uma busca pela identidade latino-americana, que revela nossa história e decifra nossas origens*”, avalia Márcia Hoppe Navarro, professora doutora do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Literatura Comparada. Especialista em literatura latino-americana, a professora ressalta que a obra de García Márquez teve êxito também por ser um livro “*extraordinário, maravilhoso, que exerce uma espécie de encantamento permanente em seus leitores*”.

Navarro é autora de *O romance do ditador: poder e história na América Latina (São Paulo: Ícone, 1989)*; *O romance na América Latina (Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1988)*; e do volume da *Série Autores Gaúchos sobre João Gilberto Noll (Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989)*. Organizou também a obra *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina (Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995)*, além de produzir diversos artigos para revistas e jornais. Participou, com ensaios, dos livros *Figurações do feminino nas manifestações literárias (Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2005)*, organizado por Tereza Marques de Oliveira Lima e Maria Conceição Monteiro, e *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura (Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz: Edunisc, 2003)*, organizado por Izabel Brandão e Zahidé Muzart, entre outros.

Confira a seguir a entrevista com ela, concedida por e-mail para a IHU On-Line.

IHU On-Line - Cem anos de solidão teve um enorme êxito: foi traduzido para 35 idiomas e suas vendas são estimadas em 30 milhões de exemplares. A que se deve tamanho sucesso?

Márcia Hoppe Navarro - Há menos de dois meses (em 26 de março de 2007), na abertura do *IV Congresso Internacional de la Lengua¹*, em Cartagena das Índias,

¹ IV Congresso Internacional da Língua Espanhola: consistiu em quatro dias de seminários e encontros que concluíram que o espanhol

momento em que foi lançada uma edição de um milhão de exemplares de *Cem anos de solidão*, Gabriel García Márquez² mencionava que são muitos mais: são

se consolidou como língua universal e símbolo da unidade ibero-americana. (Nota da *IHU On-Line*)

² Gabriel García Márquez (1927): jornalista e escritor colombiano. Em 1982 recebeu o Nobel de literatura pelo livro *Cem anos de solidão*. Gabo, como também é conhecido, é considerado um dos responsáveis por criar o “realismo fantástico” na literatura latino-americana. Na sua carreira de jornalista, trabalhou para os jornais *El Universal*, *El Heraldo* e *El Especta*. Em 1958 trabalhou como correspondente

aproximadamente 50 milhões de leitores, os quais, se pudessem viver juntos em um mesmo pedaço de terra, equivaleriam ao número de habitantes de um dos vinte países mais populosos do mundo. O autor afirmava o número não por vaidade pessoal, mas sim para enfatizar que “no se trata, ni puede tratarse, de un reconocimiento a un escritor. Este milagro es la demostración irrefutable de que hay una cantidad enorme de personas dispuestas a leer historias en lengua castellana, y por lo tanto un millón de ejemplares de *Cien Años de Soledad* no son un millón de homenajes al escritor que hoy recibe, sonrojado, el primer libro de este tiraje descomunal. Es la demostración de que hay millones de lectores de textos en lengua castellana esperando, hambrientos, de este alimento”. Este dado responde em parte a sua pergunta. Mas, obviamente, o livro não teria o êxito que teve se não fosse extraordinário, maravilhoso, exercendo uma espécie de encantamento permanente em seus leitores. Além disso, é uma obra que vai ao encontro de uma busca pela identidade latino-americana, que revela nossa história e decifra nossas origens. Isso se deve ao fato de que ao completar quarenta anos desde sua publicação, *Cem anos de solidão*, a obra mais conhecida de García Márquez, que já se firmou como clássico, não apenas da literatura latino-americana, mas também da literatura mundial, pode ser lido de várias maneiras, agradando desde os leitores mais simples, bem jovens às vezes, até os mais sofisticados, críticos literários com muita experiência nas costas e caminho andado. Outro motivo para esse interesse generalizado é que nesse romance de 1967 reaparecem histórias e personagens de obras

internacional na Europa e três anos depois, criou a Fundação Neo Jornalismo Iberoamericano. Enquanto escritor, publicou seu primeiro trabalho intitulado como *Relato de um naufrago*. De vasta obra literária, destacamos *Amor nos tempos do cólera* (1985), *Cheiro de goiaba* (1982), *Notícias de um seqüestro* (1996), *Doze contos peregrinos* (1992) e *Memórias de minhas putas tristes* (2004). (Nota da IHU On-Line)

anteriores do autor colombiano, e por isso o livro já foi definido como o tabuleiro completo de um quebra-cabeça cujas peças foram sendo introduzidas nos seus livros precedentes.

IHU On-Line: García Márquez considera seu livro *O outono do patriarca* uma espécie de anti-*Cem anos de solidão*, afirmando que não gostaria de repetir a fórmula. García Márquez ficou preso ao rótulo de ser o autor de *Cem anos de solidão*, ou as melhores características de seu trabalho se concentram nessa obra? Por quê?

Márcia Hoppe Navarro - Não sei por que Gabriel García Márquez afirmou isso sobre *O outono do patriarca*¹, que é um romance excepcional sobre o poder e a solidão do poder na América Latina, no sentido político do termo solidão como falta de solidariedade. Neste aspecto, a questão fundamental dos dois romances, não poderia jamais ser um “anti-*Cem anos de solidão*”, pois através do Patriarca o autor elabora um desenvolvimento hiperbólico do poder que chega a ter o Coronel Aureliano Buendía, o personagem mais importante de *Cem anos de solidão*. Em *O outono do patriarca*, o autor apresenta um ditador resignado à solidão, resultado de sua ânsia em busca do poder absoluto, o que leva a bruscamente afastar sentimentos de solidariedade e amor. E, à falta destes, como num círculo vicioso, amplia-se sua solidão. A narrativa de *O outono do patriarca* desenvolve-se através dos olhos de um ditador que vive, também exageradamente, entre 107 e 232 anos, descortinando a história do continente latino-americano durante mais de quatro séculos de colonização e a sucessão de várias intervenções de potências estrangeiras no país fictício. As imagens hiperbólicas e extremamente bem-humoradas desenharam a história dos povos latino-americanos, desde o descobrimento da América. Um exemplo deste humor é

¹ MÁRQUEZ, Gabriel García. *O outono do patriarca* (Rio de Janeiro: Record, 1975). (Nota da IHU On-Line)

a forma como culmina o despojo continuado que marca a história: com a venda do mar pelo patriarca, inusitada criação literária que concretiza a cena inesquecível do mar sendo levado pelos norte-americanos em peças numeradas, como se fosse um gigantesco quebra-cabeça. *O outono do patriarca* narra como, desde o começo do século XX, os Estados Unidos se tornara o “pai protetor” do país caribenho, em troca da exploração vitalícia do subsolo. A venda do mar simboliza assim a dependência absoluta, com o último recurso natural sendo entregue na tentativa de saldar a dívida externa, o auge do processo de expropriação que começara naquela “histórica sexta-feira de outubro”, quando o patriarca nota que todos os servidores de seu palácio usam bonés colorados, em alusão à chegada de Colombo na América.

Quem sabe *O outono* possa ser considerado um anti-*Cem anos de solidão* apenas porque nesse primeiro romance o povo, representado de certa maneira por várias gerações de uma família, por não ter consciência histórica e não saber amar, entra em decadência e é destruído. *O outono do patriarca*, por outro lado, embora no seu início mostre um povo temeroso e submisso, alienado por um sistema de repressão política e omissão ideológica de fatos históricos, um povo que receia festejar a morte do patriarca (narrada por cinco vezes, no começo de cada capítulo), por outro lado revela que este mesmo povo vai adquirindo sua autonomia, desenvolvendo uma identidade própria, uma consciência histórica. Assim, nota-se que dois processos contrários ocorrem simultaneamente em *O outono do patriarca*. O patriarca, devido aos persistentes esforços para reprimir e eliminar o passado, sofre um desgaste progressivo que o leva ao aniquilamento final e à morte física. O outro processo, paralelo, mas em direção oposta, é a gradual recuperação da memória coletiva, ou seja, é o povo que começa a aprender a resgatar o passado, sendo a junção de várias vozes individuais que se sucedem ao longo da obra. Percebe-se, então, que o povo, ao contrário de

Cem anos de solidão, aparece como sujeito da história e o patriarca, que sempre lutara para manter o povo subalterno, é destruído.

Talvez García Márquez diga que não havia pretendido repetir a fórmula de *O outono do patriarca* porque o livro não foi tão bem recebido pelos leitores quanto *Cem anos de solidão*. O livro do ditador é escrito quase sem pontuação, e tal fato confundiu certos leitores acostumados às leituras mais fáceis, já mastigadinhas. Eu considero muito adequada a “fórmula” de *O outono do patriarca*, um livro excepcional, onde a forma está muito de acordo com o conteúdo, ou seja, a narração já exemplifica o narrado, pois já te coloca imediatamente frente a um poder absoluto, intransponível, que não apresenta brecha, nem mesmo a de pontuação.

IHU On-Line: Qual é a importância de *Cem anos de solidão* para o que se conheceu como “boom” na literatura hispano-americana na década de 1960, com a publicação de diversos autores, a exemplo de Carlos Fuentes, Julio Cortázar, Vargas Llosa, Cabrera Infante e Alejo Carpentier?

Márcia Hoppe Navarro - *Cem anos de solidão* foi publicado em 1967 e foi o livro mais lido do chamado “boom” (não gosto do termo, que significa explosão e parece que depois da explosão só restam os escombros) da Literatura Latino-americana. Penso que foi a partir de sua publicação e difusão que se começou a ver a literatura latino-americana realmente como um conjunto. Embora os outros escritores sejam extremamente importantes neste conjunto e a publicação na década de 1960 de *O jogo da amarelinha*¹ por Cortázar², *A morte de Artemio Cruz*¹ por Fuentes²,

¹ CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha* (São Paulo: Abril Cultural, 1985). (Nota da IHU On-Line)

² Cortazar (1914-1984): escritor argentino, professor de Literatura. Exilou-se em Paris. Cortázar faz uma ruptura com o realismo, é influenciado pelos surrealistas franceses e abre as portas à ficção fantástica. Autor de 22 livros, dos quais um dos mais conhecidos e

*Batismo de Fogo*³, *Conversa na Catedral*⁴ por Vargas Llosa⁵, *Três tristes tigres*⁶ por Cabrera⁷ Infante, *O século das luzes*⁸ por Carpentier⁹, entre outros, foi um marco literário sem precedentes, penso que o romance de García Márquez foi a gota d'água que fez transbordar o copo. Ou seja, a partir daí não havia mais como negar o fenômeno chamado de “a nova narrativa latino-americana”.

prestigiados é *O jogo da amarelinha* (São Paulo: Civilização Brasileira, 1999). *Rayuela* é o seu título original, tendo sido publicado em 1963. (Nota do *IHU On-Line*)

¹ FUENTES, Carlos. *A morte de Artemio Cruz* (São Paulo: Abril Cultural, 1985). (Nota da *IHU On-Line*)

² Carlos Fuentes (1928): escritor mexicano. Foi embaixador do México na França. Lecionou em Harvard, Cambridge, Princeton. Foram-lhe atribuídos diversos prêmios e distinções entre os quais o Prêmio Miguel de Cervantes, em 1987. É autor de, entre outros, *La región más transparente* (1958). (Nota da *IHU On-Line*)

³ LLOSA, Mario Vargas. *Batismo de fogo* (São Paulo: Círculo do Livro, 1976). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ LLOSA, Mario Vargas *Conversa na catedral* (São Paulo: Círculo do Livro, s.d.). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Jorge Mario Pedro Vargas Llosa (1936): escritor peruano, autor de *Os chefes* (1958) e *Batismo de fogo* (1963). Foi candidato à presidente do seu País em 1990. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ CABRERA INFANTE, G. *Três tristes tigres* (São Paulo: Global, 1980). (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Guillermo Cabrera Infante (1929 - 2005): escritor cubano, naturalizado britânico. Em 1951 fundou Cinemateca de Cuba e escreveu sobre cinema na revista *Carteles*. Em 1954 dirigiu o Conselho Nacional de Cuba. Nesse mesmo ano foi editor de *Revolucion* e criou o suplemento literário *Lunes*. De sua obra, destacamos *Assim na paz como na guerra* (1960), *Um ofício de sigilo XX* (1960) e *Três tistes tigres* (1965). (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ CARPENTIER, Alejo. *O século das luzes* (3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004) (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ Alejo Carpentier (1904 - 1980): Escritor cubano. De pai francês e mãe russa, Carpentier reflete essa circunstância no seu cosmopolitismo. Nos anos 1930 publica *Pasión negra* (poemas) e *Ecué-Yamba-O* (romance). Após um longo silêncio, em 1948 publica *El reino de este mundo*, romance em que capta o realismo mágico do continente americano, baseando-se numa intriga referente ao primeiro imperador negro do Haiti. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Para o escritor peruano Mário Vargas Llosa, *Cem anos de solidão* “tem o mérito pouco comum de ser, simultaneamente, tradicional e moderno, americano e universal, volatiza as lúgubres afirmações de que o gênero (“realismo maravilhoso”) está em processo de extinção. Além de escrever um livro admirável, García Márquez - sem se haver proposto isso, talvez até por acaso - conseguiu restaurar uma filiação narrativa interrompida há séculos”. Poderia nos falar sobre essa filiação narrativa que García Márquez conseguiu reestabelecer em seus escritos?

Márcia Hoppe Navarro - Vargas Llosa deve ter afirmado isso no livro que resultou de sua tese de doutorado na Universidade de Cambridge, **García Márquez: História de um deídicidio**, onde ele estuda a obra de García Márquez. Imagino que seja a filiação narrativa desde os tempos da epopéia, não é? Mas García Márquez vai muito além: ele apresenta o tempo mítico, o tempo histórico e o tempo literário em *Cem anos de solidão*, cuja narrativa é construída a partir do modelo do ciclo cósmico: criação, desenvolvimento e destruição, centrando-se no povoado de Macondo e na história da família Buendía. No período da criação, o autor revela fatos sobre a fundação de Macondo, uma aldeia utopicamente feliz, onde imperava a absoluta igualdade entre os membros da comunidade. Era um mundo paradisíaco criado por José Arcadio Buendía, onde não havia desigualdade social, mas o tempo era a-histórico e nele coexistiam vários estágios da humanidade. Um acontecimento, no entanto, interrompe o reino da felicidade e do tempo mítico: uma peste de insônia, cuja terrível seqüela - o esquecimento - submergirá as vítimas numa espécie de “idiotice sem passado”. Melquíades, o cigano que escreve a história de Macondo em seus pergaminhos, cura, literal e literariamente, a peste, devolvendo a memória a seus habitantes.

Neste momento, depois da peste de insônia, Macondo

entra para a história. Inicia-se aí o tempo histórico, e também os cem anos de solidão que consagram o título do romance, solidão no sentido político, como já mencionei acima, da incapacidade de amar, solidão como a falta de solidariedade que marcou o desenvolvimento da América Latina desde o início de sua história. Mas como a solidariedade social identifica a etapa inicial da história ficcional, aquele período logo após a fundação de Macondo não é contabilizado nos “cem anos”, que começam apenas na segunda parte. Nesta segunda parte, as características míticas do período inicial cedem lugar ao desenvolvimento histórico de uma sociedade latino-americana contemporânea e subdesenvolvida. É a partir de um baile organizado pela matriarca Úrsula que começa a distinção entre as classes sociais, antes inexistente no povoado. Daí para frente, o desenvolvimento histórico passa a se caracterizar por uma série de fatos desastrosos, guerras e massacres, que marcaram a história da Colômbia, de meados do século XIX a meados do século XX. Durante este período, em que a história é re-elaborada e adquire dimensões próprias do irreal e do imaginário, os personagens são incapazes de criar uma consciência histórica. Os Buendía aceitam passivamente o futuro como pré-determinado e tentam esquecer o passado. Vêm o mundo como um mero ciclo de repetições. Mas tal circularidade é ilusória, pois esconde, na realidade, a idéia da desintegração.

O objetivo primordial de García Márquez em *Cem anos de solidão* é demonstrar que a persistente alienação histórica dos povos submetidos ao subdesenvolvimento acarreta um gradual, mas irrefreável enfraquecimento da base cultural e desenraizamento dos valores populares. O ponto culminante desta rejeição do passado, e que sinaliza o início da destruição de Macondo, é o massacre dos trabalhadores da companhia bananeira. A cena construída cuidadosamente por García Márquez é um relato ficcional do assassinato em massa dos trabalhadores grevistas da United Fruit Company¹, em Ciénaga,

¹ A United Fruit Company (1899-1970) foi uma das maiores empresas americanas que negociava frutas tropicais (principalmente bananas e abacaxis) cultivadas em plantações do terceiro mundo e vendidas na

na Colômbia, ocorrido em 6 de dezembro de 1928. Através deste episódio selecionado pelo autor para mostrar as conseqüências da dependência econômica, comprova-se a força da ficção ao isolar e dramatizar problemas fundamentais que representam a história da América Latina em sua totalidade. Depois do massacre, que seria negado e abafado da memória pública, o declínio se estabelece. À falta de consciência histórica se soma um dilúvio que dura quase cinco anos e uma seca de dez anos, calamidades que acabam por destruir Macondo.

Mas o significativo é que o ciclo cosmogônico não termina com a destruição, mas é ressuscitado pela literatura. Em conseqüência, a terceira parte do livro é de suma importância, pois a história se transforma, então, em literatura. É o livro que se narra a si mesmo, dentro de si mesmo. Ou seja, se na passagem da primeira à segunda parte o mito se transforma em história, na passagem da segunda à parte final, a história se transforma em literatura. Assim, mesmo se o último Aureliano e o que ainda resta de Macondo são destruídos por um furacão, um de seus amigos, Gabriel, consegue ir antes para Paris, onde através da escritura poderá reconstruir a história de uma família e de uma aldeia que, por não saberem amar, foram condenados a cem anos de solidão e à destruição final.

***IHU On-Line* - Pode ser notada uma influência das obras de Virginia Woolf no romance de García Márquez, no sentido da disposição e composição dos personagens, sobretudo femininas, visto que *Mrs. Dalloway* era uma de suas obras favoritas?**

Europa e nos Estados Unidos. Os críticos frequentemente acusavam a companhia de neocolonialismo explorador e descreveram-na como o exemplo arquetípico da influência de uma corporação multinacional na política interna das “repúblicas das bananas.” O massacre das bananas foi como ficou conhecido o episódio ocorrido em 1928, no qual trabalhadores, que lutavam contra a empresa norte-americana United Fruit Company, foram massacrados pelo Exército da Colômbia. (Nota da *IHU On-Line*).

Márcia Hoppe Navarro - Em uma longa entrevista a Plinio Apuleyo Mendoza¹, que resultou no livro *El olor de la guayaba*, García Márquez realmente afirma que seria um autor muito diferente do que é se, quando tinha vinte anos, não tivesse lido a seguinte frase em *Mrs. Dalloway*²: “Pero no había duda de que dentro (del coche) se sentaba algo grande: grandeza que pasaba, escondida, al alcance de las manos vulgares que por primera y última vez se encontraban tan cerca de la majestad de Inglaterra, el perdurable símbolo del Estado que los acuciosos arqueólogos habían de identificar en las excavaciones de las ruinas del tiempo, cuando Londres no fuera más que un camino cubierto de hierbas, y cuando las gentes que andaban por sus calles en aquella mañana de miércoles fueran apenas un montón de huesos con algunos anillos matrimoniales, revueltos con su propio polvo y con las emplomaduras de innumerables dientes cariados”. A frase é de Virginia Woolf, mas parece de García Márquez, sem dúvida. O que me parece uma pena, no entanto, é que a autora de *Mrs. Dalloway* e de *Um teto todo seu*³, que influenciou toda uma geração de feministas, não tenha também influenciado García Márquez em outras dimensões, menos formais e mais políticas. Refiro-me à forma de representar as mulheres no universo narrativo de García Márquez, e principalmente em *Cem anos de solidão*. Nenhuma mulher participa da busca de conhecimento, nenhuma mulher compartilha as dimensões do imaginário e do intelectual. Elas ficam restritas ao ambiente doméstico, são mesquinhas como Amaranta, mantenedoras da tradição patriarcal como Úrsula, ou repressoras e retrógradas como Fernanda Del Carpio, ou são as amantes, as que providenciam

¹ Plinio Apuleyo de Mendoza (1932-): escritor e jornalista colombiano, é o atual embaixador da Colômbia em Portugal. É autor de vários livros, entre eles *Años de fuga* (Premio Plaza & Janés de melhor romance de 1979), *El olor de la guayaba* (conversaciones con Gabriel García Márquez, 1982), *La llama y el hielo* (1984) e *Cinco días en la isla* (1997). (Nota da *IHU On-Line*)

² WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

³ WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

sexo, como Pilar Ternera ou Petra Cotes. Da complexidade do ser humano do gênero feminino García Márquez extrai aspectos limitados e muito tradicionais para apresentar a mulher, sendo neste sentido totalmente diferente de personagens de Virginia Woolf, como a própria *Mrs. Dalloway*, que, apesar de ser tão festeira quanto a última Amaranta Úrsula, é uma personagem complexa, densa, profunda. A mulher em *Cem anos de solidão* é caracterizada por aspectos relacionados ao corpo no seu sentido reprodutor (ser mãe é a “função” feminina por excelência, como tentam ensinar Amaranta e Úrsula à Remédios, a Bela), ou ao corpo como fonte de prazer sexual do homem. São apenas corpo, a busca epistemológica está interdita às personagens femininas criadas por García Márquez.

O escritor chileno Ariel Dorfman⁴ menciona no último capítulo de um excelente livro de ensaios sobre a literatura latino-americana contemporânea, *Some write to the future*⁵, que García Márquez lhe disse algo mais ou menos assim: que, ao escrever *Cem anos de solidão*, ele não poderia dar um futuro diferente ao que o povo havia, infelizmente, criado para si mesmo na América Latina, escrevendo sobre algo, inventando o que as próprias pessoas ainda não haviam construído para si mesmas. Explicaria essa afirmação, justificando a forma convencional, às vezes até machista, do autor colombiano apresentar suas personagens femininas? Não sei, talvez não. Para mim esta é uma questão polêmica sobre *Cem anos de solidão*, um dos seus únicos pontos fracos.

⁴ Ariel Dorfman: romancista, dramaturgo e colaborador do *New York Times*, nasceu em 1942, na Argentina, mas vive atualmente com a família em Durham, Carolina do Norte, onde trabalha como professor na Duke University. É autor de vários livros importantes e da peça *A morte e donzela*, traduzida em mais de 40 línguas, apresentada em 90 países e adaptada para o cinema, com direção de Roman Polanski. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ DORFMAN, Ariel. *Some write to the future* (Duke University Press, 1991). (Nota da *IHU On-Line*)

“Cem anos de solidão é uma espécie de microcosmo da América Latina”

ENTREVISTA COM EDUARDO COUTINHO

Nos livros de García Márquez, afirma o Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho, “encontramos lado a lado episódios que poderiam ser chamados de “realistas” no sentido tradicional do termo e que poderiam estar presentes em qualquer romance realista ou naturalista do século XIX”. Para ele, García Márquez se diferencia dos outros escritores de sua época por empregar “lado a lado o real e o sobrenatural transitando normalmente de uma categoria para a outra”, explica.

O objetivo do autor ao escrever, expressa Coutinho, é mostrar que o universo cultural latino-americano não costuma separar o real e o irreal “como se fossem compartimentos estanques, mas, ao contrário, as vê como elementos que convivem e se complementam”.

Graduado em Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Literatura Comparada pela University of North Carolina e doutor em Literatura Comparada pela University of Califórnia, atualmente Eduardo F. Coutinho é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Publicou as obras Em busca da terceira margem: ensaios sobre o Grande sertão: veredas (Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993) e Literatura comparada na América Latina: ensaios (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003). Organizou também os livros Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001) e Literatura Comparada: textos fundadores (Rio de Janeiro: Rocco, 1994), este em colaboração com Tania Franco Carvalhal. É autor ainda dos Cadernos IHU Idéias de número 73, intitulado Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa¹. Essa publicação está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu)

Confira abaixo a entrevista concedida por Coutinho à IHU On-Line por e-mail.

¹ João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962) e *Tutaméia* (1967). A edição 178 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. De 25 de abril a 25 de maio de 2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de *Grande sertão: veredas*. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - García Márquez, em crônica publicada em 1979, disse que os escritores latino-americanos deviam reconhecer que a realidade é melhor escritora que eles. O senhor acha que, através de suas histórias de ficção, García Márquez tenta contar a história do seu povo e a realidade colombiana?

Eduardo F. Coutinho - Com certeza. García Márquez em suas obras está o tempo todo falando de sua realidade, e não apenas da realidade colombiana, mas latino-americana como um todo. E, o que é interessante, para falar da realidade ele emprega uma técnica que se tornou conhecida como “realismo mágico” ou “maravilhoso”. Isso porque a sua preocupação era apreender a realidade em tantos de seus aspectos quanto possível, e a realidade latino-americana tinha para ele uma feição múltipla que incluía um lado lógico-racionalista, proveniente da colonização européia e um lado mítico-sacral, oriundo da tradição cultural indígena e dos africanos trazidos para o continente como escravos. Assim, em seus livros, encontramos lado a lado episódios que poderiam ser chamados de “realistas” no sentido tradicional do termo e que poderiam estar presentes em qualquer romance realista ou naturalista do século XIX - como, no caso de *Cem anos de solidão*, a greve e o massacre dos operários da companhia bananeira - e episódios que seriam vistos como mágicos - como, ainda na mesma obra, os casos de ressurreição (Melquíades) ou de levitação (Remédios a Bela ou o Padre Nicanor Reyna). Mas o ponto fundamental é que García Márquez relata todos esses episódios tão distintos num mesmo tom, neutralizando a oposição tradicional entre “real” e “irreal”. Não é à toa que ele declarou em uma de suas entrevistas que levou dezesseis anos para escrever *Cem anos de solidão*, não pela narrativa em si, que ele já havia concebido de antemão, mas porque estava buscando o tom exato de narrar, tendo-o encontrado finalmente na maneira com que sua avó

relatava episódios de caráter sobrenatural com a naturalidade de alguém que acreditava piamente em tudo.

IHU On-Line - Com a tradução do romance *Cem anos de solidão* para o inglês, Gabriel García Márquez se tornou a voz mais proeminente do movimento denominado “realismo maravilhoso”. Especialistas dizem que autores desse movimento, como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Carlos Fuentes e Mario Vargas Llosa retratam a América Latina de maneira mágica e, ao mesmo tempo, misteriosa. Especificamente em *Cem anos de solidão*, qual é o objetivo do autor?

Eduardo F. Coutinho - O que esses autores têm em comum é o fato de terem pertencido a uma geração que projetou a narrativa latino-americana no panorama internacional, mas, na realidade, suas obras são bastante distintas. Todos eles, é verdade, apresentam um ponto em comum, o questionamento da lógica racionalista européia, que havia sido incorporada pelos escritores latino-americanos de gerações anteriores, mas a maneira como realizam esse questionamento em suas obras é bastante distinta. Borges¹ e Cortázar, por exemplo, servem-se com mais frequência da categoria do “fantástico”, que fica numa linha divisória entre o real e o sobrenatural, mas sem extrapolar, a não ser em algumas situações especiais, completamente para o plano da sobrenaturalidade; já García Márquez emprega

¹ **Jorge Luiz Borges** (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como *O homem da esquina rosada* e *O sul*. Sobre Borges, confira a edição 193 da *IHU On-Line*, de 28-08-2006, intitulada Jorge Luiz

lado a lado o real e o sobrenatural, transitando normalmente de uma categoria para a outra. Seu objetivo, entre outros, é mostrar que o universo cultural latino-americano não costuma separar essas categorias como se elas fossem compartimentos estanques, mas, ao contrário, as vê como elementos que convivem e se complementam, não sem certa dose de tensão.

IHU On-Line - O escritor mexicano Sergio Pitol disse certa vez que, se não fosse por García Márquez, milhares de leitores de todo o mundo não teriam tocado em algum livro latino-americano e nem sequer saberiam que em nosso continente existe uma cultura. O senhor concorda com essa afirmação? García Márquez exerce, enquanto escritor, um papel tão fundamental para a divulgação da literatura da América Latina?

Eduardo F. Coutinho - A afirmação de Sergio Pitol¹ contém certa dose de hipérbole, uma vez que já muitos de nossos autores eram conhecidos na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo, e já tinham obras traduzidas em diversos idiomas, mas eu compartilho de seu entusiasmo a respeito do impacto que teve a obra de García Márquez, e, em especial, o livro *Cem anos de solidão*. O sucesso desse romance despertou o interesse dos editores europeus e norte-americanos pela literatura latino-americana e fez com que eles começassem a publicar suas obras. O resultado foi a projeção internacional de toda uma produção literária de qualidade, mas ainda muito restrita ao seu contexto de origem. Na esteira de *Cem anos de solidão*, muitas obras de autores latino-americanos contemporâneos passaram a ser lidas e apreciadas no exterior, mesmo

Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Sergio Pitol (1933):** escritor, tradutor e diplomata mexicano. É membro do Serviço Exterior Mexicano desde 1960, para o qual trabalha como associado cultural em Paris, Varsóvia, Budapeste, Moscou e Praga. (Nota da *IHU On-Line*)

algumas que já tinham sido inclusive traduzidas e premiadas. Nesse sentido, García Márquez constitui um marco na história da literatura latino-americana. Sua obra, além disso, passou a influenciar escritores em todas as partes do mundo, principalmente com questões como a do emprego do “realismo mágico” ou “maravilhoso” a que nos referimos antes e que esteve no início associado à busca de identidade cultural.

IHU On-Line - Partindo do princípio de que a maioria das obras de García Márquez narram histórias fictícias, e no caso de *Cem anos de solidão*, em específico, a história de uma pequena cidade, é possível que sua produção tenha sido influenciada pelo cinema ou pelas teledramaturgias, ou, ao contrário, sua obra acabou influenciando a produção de documentários, filmes e novelas?

Eduardo F. Coutinho - É sempre uma questão delicada e bastante complexa dizer-se que obra influenciou a outra, principalmente quando se trata de formas distintas de expressão, mas não há dúvida de que a obra de García Márquez tem forte apelo popular, máxime pelo resgate que ela faz da velha técnica de narrar histórias, vinda já desde *As mil e uma noites*², e do uso do “realismo maravilhoso” com o qual o autor, ao narrar ao mesmo tempo episódios realistas concretos e sobrenaturais, busca expressar, de maneira mais próxima, o imaginário do homem comum latino-americano. Assinale-se ainda o fascínio que o livro

² *As mil e uma noites*: no original, intitulado *Alf Lailah Oua Lailah* é uma obra clássica da literatura árabe, constituindo uma coleção de contos orientais. São estruturados como histórias em cadeia, em que cada conto termina com uma deixa que o liga ao seguinte. O francês Antonie Galland foi o responsável por tornar o livro conhecido no ocidente (1704). Os árabes foram reunindo e adaptando esses contos de várias tradições. Assim, os contos mais antigos são provavelmente do Egito do século XII. A eles foram sendo agregados contos hindus, persas, síriacos e judaicos. As versões mais populares hoje em dia são as que se baseiam em traduções de Richard Burton (1850) e Andrew Lang (1898). (Nota da *IHU On-Line*)

exerce pela questão da saga familiar, pelo relato do cotidiano de uma comunidade que constituía uma espécie de microcosmo da América Latina. Todos esses aspectos aproximam a obra de um gênero popular como a teledramaturgia e de um meio de expressão como o cinema, voltado para um público amplo.

IHU On-Line - Poderíamos estabelecer uma aproximação entre García Márquez - sobretudo na construção do “realismo maravilhoso” de *Cem anos de solidão* - e Guimarães Rosa, este com seu cenário de dualismo e linguagem aproximada à de Joyce em *Grande sertão: veredas* ou em contos de *A terceira margem do rio*?

Eduardo F. Coutinho - A aproximação entre os dois autores reside no fato de que ambos questionam a lógica racionalista como única forma de apreensão do real e enveredam por uma literatura que busca substituir a visão excludente da produção canônica tradicional por outra marcada por uma perspectiva mais ampla ou inclusiva que contemple ao mesmo tempo diversas possibilidades. Só que eles o fazem por caminhos distintos. Em Rosa, por exemplo, não há “realismo mágico” ou “maravilhoso”, e mesmo o fantástico é raro; ele fica no plano do insólito ou da mera indagação, sem passar para o plano do sobrenatural, tão presente em García Márquez. No *Grande sertão: veredas*¹, por exemplo, que foi a obra citada, o elemento sobrenatural é insinuado com grande frequência, mas não aparece em momento algum como entidade concreta. A figura do demônio é mostrada como parte integrante da visão de mundo do homem do sertão, mas ela não toma forma concreta na narrativa. Sua presença chega a ser sentida pelo protagonista Riobaldo, mas ela não toma corpo. Do mesmo modo, no conto que dá título ao volume *A terceira margem do rio*, a situação narrada é insólita - a

¹ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987-1991). (Nota da *IHU On-Line*)

de um homem passar o resto da vida numa canoa para cima e para baixo de um rio -, mas não ultrapassa para o plano da sobrenaturalidade, uma vez que as condições básicas de sobrevivência (alimentação e agasalho) lhe são supridas pelo filho. No que diz respeito à linguagem, as duas obras são bastante distintas. García Márquez se serve em geral de uma linguagem fluida, corriqueira, de cunho jornalístico, em que predomina grande preocupação com o relato, com a velha técnica de narrar, embora utilize recursos por vezes bastante sofisticados, como as antecipações e recuos da narrativa, mas não há nada em sua linguagem que se aproxime do labor de ourivesaria que Rosa constantemente realiza e que o aproxima de Joyce. Creio que a aproximação mais justa no caso de García Márquez seria com a linguagem de Faulkner², por exemplo.

IHU On-Line - García Márquez escreveu, com Vargas Llosa, o livro *A novela na América Latina*. Poderia nos dizer qual é a importância de ambos para a concepção de uma literatura latino-americana?

Eduardo F. Coutinho - A importância de ambos é enorme. Tanto um quanto o outro tiveram um papel bastante significativo na projeção da literatura latino-americana no plano internacional. Antes do sucesso de *Cem anos de solidão*, Vargas Llosa já havia conquistado um prêmio importante com a publicação de *La ciudad y los perros (Batismo de fogo)*³ e já estava tornando-se conhecido na Europa, e García Márquez foi quem deu o passo decisivo nessa direção. Eles foram figuras de destaque na chamada geração do *boom* da narrativa latino-americana e despertaram, com o sucesso de seus livros, o interesse por outros autores, também de

² William Cuthbert Faulkner (1887-1962): considerado um dos maiores escritores norte-americanos do século XX. Em 1949 foi nomeado Prêmio Nobel de Literatura. (Nota da *IHU On-Line*)

³ VARGAS LLOSA, Mario. *Batismo de fogo* (São Paulo: Circulo do Livro, 1976). (Nota da *IHU On-Line*)

excelente nível, mas ainda menos conhecidos. Além disso, com o livro citado, *A novela na América Latina*, chamaram atenção para os aspectos comuns de suas obras, bem como da de outros autores latino-americanos do momento, mostrando que a literatura de qualidade que se produzia no continente àquela época não era um fenômeno restrito a um ou outro autor, mas algo coletivo, de toda uma geração. A obra de ambos é vasta e continua agradando tanto ao meio intelectual quanto ao leitor comum. Ela é hoje amplamente estudada no meio universitário e a fortuna crítica de ambos os autores é das maiores da literatura hispano-americana contemporânea. O número de edições se sucede de maneira extraordinária e cada vez há mais traduções para idiomas distintos.

IHU On-Line - Cem anos de solidão tende a organizar sua narrativa em torno de grandes teorias acerca da identidade cultural e política latino-americana. O que García Márquez tentou transparecer por meio de sua obra?

Eduardo F. Coutinho - Foi preocupação de García Márquez produzir uma obra que estivesse voltada para a

realidade cultural latino-americana, marcando suas diferenças com relação à produção literária européia e norte-americana que integravam o chamado cânone ocidental. Daí a sua crítica tão veemente à lógica racionalista, cartesiana, que ele considerava própria dos colonizadores europeus, e seu uso do “realismo mágico” ou “maravilhoso”, que via como uma reação à tirania daquela lógica. Segundo ele, o continente latino-americano não podia ser moldado por parâmetros próprios da visão de mundo do conquistador europeu, uma vez que era formado por componentes distintos do ponto de vista histórico, cultural, étnico, social, político, religioso etc., e foi isso que ele tentou mostrar em *Cem anos de solidão*, obra que por isso mesmo foi vista como um microcosmo da América Latina. A obra relata a saga de uma família, e, por extensão, de toda uma comunidade, latino-americana, durante cem anos, que corresponde a um percurso do gênesis ao apocalipse, traduzindo, metonimicamente, as etapas por que passou o continente, e refletindo criticamente sobre a sua história.

“Cem anos de solidão foi uma revelação”

ENTREVISTA COM LUÍS AUGUSTO FISCHER

Para o professor e escritor Luís Augusto Fischer, a obra Cem anos de solidão, de García Márquez, “dá notícia de um mundo fenecido, um mundo soterrado pela modernização das relações de mercado”. Segundo ele, essa obra se destaca devido à força com que foi contada.

Luís Augusto Fischer é mestre e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professor adjunto de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UFRGS, onde leciona desde 1984. Entre suas obras, destacamos: Para fazer diferença (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999); Contra o esquecimento (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001); Rua desconhecida (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002); Literatura brasileira - modos de usar (São Paulo: Abril, 2003); Literatura gaúcha - história, formação e atualidade (Porto Alegre: Leitura XXI, 2004); 50 anos de Feira do Livro - vida cultural em Porto Alegre, 1954-2004 (Porto Alegre: L&PM, 2004); De ponta com o vento norte (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004); e Quatro negros (Porto Alegre: L&PM, 2005), que lhe rendeu o Prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) em 2005.

A entrevista que segue foi concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - O sucesso da obra *Cem anos de Solidão*, de García Márquez se deve a quais elementos? É possível, por exemplo, perceber singularidades em seu estilo, no tom com que relata suas histórias? Quais seriam elas?

Luis Augusto Fischer - O sucesso de *Cem anos* tem a ver com muita coisa: é um livro sedutor pelo enredo, com várias gerações se sucedendo diante do leitor, num desses romances com sopro épico que sempre funcionam bem, como, por exemplo, em *O tempo e o vento*²⁸, para usar um caso local de grande interesse. Mas é também um livro que dá notícia de um mundo fenecido, um mundo soterrado pela modernização das relações de mercado, mundo que no romance aparece na forma de uma consciência irracional, ou pré-razional, presente em grande parte dos personagens. E tem também o estilo do texto, mas isso eu colocaria como um elemento até secundário, para o caso concreto: García Márquez escreve bem, belamente, mas no caso de *Cem anos* a força vem mesmo é da história contada.

IHU On-Line - De que maneira podemos entender a tirania do Coronel Aureliano em *Cem anos de solidão*? Ele pode ser visto como o retrato do coronelismo existente ainda em cidades ou povoados da América Latina?

Luis Augusto Fischer - Sim, é um dos grandes retratos do coronel arbitrário que existe por toda parte de nosso continente, o coronel que é um tirano, mas é amável e eventualmente terno, sempre, porém, despótico

²⁸ A trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, é considerada uma das mais importantes obras brasileiras. Dividida em *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1962), o romance representa a história do estado gaúcho, de 1680 até 1945, através da saga das famílias Terra e Cambará. Sobre Érico Veríssimo, foi publicado o Cadernos IHU número 61, intitulado *Incidente em Antares* e a *Trajatória de Ficção de Érico Veríssimo*. A publicação é de autoria da Profa. Dra. Regina Zilmerman. O texto está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

e atendendo apenas a seus caprichos pessoais. É um retrato que figura ao lado de outros, como se lê na obra do mexicano Juan Rulfo²⁹, do brasileiro Guimarães Rosa³⁰ etc., cada qual com suas marcas e peculiaridades, mas todos compondo uma geração de grandes narradores empenhados em contar como funciona o mundo do que nós, no Brasil, conhecemos como "sertão", a terra ainda não alcançada pela lógica do Estado, da Lei e da Mercadoria.

IHU On-Line - De alguma maneira, *Cem anos de solidão* contribuiu para modificar a visão que o restante do mundo tinha da América Latina?

Luis Augusto Fischer - Seguramente, porque fez parte daquele "boom" dos anos 1960 e 1970, quando grandes escritores latino-americanos, particularmente hispano-americanos, entraram em circulação na Europa e nos Estados Unidos, algumas vezes em tradução para o francês e o inglês. Foi uma revelação para os europeus cansados de narrativas por assim dizer pálidas, autocentradas, ligadas a um mundo solipsista, de

²⁹ Juan Rulfo (1917-1986): escritor mexicano, nasceu em Sayula, município do estado Jalisco, no México. Descendente de uma família de proprietários de terras que foi a falência, Rulfo viveu num orfanato em Guadalajara, após a morte dos pais. Durante vinte anos trabalhou como agente de imigração por todo o México. Na década de 1950, publicou o livro de contos *El llano em llamas* e o romance *Pedro Páramo*. Depois de publicar essas duas obras, Rulfo abandonou a atividade e passou a colaborar com outros escritores como Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez, escrevendo para a televisão, e dedicando-se à fotografia. Rulfo foi diretor do departamento de publicações do Instituto Nacional Indígena do México, membro da Academia de Letras Mexicana e recebeu vários prêmios literários em vida, de entre os quais o Prêmio Príncipe de Astúrias, em 1983. O escritor morreu, de câncer, aos 68 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ João Guimarães Rosa (1908 - 1967): médico, escritor e diplomata brasileiro. Autor de contos e livros marcados pela presença do sertão. Sua obra ficou marcada pela linguagem inovadora, utilizando elementos de linguagem popular e regional, com fortes traços de narrativa falada. De suas obras, destacamos *Grande sertão: veredas* e *Sagarana*. (Nota da *IHU On-Line*)

indivíduos sem rumo vivendo em cidades opressivas etc. Esses escritores sopraram nas brasas do romance e deram um novo fôlego para a narrativa ocidental, enquanto narravam as mazelas do continente americano, contando as histórias locais que estavam soterradas, que nunca tinham encontrado voz literária, porque se tratava de imaginário muito ligado ao mundo indígena, de gente miserável que não se tinha integrado à cidade moderna.

IHU On-Line - Parece haver características que aproximam uma obra como *Cem anos de solidão*, do escritor colombiano, de sagas como *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo. Há, em primeiro plano, uma multiplicidade de personagens, cujas histórias são contadas por várias gerações. Ainda sob esse ponto de vista, pode-se fazer uma aproximação entre o fato de García Márquez compor a cidade de *Cem anos de solidão*, Macondo (que já havia aparecido, por exemplo, na obra *O enterro do diabo*), com características da cidade onde nasceu, Aracataca, assim como em *O tempo e o vento* pode-se estabelecer uma ligação entre Santa Fé e Cruz Alta?

Luis Augusto Fischer - Sim, as coisas têm bastante relação. Um escritor e roteirista brasileiro chamado Doc Comparato³¹ relata que García Márquez conheceu *O tempo e o vento* e admirou muito o modo como Erico Veríssimo³² tinha equacionado o relato das várias gerações e tempos; o colombiano teria mesmo afirmado que depois da leitura do clássico de Erico é que ele teria

³¹ Doc Comparato: nasceu no Rio de Janeiro em 1942. Formado em medicina, estreou na televisão em 1978. Foi roteirista da série *Plantão de Polícia* e escreveu a primeira minissérie nacional *Lampião e Maria Bonita*. (Nota da *IHU On-Line*)

³² Erico Veríssimo (1905-1975): um dos escritores brasileiros mais populares do século XX. Em 1932 foi diretor da *Revista do Globo*. De suas obras, destacamos *Fantoche* (1932), *Clarissa* (1933), *Olhai os lírios do campo* (1938), *O tempo e o vento - o continente* (1949), *O tempo e o vento - o retrato* (1951), *O tempo e o vento - o arquipélago* (1961) e *A vida de Joana D'Arc* (1935). (Nota da *IHU On-Line*)

encontrado o caminho para escrever *Cem anos*. Quanto ao aspecto biográfico, seguramente há algo de depoimento verdadeiro nas cidades imaginadas pelos dois grandes narradores.

IHU On-Line - Fazendo referência a uma tradição do romance brasileiro, podemos aproximar a obra de García Márquez, em alguns pontos (como o foco no universo dos coronéis, a preferência por contar histórias de famílias e sua transformação ao longo de anos), daquela feita por Jorge Amado?

Luis Augusto Fischer - Sim, tem todo cabimento a relação, mas eu pensaria mais em escritores menos efusivos e mais profundos, por exemplo, José Lins do Rego³³ e suas melancólicas narrativas sobre o fim do mundo dos engenhos, ou Guimarães Rosa e as profundezas do sertão bravo, ainda que este, claro, seja muito superior a García Márquez em realização literária (o que acaba sendo um empecilho para sua leitura, tanto em português quanto em alguma língua para a qual tenha sido traduzido; quer dizer: sendo mais artístico, Guimarães Rosa é mais exigente para sua compreensão e sua fruição do que García Márquez).

IHU On-Line - De que modo a literatura de García Márquez pode ter causado influência no cinema ou nas teledramaturgias? Algumas novelas da Globo, por exemplo, tentaram lidar com elementos do fantástico em suas tramas. No cinema, um filme como *Chocolate*, por sua vez, tem uma influência visível das lendas e do universo de fantasia de *Cem anos de solidão*, além de concentrar sua trama numa pequena cidade fictícia, em que os personagens interagem... Também pode haver uma influência do cinema em sua obra?

³³ José Lins Rego Cavalcanti (1901 - 1957): escritor brasileiro que se destacou na literatura regionalista. Em 1922, fundou o seminário Dom Casmuro. Formou-se em Direito no ano seguinte. Em 1932, publicou o livro *Menino de engenho*. (Nota da *IHU On-Line*)

Luis Augusto Fischer - Essa suposta influência é mais confluência do que outra coisa. Claro que a narrativa trivial da televisão aproveita conquistas da grande arte narrativa, e mesmo escritores de bom nível, como Isabel Allende³⁴ (ou, em escala nacional, Letícia Wierzchowski³⁵), podem ser vistas como descendentes de certas conquistas de García Márquez, como a coisa do sobrenatural agindo etc. Ocorre que muitos outros escritores dos anos 1950 e 60 operaram nessa mesma faixa, a de colocar em cena mentalidades pré-rationais, ou pára-rationais, ou irracionais (que um ótimo crítico como José Hildebrando Dacanal³⁶ chama de "consciência mítico-sacral", termo muito bom que aparece em seu livro "Nova narrativa épica no Brasil")³⁷. Foi o caso de García Márquez, do peruano Manoel Scorza³⁸, do citado Juan Rulfo, e dos brasileiros Guimarães Rosa, Mário Palmério, José Cândido de Carvalho e do dramaturgo (e

³⁴ **Isabel Allende (1942)**: jornalista, escritora chilena, radicada nos Estados Unidos. É considerada uma das principais revelações da literatura latino-americana da década de 1980. Sua obra é marcada pela ditadura no Chile. De suas obras, destacamos *A casa dos espíritos* (1982), que em 1993 foi reproduzida no cinema por Bille August. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ **Letícia Wierzchowski (1972)**: escritora brasileira. Seu romance de estréia foi *O anjo e o resto de nós* (1998). O livro narra a saga da família Flores, ambientada no início do século XX. De suas obras, destacamos *A casa das sete mulheres* (2003). Sobre a obra, pode ser conferido no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) o *Caderno IHU Idéias* número 17, intitulado *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade*, de Mario Maestri. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **José Hildebrando Dacanal**: professor aposentado de Literatura Brasileira da UFRGS. É autor de *Eu encontrei Jesus - Viagem às origens do Ocidente* (Porto Alegre: Sergiua A. M. Gonzaga, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ **DACANAL, Jose Hildebrando. Nova narrativa épica no Brasil** (Porto Alegre: Instituto Estadual Do Livro, 1973). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Manuel Scorza (1928-1983)**: novelista, poeta peruano. Em 1981 foi considerado o primeiro de uma lista de escritores com fama internacional. De suas obras, destacamos *La danza inmóvil*. (Nota da *IHU On-Line*)

teledramaturgo também) Dias Gomes, para não ir muito longe. Mesmo o Erico Verissimo do final de carreira andou arriscando algo na área, com seu *Incidente em Antares*, em que mortos ressuscitam e voltam à cidade. Quer dizer: essa idéia estava no ar da América Latina naquela altura, e alguns artistas a captaram no ar e deram a ela uma forma literária competente.

***IHU On-Line* - Como você apresentaria o livro *Cem anos de solidão* aos jovens leitores do século XXI?**

Luis Augusto Fischer - Como uma saga familiar, mas também profundamente histórica, que dá notícia interna do funcionamento da opressão e do funcionamento do choque radical entre um mundo que funciona pela lógica pré-mercantil e outro em que essa regra já está no comando, tudo isso contado com maestria, misto de lirismo, caráter épico e humor.

Cem anos de solidão: contribuição para a identidade caribenha

ENTREVISTA COM DERNIVAL VENÂNCIO RAMOS JUNIOR

“Eu considero Cem anos de solidão o melhor livro que li na vida”, afirma Dernival Venâncio Ramos Junior, entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ele, a obra de García Márquez retrata o patrimônio cultural dos caribenhos e dos países periféricos, ao mesmo tempo em que relaciona jornalismo e literatura.

Dernival possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás, e está concluindo o doutorado em História pela Universidade de Brasília, tendo sua tese o título “Cultura de migração em Gabriel García Márquez”. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América, atuando principalmente nos seguintes temas: Gabriel García Márquez, História e Literatura, História e Cultura Caribenhas e Cultura de migração.

Confira, a seguir, a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - A paisagem estabelecida por García Márquez, em sua obra, o que se confirma em *Cem anos de solidão*, é a da coleção de histórias, lendas, mitos, da América Latina. A obra do escritor colombiano também pode ser vista, mesmo com sua magia, como uma representação simbólica do ambiente político latino-americano em que foi criada?

Dernival Ramos Junior - Acredito, como historiador, que a obra literária dialoga intensamente com o momento histórico no qual apareceu. Mas não é fácil estabelecer uma relação entre o contexto histórico e o conteúdo das obras literárias. Na maioria das vezes, isso é impossível. A obra não reflete a sociedade, dialoga com ela tensamente, recria, renega, destrói os sentidos socialmente aceitos; não poucas vezes, propõe outros sentidos, outras formas de ler a sociedade a qual pertence. É o que acontece com *Cem anos de solidão*. Depois da Segunda Guerra Mundial muitos dos sentidos socialmente aceitos em muitos países latino-americanos e caribenhos começaram a ser desconstruídos. A idéia de

que deveríamos “copiar” a chamada civilização ocidental foi questionada duramente. No caso da literatura, essa “cópia” se dava na forma da imitação de modelos estéticos do romantismo, realismo, vanguardas etc. O último grande modelo importado havia sido o surrealismo. O primeiro a aproveitá-lo foi Alejo Carpentier, que teorizou o famoso “realismo maravilhoso” como contraponto ao surrealismo. Num nível mais profundo, isso quis dizer: buscar na cultura popular os elementos de sustentação da literatura latino-americana e caribenha.

No caso de García Márquez, que leu Carpentier em 1952, sua obra é uma releitura magistral da relação que a nação colombiana construiu historicamente com o Caribe. A região do Caribe colombiano, ou *La Costa*, foi construída historicamente como o outro dentro da idéia de nação que as elites andinas, representadas por Bogotá, construíram e com a qual se identificavam. García Márquez constrói sua obra a partir da

cultura caribenha, validando retoricamente a experiência cultural daquela região. Sua obra impulsionou todo um movimento de identidade cultural que levou a *Costa* a se reconhecer como Caribe, e reconhecer a riqueza da experiência cultural da região. Antes de García Márquez, porém, ninguém usava o termo Caribe para se referir à Costa Atlântica da Colômbia. Ele realiza o que eu chamo de “Caribenização da Costa Atlântica”.

IHU On-Line - Qual é a ligação da obra de García Márquez com a cultura popular caribenha?

Dernival Ramos Junior - Sua obra é fundamental dentro da criação de uma identidade “Caribe” para a região. Hoje existe, no Caribe colombiano, um forte movimento de identidade cultural caribenha que se deve, em grande medida, a sua obra. Se Cervantes³⁹ fundou a Espanha, García Márquez fundou a Colômbia caribenha.

IHU On-Line - O senhor produziu um trabalho, no qual analisou a obra *Cem anos de solidão* e traçou um panorama histórico do pós-Segunda Guerra Mundial e suas implicações no ambiente social e cultural caribenho. Como foi essa pesquisa? Quais os principais aspectos que você analisou, associando-os à obra *Cem anos de solidão*.

Dernival Ramos Junior - Na pesquisa a qual se refere, eu buscava os elementos culturais que ligavam a obra de García Márquez com o Caribe. Analisei o que chamo de retóricas culturais. A primeira delas foi o carnavalesco. A outra o maravilhoso. Na verdade, estava cansado do tal “realismo maravilhoso” como modo exclusivo de analisar García Márquez. *Cem anos de solidão* é um dos livros que mais me fez rir, e isso me incomodava. O maravilhoso produz algo diferente de riso, em geral, espanto,

³⁹ Miguel de Cervantes e Saavedra (1547-1616): escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da IHU On-Line)

silenciamento. Queria entender então como García Márquez podia contar aquelas histórias “maravilhosas” de modo que fizesse rir e não silenciar. O que precisava fazer era comparar as tradições culturais caribenhas com a obra de García Márquez. Usei a idéia de retórica cultural. O maravilhoso, que chamei de retórica do encantamento, busquei em alguns contos orais recopilados e publicados. Neles encontrei o mesmo modo narrativo de García Márquez no que diz respeito ao maravilhoso: contar as coisas mais ‘estranhas’, como um fio de sangue que atravessa um povoado, ou uma mulher extremamente linda que é arrebatada ao céu, da maneira mais cotidiana possível. Como se isso ocorresse diariamente.

García Márquez e a cultura carnavalesca

O que descobri foi que o carnavalesco vai além do carnaval, e que o maravilhoso vai além do mágico. São duas faces da narrativa oral caribenha. Dependendo de como e de onde se narre, a mesma história pode ser maravilhosa ou carnavalesca. Ou seja, depende do público e do lugar de narração. Assim, o carnavalesco, que chamei de retórica hiperbólica, estava presente tanto nas histórias de humor como em história mágicas. Tudo depende da *performance* do narrador. E García Márquez conseguiu transferir esses elementos da narrativa oral para a narrativa escrita; seu narrador é um grande *performer*, um grande ator.

IHU On-Line - É possível traçar uma relação entre García Márquez, Guimarães Rosa e Alejo Carpentier, já que de alguma maneira eles tentam, através de suas obras, retratar a cultura popular?

Dernival Ramos Junior - É possível, embora essa relação seja pouco conhecida no Brasil. A relação mais importante é a que estes três autores estabelecem entre suas obras e a cultura popular. Neles, a cultura popular é o “elemento de legitimidade” de suas narrativas. E

chegaram a tal posição a partir do que chamo de “viagens para dentro”. Em fevereiro de 1952, García Márquez faz a sua “mítica viagem” à Aracataca, povoado onde havia nascido e de onde, segundo ele, teria surgido sua vocação de escritor; em junho, três meses depois, Rosa fez uma longa viagem pelo sertão. Nessa viagem ele teria realizado a pesquisa para *Grande sertão: veredas* e outras obras, como a novela *Buriti*. Em janeiro de 1953, Alejo Carpentier termina o seu mais importante livro, *Los pasos perdidos*⁴⁰. Livro que narra uma viagem ao interior de um país sul-americano por um artista frustrado, viagem essa que terá o poder de revitalizar sua força criadora. Em *Buriti* de Rosa, também Miguel retorna ao sertão em busca de seu passado e encontra o amor em Maria da Glória depois de uma vida vazia na cidade. É importante lembrar que Miguel é Miguilim, personagem que na novela *Miguilim* é enviado à cidade para estudar. Esses três autores colocam, assim, seja na viagem em busca da cultura popular, ou na viagem de pesquisa, como Carpentier, ou de reencontro com um mundo deixado para trás, García Márquez e Rosa, a razão de ser de suas obras. Isso está ligado a uma busca identitária, que tem como razão de ser a desconstrução dos sentidos socialmente aceitos, que ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial.

IHU On-Line - O senhor, enquanto pesquisador da obra de García Márquez, considera *Cem anos de solidão* uma das melhores obras hispano-americanas? A que atribui tamanho sucesso?

Dernival Ramos Junior - Eu considero *Cem anos de solidão* o melhor livro que li na vida. Mas esse é meu gosto pessoal. E eu não comprei os 30 milhões de exemplares que a obra vendeu; comprei apenas três. Na verdade, García Márquez nem sempre foi unânime como nos parece hoje. Partes de sua obra foram censuradas na

⁴⁰ CARPENTIER, Alejo. *Os passos perdidos* (São Paulo: Brasiliense, 1985). (Nota da IHU On-Line)

antiga União Soviética, a tradução feita nos Estados Unidos passou inicialmente despercebida, e, nos países árabes, como Irã, os capítulos eram vendidos no mercado negro, gravados em fitas K-7 até recentemente. Não havia permissão de publicá-la. Apenas na América Latina e no Caribe o sucesso foi imediato. Depois do Nobel, em 1982, García Márquez alcançou sucesso mundial. Até mesmo na Colômbia, ele inicialmente não foi uma unanimidade. No final dos anos de 1970, ele teve que sair do país protegido diplomaticamente pela embaixada do México depois que foi emitida uma ordem de prisão contra ele, no qual o acusavam de cooperação com a guerrilha. Apenas depois de 1982, ele obteve alguma unanimidade. Contudo, o que foi fundamental para a aceitação da obra, foi uma particular leitura que a relaciona com o pensamento utópico de esquerda, que depois da Revolução cubana, tinha grande acolhida em todos os países latino-americanos e caribenhos.

IHU On-Line - As obras de García Márquez são interpretadas das maneiras mais diversas. Em *Cem anos de solidão*, quais são as possíveis interpretações?

Dernival Ramos Junior - Antes do Nobel, já haviam surgido muitas leituras. A mais importante delas, que é o melhor estudo escrito até hoje sobre *Cem anos de solidão*, é o livro *Gabriel García Márquez: historia de un deicidio*, de Mario Vargas Llosa. Assim, me parece que essa leitura de “esquerda da obra” e depois o Nobel foram responsáveis em grande medida pela sua fama. Contudo, hoje, a leitura que prevalece é a que se relaciona com o “realismo maravilhoso”. Com o fim da legitimidade do pensamento de esquerda, surgem cada dia outras e outras leituras. Na Colômbia, em 1997, se realizou um congresso sobre García Márquez; neste encontro surgiram leituras muito interessantes: uma que relaciona o pensamento de García Márquez com a cultura judia, e uma outra que mostra a relação entre García

Márquez e mitos bíblicos⁴¹, entre muitas outros. Acredito que com a crítica às leituras anteriores surgirão outras leituras e enriquecerão o nosso conhecimento sobre a obra e a própria obra.

IHU On-Line - García Márquez sempre foi um homem de esquerda; defende Fidel Castro, por exemplo. De que maneira essa posição se reflete na obra *Cem anos de solidão*?

Dernival Ramos Junior - A amizade entre os dois é um fato muito interessante. Mas é importante lembrar que García Márquez é amigo de Fidel Castro⁴² e de Bill Clinton⁴³. Mas não acredito que esta amizade tenha influenciado na obra do autor. Ele sempre se manteve independente das decisões políticas de Fidel Castro, assim como o fato de ser amigo de Clinton não levou-o a colocar-se do “lado” dos Estados Unidos. A ligação de García Márquez com o pensamento de esquerda é anterior à revolução cubana e a sua amizade com Fidel Castro. Ela vem do ambiente intelectual colombiano dos anos de 1950, quando o Partido Comunista Colombiano estava se organizando. É bom dizer também que sua ligação como o mundo do pensamento de esquerda nunca foi dogmático e que em alguns casos esse não

⁴¹ Sobre o assunto há um texto nessa edição intitulado “A Bíblia em *Cem anos de solidão*, de García Márquez”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Fidel Castro (1926)**: foi o primeiro-secretário do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, é presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros de Cuba, onde governa desde 1959. Desde 1976, passou a governar também como chefe de estado. Em 2006, delegou suas funções às Forças Armadas de Cuba e ao irmão Raúl Castro Ruz, Ministro da Defesa, enquanto se recuperava de uma cirurgia. Fidel retornou ao poder em maio deste ano. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **William Jefferson Clinton (1946)**: Mais conhecido como Hill Clinton, foi o 42º presidente dos Estados Unidos, por dois mandatos, entre 1993 e 2001. Antes de ser eleito presidente, Clinton foi governador do estado do Arkansas por cinco mandatos. (Nota da *IHU On-Line*)

dogmatismo e sua ligação com Fidel Castro lhe causaram muitos problemas. Seu “desencanto” com o bloco comunista ocorreu já nos anos de 1950, quando visitou a URSS e escreveu uma série de reportagens sobre a vida “atrás da cortina de ferro”. No final dos anos de 1970, ele foi acusado de ser um intermediário entre as FARC⁴⁴ e Cuba, e foi emitida uma ordem de prisão contra ele. García Márquez e sua mulher Mercedes foram obrigados a deixar o país sob proteção diplomática mexicana. A acusação era um disparate, mas teve conseqüências graves. O país se voltou contra ele, e ele foi taxado de traidor. Contradição: menos de três anos depois ele ganha o Nobel, e a Colômbia inteira o proclama uma espécie de herói nacional. Há alguns meses, quando completou oitenta anos, visitou Fidel Castro, que como sabemos está muito doente; dias depois, no Congresso da Língua Espanhola realizado em Cartagena, onde foi homenageado, se encontrou com Bill Clinton, e conversaram amigavelmente. Maravilhoso? Carnavalesco? Talvez, com certeza alguém que tem uma capacidade (muito caribenha) de se relacionar com pólos opostos sem ter que se aferrar dogmaticamente a um deles.

IHU On-Line - As obras de García Márquez têm o que podemos chamar de um lado mágico, fantasioso, que remete ao conhecido “realismo maravilhoso”. No entanto, ele afirma que toda obra tem um fundo de verdade. Podemos dizer que *Cem anos de solidão* tenta demonstrar que na América Latina tudo tem um

⁴⁴ **Farc**: Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, ou simplesmente FARC, foi criada em 1964 como uma guerrilha-revolucionária do Partido Comunista Colombiano. As FARC são a mais antiga e uma das mais capacitadas e melhor-equipadas forças insurgentes do continente sul-americano. Foi durante a Conferência da Sétima Guerrilha, realizada em 1982, que a denominação *Ejército del Pueblo*, ou Exército do Povo (EP), foi adicionada ao nome oficial do grupo. (Nota da *IHU On-Line*)

pouco de fantasia, até mesmo devido à mistura de povos?

Dernival Ramos Junior - O fato de García Márquez afirmar que tudo em sua obra tem base real é parte de sua *performance* da diferença caribenha em relação ao mundo ocidental. Em algumas entrevistas ele deixa os jornalistas irritados porque eles querem que ele “prove” que sua obra tem base real. Creio que isso está mais ligado a um discurso literário que reivindica - e reinventa - uma identidade para o Caribe baseado na contraposição com a cultura ocidental. García Márquez dá a entender que para ele não existe muita diferença entre “real” e “imaginário”. A obra de García Márquez é uma interpretação intelectual, de grande erudição, do mundo da oralidade, e não uma obra popular. Ela interfere, na verdade, muito pouco na cultura popular; seu público é a classe média e alta e não camponeses ou operários - mesmo que tenha chegado a alguns deles.

IHU On-Line - García Márquez tem como marca, pressionada pela profissão de jornalista, exercida durante muitos anos, a narrativa e o documentário. É correto afirmar que ele por esse motivo tenta, em suas obras narrar exemplos de seu estilo e racionalidade contrastados com as histórias incríveis de suas ficções?

Dernival Ramos Junior - A relação entre a obra jornalística de García Márquez e suas obras ficcionais é íntima. Foi como jornalista que García Márquez testou muitas de suas técnicas narrativas. Exemplo disso são suas longas reportagens escritas em forma de romance, *Relato de um naufrago*, de 1955. Ele escreveu outras reportagens em forma romancada como *Notícias de um seqüestro* e *A aventura de Miguel Littín clandestino en Chile*. São textos híbridos, formados pela mistura de romance e reportagem; contudo, não se pode esquecer que García Márquez se formou na escola jornalística norte-americana da qual saíram também nomes como

Capote⁴⁵. Ou seja, partem da idéia de que a reportagem é uma construção lingüística, que pretende ter como referencial a “realidade”. Mas como construção lingüística, está sujeita mais à própria linguagem que aos imperativos do fato.

O jornalismo de García Márquez

Na verdade, hoje, a reportagem é um dos gêneros mais autorizados socialmente, assim como a Crônica e a Relação foram no século XVI e XVII. Assim o que seria a racionalidade do texto jornalístico é ideologia, não há transparência possível quando se trabalha com símbolos. García Márquez começa escrevendo notas, observações poéticas da “realidade” de cidades como Barranquilla e Cartagena; depois, quando foi trabalhar em Bogotá, no *El Espectador*, o jornal mais importante da Colômbia, hoje e então, é iniciado na reportagem. Suas reportagens, porém, são textos pouco transparentes. Ele dá a notícia com recursos de romancista. Depois de *Cem anos de solidão*, suas reportagens se tornam cada vez mais redondas: são textos estruturalmente perfeitos como seus romances. Praticamente todos os textos do livro *Notas de prensa* são, do ponto de vista poético, tão densos quanto *Crônica de uma morte anunciada*. De qualquer modo, um dos pilares de sua insistência na “verdade de seus livros” se baseia no fato de ter sido jornalista; ele disse muitas vezes (e está no site de sua fundação *Nuevo periodismo*) que ser repórter é a melhor profissão do mundo. Justifica isso a partir da idéia de que o repórter escuta as histórias alheias e tem por obrigação contá-las a outros. Se sua obra se baseia na realidade, é isso também que ela faz, não?

⁴⁵ **Capote: Truman Streckfus Persons (1924-1984):** mais conhecido como Truman Capote. Foi escritor e jornalista norte-americano. Seu maior sucesso foi *A sangue frio* (1966), que em 2006 originou o filme *Capote*, indicado a 5 Oscars. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Qual é a importância da literatura enquanto meio para contar a história e o dia-a-dia de um povo?

Dernival Ramos Junior - A literatura é uma construção social de sentido. Essa frase que parece um *slogan* é, na verdade, a idéia mestra que guia minhas pesquisas. No caso de autores como García Márquez isso, como já disse acima, é patente. A literatura como parte da cultura de uma sociedade é parte de seu patrimônio. No caso do Caribe colombiano, com toda a história de negatividade projetada sobre ela desde os Andes, uma obra como a de García Márquez, e o reconhecimento internacional que

ela conseguiu, influenciou de modo decisivo na forma como os caribenhos se percebem, e o modo como se representam. Uma coisa que percebi na Colômbia e no Caribe colombiano, em 2005 quando no doutorado tive a oportunidade de ir à Colômbia, foi que praticamente todos os textos escritos depois de García Márquez, começam com uma citação de uma de suas obras. Começam mais ou menos assim: “como disse García Márquez...”. Isso é válido também para grande parte dos intelectuais andinos. Hoje, García Márquez é um patrimônio dos caribenhos e dos países periféricos.

Um estrondo desde o início

ENTREVISTA COM LAURA HOSIASSEN

“Após décadas de experimentalismos formais”, explica a professora Laura Hosiasson, “o leitor passou a compor e recompor as várias linhas narrativas e os diversos quebra-cabeças espaciais e temporais”. Para ela, a obra de García Márquez, em especial Cem anos de solidão, foi um marco desse novo momento da literatura hispano-americana. “Cem anos de solidão foi estrondoso a partir da sua primeira publicação, em 1967”, recorda.

Na entrevista concedida à IHU On-Line na semana passada, por e-mail, Laura Hosiasson destacou que a obra proporcionou a “volta à simplicidade da forma, combinada com uma crescente complexidade do argumento”, o que proporcionou, ressalta ela, “confluir mito e história política do continente”. Assim, Cem anos de solidão, que completa 40 anos em 2007, tornou-se leitura obrigatória à “qualquer jovem adulto que se julgasse moderno”.

Graduada em Licenciatura em Literatura com menção em filosofia pela Universidad do Chile, Laura Hosiasson é mestre e doutora em Letras (Língua Española e Literatura Hispano-americano) pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, ela leciona na mesma universidade.

Confira a entrevista:

IHU On-Line - Qual é a importância de García Márquez, a partir, sobretudo, de *Cem anos de solidão*?

Laura Hosiasson - Como disse o mexicano Carlos Fuentes, outro grande escritor do período de Gabriel García Márquez, o colombiano escreveu com *Cem anos de solidão* um dos livros mais divertidos que já foram escritos na América Latina. Foi um estrondo desde o início, a partir de sua primeira publicação, em 1967. A partir daí, García Márquez se tornaria o primeiro escritor latino-americano a poder se dar ao luxo de viver onde quisesse e como quisesse, impondo suas condições aos editores.

Esse fenômeno pode ter tido várias razões, mas me parece que a principal tem a ver com essa fruição que a leitura de *Cem anos de solidão* propunha desde as primeiras frases. Após décadas de experimentalismos formais, como os das vanguardas e do chamado 'nouveau roman' francês, por exemplo, em que o leitor era chamado a compor e recompor as várias linhas narrativas e os diversos quebra-cabeças espaciais e temporais; em que múltiplos narradores dividiam a tarefa de contar a partir de ângulos diferentes, o narrador de *Cem anos de solidão* parecia retomar o lugar de uma onisciência tradicional e vinha entregar, num tempo pretérito e majestoso, o conteúdo da fabulosa saga dos Buendía. Embora existam inúmeros saltos na linha cronológica e vaivéns temporais, eles se aglutinam em volta de um sentido lendário da trama que avança sempre na direção de seu final. Ora, esta espécie de volta à simplicidade da forma, combinada com uma crescente complexidade do argumento, à medida em que o romance avançava, fazendo confluir mito e história política do continente e retirando de seu espectro ideológico qualquer redenção religiosa, teve um efeito tão insólito que, ao longo de toda a década de 1970, foi leitura obrigatória de todo e qualquer jovem adulto que se julgasse moderno. Hoje, esse efeito foi neutralizado pela banalização do procedimento e certamente o romance não produz mais

o impacto que teve naqueles anos. Muitos dos *best sellers* das décadas seguintes se utilizaram de fórmulas similares; dentre eles, os romances da chilena Isabel Allende, como *La casa de los espíritus*, para citar só um caso.

IHU On-Line - García Márquez teria desejado compor um retrato do povo latino-americano através da obra em questão?

Laura Hosiasson - Podemos pensar que cada micro-história, cada pequeno drama desenvolvido entre os seres que giram em torno à saga da família Buendía, é alegoria da evolução de uma História maior, a História de América Latina. Uma das formas interessantes desse movimento da alegoria está na relação entre credence, superstição e poder. A força dos poderosos está cimentada sobre formas de manipulação da credulidade dos oprimidos. A própria concepção binária do romance, entre Aurelianos e José Arcádios, na seqüência das gerações Buendía, determina oposições que se estabelecem como manifestações de crenças e de estruturas cíclicas e fechadas. Se pensarmos na origem bipartidária na história da política colombiana, nas décadas de 1840 e 1850, especialmente a partir de 1848, podemos estabelecer os paralelos diretos entre liberais (de certa forma, os José Arcádios) e os conservadores (os Aurelianos). De fato, já foi apontada a greve colombiana da companhia bananeira, entre 1884 e 1902, como o evidente antecedente histórico no episódio da chacina de 300 mil operários que simplesmente somem e que José Arcádio Segundo lembra ter testemunhado, mas cujo relato ninguém quer escutar e que, portanto, se perde no túnel do esquecimento.

IHU On-Line - Em *Cem anos de solidão*, é contada a saga de várias gerações da família Buendía-Iguarán. Em *O amor nos tempos do cólera*, que Neruda considera seu melhor livro, por sua vez, apresenta seus pais por

meio das figuras de seus personagens principais, Florentino Aziza e Fermina. Que importância tem a figura da família na composição da obra de García Márquez?

Laura Hosiasson - A estrutura familiar é, sem dúvida, um dos suportes formais de *Cem anos de solidão*. As entradas e saídas das personagens, nos múltiplos episódios, estão muito marcadas pelos laços de parentesco, sejam eles sanguíneos ou por aliança. A árvore genealógica é tão complicada e emaranhada que vários estudos sobre o romance apresentam-na diagramada em um esquema aparte, para ajudar na compreensão. Trata-se de quatro gerações que partem do casal primordial, José Arcádio Buendía e sua prima e mulher, Úrsula. Essa matriz incestuosa está no epicentro da trama que irá concluir com o acasalamento entre o último Aureliano e sua tia, Amaranta Úrsula. O próprio García Márquez afirmou em certa oportunidade que seu livro tratava justamente da questão da maldição do incesto. Lembremos que a saga se fecha com o nascimento de um menino com rabo de porco. Nas repetições dos nomes se inscreve uma idéia da história em espiral, reiterativa, que é também um dos vértices da narrativa. Quando os netos ou bisnetos repetem os gestos e hábitos de seus antepassados, a longeva Úrsula confirma sua impressão de que o tempo está voltando ao princípio: “Isto eu já sei de cor”, diz ela. Aqui também podemos pensar na significação mítica de toda essa engrenagem, que já foi longamente discutida a respeito do livro.

IHU On-Line - *Cem anos de solidão* é considerada uma obra literária enquadrada no “realismo maravilhoso”. Podemos dizer que o “realismo maravilhoso” é ainda uma estética literária valorizada?

Laura Hosiasson - O “realismo maravilhoso” é, na verdade, um conceito teoricamente muito problemático hoje em dia, como ferramenta efetiva para a análise

literária. Isto porque, se tirarmos dele os elementos pitorescos e exóticos, que são sua marca registrada, só sobram formas de representação do real muito variadas e, sobretudo, já de alguma maneira exploradas pela literatura desde os primórdios. Obras como o *Ubu rei* de Alfred Jarry, por exemplo, ou *Os cantos de Maldoror* de Lautréamont contêm elementos sobrenaturais ou extraordinários que contaminam o texto com total intensidade e naturalidade. A questão está na combinação desses procedimentos com uma idéia de identidade cultural latino-americana, tal como está definida por Alejo Carpentier, no prólogo do seu romance *O reino deste mundo*⁴⁶. Neste sentido, se pensarmos no “realismo maravilhoso” como uma terminologia específica para falar de uma série de obras que se estruturaram em torno de uma vontade de incorporação do ‘autóctone’ da identidade latino-americana dentro de um espectro universal, essa categoria serve. *Cem anos de solidão* é uma obra do “realismo maravilhoso”, assim como o é também *El reino deste mundo*, mas, embora a fórmula seja sedutora, ela se esgota com uma meia dúzia de livros. Ela se torna insuficiente para dar conta de outras obras do período, de escritores como Vargas Llosa, Cortázar, Jorge Luis Borges, Roa Bastos ou o próprio Carpentier, em que a aparição de elementos cosmopolitas ou a carência do pitoresco já as lançam em outro âmbito de repercussões.

Em 1996, um grupo de jovens escritores hispano-americanos, encabeçados pelo chileno Alberto Fuguet, decidiu compor uma antologia visando, justamente, a armar uma frente contra o que eles enxergavam como uma estratégia editorial européia e norte-americana para a publicação de livros hispânicos no exterior. O episódio desencadeador teria se dado quando uma prestigiosa editora dos Estados Unidos teria descartado duas dentre três obras selecionadas por não serem suficientemente

⁴⁶ CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985). (Nota da *IHU On-Line*)

‘real maravilhosas’. Agora, com a publicação de McOndo (evidente paródia de Macondo), estes jovens escritores iriam selecionar unicamente aquelas obras sem nenhuma pretensão de identidade latino-americana nem de expedientes exóticos ou rurais. Em McOndo “os temas e estilos são variados e muito mais próximos da aldeia global ou da mega rede”.

O que interessa aqui é ressaltar que o rótulo do “realismo maravilhoso” se transformou em possibilidade atrativa e eficiente de grandes sucessos editoriais. Mas, no que diz respeito à compreensão de um sistema das literaturas da região, esse rótulo fica longe de prestar algum serviço.

“Poucos autores conseguiram representar literariamente nossa incapacidade de tomar as rédeas da História”

ENTREVISTA COM WANDER MELO MIRANDA

Para Wander Miranda, autores como García Márquez podem ser considerados “artistas de primeira grandeza” porque apresentam, segundo ele, uma linguagem que “sempre estará aberta, em razão do seu alto nível de elaboração estética, para novas e diferentes leituras”. Ao sucesso de Cem anos de solidão, Miranda considera que se deve ao fato do escritor colombiano ter mesclado no enredo, o mito e o real.

Wander Melo Miranda é graduado em Letras e mestre em Estudos Literários pela Universidade de Minas Gerais. Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, Miranda é professor titular da Universidade de Minas Gerais (UFMG), editor da Editora UFMG e consultor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e revisor das revista Margens/Márgenes. É autor de Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago (São Paulo: Edusp, 1992) e organizou Narrativas da modernidade (Belo Horizonte: Autêntica, 1999) e Navegar é preciso, viver: escritos sobre Silviano Santiago (Belo Horizonte: Ed. UFMG; Bahia: EdUFBA; Rio de Janeiro: EdUFF), este em colaboração com Eneida Maria de Souza. Confira a entrevista concedida por e-mail pelo professor à IHU On-Line.

IHU On-Line - Por qual motivo Cem anos de solidão representa um marco na literatura universal?

Wander Miranda - São vários os motivos, mas o principal deles talvez seja o de trazer à cena literária

mundial um continente literário novo, em que a História se mescla ao mito de um modo até então pouco comum, formando um texto literário no qual as especificidades locais atingem um caráter generalizador, que passa a

falar de cada um e de todos.

IHU On-Line - Muitos autores europeus foram influenciados por Borges, que, talvez, ao lado de Octavio Paz (este mais como crítico do que como poeta), foi um dos poucos autores hispano-americanos a ter mais destaque internacional. García Márquez, que ganhou o Nobel como Paz, também atingiu essa importância? E esta se deve, sobretudo, a *Cem anos de solidão*?

Wander Miranda - Não creio que a "influência" de García Márquez seja semelhante à de Borges ou de Paz. Borges conseguiu atingir o leitor e o escritor europeus principalmente por trabalhar na fronteira entre a ficção e o ensaio. Dono de uma vasta erudição, seus mundos imaginários tomam a forma de um texto especulativo bastante original, que desfaz a barreira entre os gêneros literários e amplia o horizonte de expectativa do leitor, "universalizando-o". A atuação de Paz se parece mais com a de um grande pensador-poeta ou poeta-pensador (mais uma vez a desconstrução dos gêneros), que busca fazer uma ponte, sobretudo entre a cultura erudita européia e a cultura pré-colombiana (exuberante e riquíssima como a do México, por exemplo), colocando-as em diálogo e tensão. García Márquez como que aproveita tudo isso, mas sob a forma de uma volta ao enredo, comum nas narrativas populares da América Hispânica e no grande romance europeu do século XIX. Esse novo enredo irá influenciar de maneira especial os escritores pós-modernos norte-americanos, que têm o autor em conta de um de seus precursores, no sentido borgiano do termo.

IHU On-Line - É possível considerar a obra de García Márquez experimental, como as obras de outros autores latino-americanos, a exemplo de Borges, Lezama Lima, Guimarães Rosa ou Cortázar, ou ele é um autor que prefere histórias mais lineares, mesmo

que apresentando, muitas vezes, o assim chamado "realismo maravilhoso"?

Wander Miranda - Creio que sim, levando em consideração a resposta anterior. Vale insistir no modo novo como o enredo é retomado, o que permite ao texto ter várias camadas de leitura (procedimento que Umberto Eco⁴⁷ irá utilizar depois em *O nome da rosa*), sempre em superfície, ou seja, uma não exclui ou impede a outra, além do uso de uma linguagem aparentemente clássica na sua dicção, o que distancia o texto de García Márquez de certo hermetismo próprio a autores como Guimarães Rosa ou Lezama Lima⁴⁸, hermetismo devido em grande parte à experimentação vanguardista com a língua.

IHU On-Line - Harold Bloom considera que há uma influência de Kafka em García Márquez, o que este mesmo admite. Afinal, o livro que fez o escritor colombiano dedicar-se à literatura foi *A metamorfose*, que lhe recordou das histórias contadas pela avó durante a infância. Pode ser feita uma aproximação do "realismo maravilhoso" do escritor colombiano com o clima onírico de pesadelo, de "irreal", apresentado por Kafka em seus livros?

⁴⁷ Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, linguística e filosofia, dentre os quais destacam-se *Apocalípticos e integrados*, *A estrutura ausente* e *Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. *A ilha do dia anterior*, *Baudolino* e *A misteriosa chama da Rainha Loana* são outras de suas obras. (Nota da IHU On-Line)

⁴⁸ José Lezama Lima (1910- 1976) poeta, ensaísta e novelista cubano. Além de patriarca invisível das letras cubanas desde 1944 até 1957, fundou a revista *Verbum* e esteve a frente de *Orígenes*, a mais importante revista cubana de literatura. Considerado um dos fundadores do neobarroco na América, emergiu internacionalmente com a publicação de *Paradiso*, em 1966. Além de uma extensa produção de ensaios e poemas, Lezama escreveu também contos singulares, que dialogam com o conjunto de sua obra. (Nota da IHU On-Line)

Wander Miranda - A aproximação me parece pertinente apenas em parte. São dois projetos literários muito distintos: as "histórias contadas pela avó durante a infância" a García Márquez fazem toda a diferença. Não concordo também com o "método" de Harold Bloom⁴⁹, que, para legitimar o escritor latino-americano, precisa ancorar sua obra na experiência de um autor europeu, por mais que seja indiscutível a excelência de Kafka⁵⁰ e sua importância para a literatura do século XX.

IHU On-Line - Que elementos em comum Gabriel García Márquez e Graciliano Ramos trazem em suas obras *Cem anos de Solidão* e *Vidas Secas* para a realidade latino-americana?

Wander Miranda - São escritores muito diferentes, que têm concepções sobre a literatura que, em última instância, são conflitantes. Graciliano Ramos⁵¹ é fiel ao projeto realista, embora esteja a todo momento desconstruindo-o em seus romances por meio da acirrada reflexão metaficcional, ao contrário de García Márquez, para quem o realismo *stricto sensu* já não diz mais nada.

⁴⁹ Harold Bloom (1930): professor e crítico literário norte-americano, sempre defendeu os poetas românticos do século XIX. É autor de *A angústia da influência: uma teoria da poesia* (Rio de Janeiro: Imago, 1991), *Cabala e crítica* (Rio de Janeiro: Imago, 1991) e *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1994). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁰ Franz Kafka (1883-1924): escritor checo, de língua alemã. De suas obras, destacamos *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵¹ Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas Secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas Secas* foi o objeto de estudo do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, de 17-06-2004. Quem conduziu o debate foi a Prof^a MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da *IHU On-Line*, de 14-06-2005, disponível para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Mas ambos, por vias opostas, apresentam uma tomada de consciência da realidade latino-americana - mais desconsolada por certo em Graciliano; mais esfuziante em García Márquez.

IHU On-Line - Na obra *Cem anos de solidão*, García Márquez tenta de certa maneira, retratar a realidade dos povos latino-americanos. No entanto, apresenta um cotidiano mais fantasioso, diferente de Graciliano Ramos, que retrata seus personagens de maneira mais real. Em que medida as duas obras conseguem ser atuais nos dias de hoje?

Wander Miranda - Porque infelizmente nossos problemas pouco mudaram. Parece que estamos condenados a caminhar em círculos e poucos autores conseguiram representar literariamente como ambos essa nossa incapacidade de tomar as rédeas da História. Além do mais, são artistas de primeira grandeza, autores de obras que apresentam uma linguagem que sempre estará aberta, em razão de seu alto nível de elaboração estética, para novas e diferenciadas leituras.

O ícone do regionalismo colombiano

ENTREVISTA COM ALFREDO LAVERDE OSPINA

Para o professor Alfredo Laverde Ospina, da Universidade de Antioquia, Colômbia, a obra de García Márquez, especialmente Cem anos de solidão “se constituiu na obra principal de uma série de escritores colombianos empenhados em dar voz aos oprimidos e reflexionar em torno das origens da violência nacional”. Na entrevista que segue, o professor enquadra Cem anos de solidão como um dos livros “mais importantes do regionalismo que foi caracterizado pelas literaturas marginalizadas de todo o continente”.

Laverde é mestre em Literatura Hispano-americana pelo Instituto Caro y Cuervo - Seminário Andrés Bello, na Colômbia e doutor em Letras (Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americano) pela Universidade de São Paulo (USP). É autor da tese “Afinidades y oposiciones en la narrativa colombiana. Una lectura de Jorge Isaacs, José Asunción Silva, Gabriel García Márquez y Alvaro Mutis”. Atualmente, ele é professor da Universidade de Antioquia da Faculdade de Comunicações, Departamento de Literatura e Lingüística. Confira a seguir a entrevista concedida por ele à IHU On-Line, por e-mail.

IHU On-Line - De que maneira, na obra Cem anos de solidão, García Márquez contribuiu para a construção da literatura nacional e popular colombiana?

Alfredo Laverde Ospina - No contexto dos movimentos sociais, inspirados pelo idealismo esquerdista, no que resultou numa luta entre os partidos tradicionais (liberais e conservadores) na década de 1940, e que, posteriormente, daria origem às organizações guerrilheiras urbanas e campesinas, tanto na Colômbia como na América Latina, surge uma forma de literatura que tem suas más conseqüências, antecedentes aos resultados obtidos no Primeiro Congresso de Escritores da União Soviética, em 1934, que advogava pela representação da realidade com o fim de despertar o espírito revolucionário. De fato, e longitudinalmente amplo por todo o continente latino-americano, aparecem obras seriamente comprometidas com os processos

revolucionários das classes oprimidas. O que inicialmente dá origem a uma produção panfletária, sob influência da literatura inglesa e norte-americana (Virginia Woolf, James Joyce e William Faulkner, respectivamente), adquiriu, com o tempo, técnicas narrativas metropolitanas que deram qualidade estética às produções escritas no realismo crítico. Apesar disso, a beligerância e a brutalidade da guerra civil colombiana, acentuada em 1948 com o assassinato do líder popular Jorge Eliécer Gaitán⁵², obriga grande parte dos intelectuais a serviço da literatura a denunciar o que os meios de comunicação ignoravam. Essa literatura, denominada, na Colômbia, “da Violência”, devido a sua

⁵² Jorge Eliécer Gaitán (1903-1948): político, advogado e ministro colombiano, assassinado em plena campanha presidencial. Sua morte trágica provocou ampla reação popular, com a destruição do centro de Bogotá, conhecida como O Bogotazo. (Nota da *IHU On-Line*)

temática, se caracterizou pela emergência de sua função, pela falta de preparação de seus cultos e pela quase nula elaboração estética; o resultado acabou numa certa escatologia na descrição dos massacres e as perseguições afetadas por ambos bandos comprometidos com o conflito.

Nesse contexto, a obra de García Márquez, em especial **Cem anos de solidão**, constituiu-se na obra principal de uma série de escritores colombianos empenhados em dar voz aos oprimidos e refletir sobre as origens da violência nacional, tomando como fonte e instrumentos narrativos as técnicas da literatura ora os conteúdos do imaginário coletivo. Daí a obra de García Márquez, inscrita no denominado “realismo mágico”, constituir-se na melhor expressão do popular e do nacional. Não é errado afirmar que este realismo “descarnado” passou, inevitavelmente, a conformar um estilo cultural de elite. Em consequência, a partir de García Márquez, começou a se efetuar um deslocamento cultural capitalista até as regiões que até o momento careciam de representação.

***IHU On-Line* - Qual é a importância de Cem anos de solidão no contexto da literatura da América Latina?**

Alfredo Laverde Ospina - *Cem anos de solidão* (1967) é uma das obras mais importantes do regionalismo que foi caracterizado pelas literaturas marginalizadas de todo o continente. Sua importância, junto com as outras obras de seus contemporâneos, se deve ao tratamento estético indiscutível de problemáticas continentais, que até o momento haviam sido tema da crônica vermelha ou adaptavam a obras de caráter panfletário. De acordo com Ángel Rama⁵³, a matéria utilizada por García Márquez provém tanto da tradição escrita quanto da tradição oral.

⁵³ Ángel Rama (1926-1983): escritor, acadêmico e crítico literário uruguaio. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - O senhor afirma, na tese “Afinidades y oposiciones en la narrativa colombiana”, que García Márquez se concentra em dar forma aos sentimentos populares depois de tê-los vivido e assimilado. Como isso se traduz em Cem anos de solidão?**

Alfredo Laverde Ospina - As técnicas provenientes da literatura metropolitana deram aos escritores latino-americanos, pertencentes ao realismo crítico, os elementos suficientes para expressar a realidade que até este momento haviam sido excluídas da literatura nacional culta. Contudo, é importante afirmar que estas técnicas foram adaptadas a partir dos procedimentos tradicionais das literaturas orais. Neste caso da estrutura temporal, vemos que as obras de García Márquez fazem uma previsão de uma estrutura mítica (circular progressiva), própria dos relatos orais. É importante ressaltar, além disso, a presença das narrações próprias de contextos muito limitados que, devido a seu tratamento, adquiriram a conotação universal característica deste tipo de literatura. Por exemplo: a lenda de Francisco o Homem, a Cândida Erêndira, a figura do Coronel Aureliano Buendía - inspirada no líder liberal general Rafael Uribe⁵⁴ etc. Assim, as coisas, os procedimentos são múltiplos, desde o tratamento da matéria narrativa (tempo circular) até a consciência fabuladora coletiva (adjetivação discordante, redução das anedotas da frase, fórmula e piada), entre outros.

***IHU On-Line* - García Márquez disse algumas vezes que retratava em suas obras da realidade da América Latina. Ele conseguiu retratar o povo latino-americano, especialmente em Cem anos de solidão?**

Alfredo Laverde Ospina - Efetivamente, uma das frases mais citadas de García Márquez é aquela que se

⁵⁴ Rafael Uribe Uribe (1859-1914): advogado, jornalista, diplomata e militar, morto em assassinato. Um dos protagonistas da novela *Cem anos de solidão*, o Coronel Aureliano Buendía se baseia parcialmente em Rafael Uribe Uribe. (Nota da *IHU On-Line*)

refere ao resto da riqueza da realidade frente à literatura. Digamos que esta é uma verdade em partes, pois ele se refere especificamente aos imaginários coletivos, que, no fundo, são mais “reais” que as versões da história oficial. Apesar disso, na obra do escritor colombiano predomina a visão popular dos feitos. Isso não significa que suas obras não tragam consigo uma profunda reflexão sobre a marginalidade e os desenvolvimentos econômicos desiguais de nossos países.

IHU On-Line - O senhor afirma que *Cem anos de solidão* é uma modernização da literatura colombiana. A narrativa de García Márquez transcende o localismo sem abandonar as aspirações de fundar uma literatura nacional?

Alfredo Laverde Ospina - O tratamento permitido pela reelaboração de técnicas narrativas provenientes de literaturas forasteiras e a educação de procedimentos narrativos próprios da oralidade, além de enriquecer a aproximação estética das problemáticas nacionais - originadas pelos desenvolvimentos socioeconômicos desiguais, comum a todos os países do terceiro mundo -, permite aos autores do “regionalismo” alcançar o estatuto do antropológico.

É um feito, que toda literatura se valorize de ser “nacional” deve ser “necessariamente” incluída. A fórmula que se refere ao localismo tratado de maneira tal que adquire universalidade não pertence a García Márquez, pois já William Faulkner o havia exposto com respeito a seus povos natal no sul dos Estados Unidos.

IHU On-Line - Você afirma que *Cem anos de solidão*, *Os funerais da mãe grande*, *Ninguém escreve ao coronel* e *A má hora* são novelas de violência e que relatam bem a realidade da Colômbia da época. Especificamente em *Cem anos de solidão*, o escritor colombiano tentou destacar algum aspecto histórico mais relevante?

Alfredo Laverde Ospina - É evidente que as primeiras obras de García Márquez, desde *Jocasta* até *Cem anos de solidão*, se apresentam como a superação de um realismo um tanto ingênuo e escatológico da grande maioria das novelas “da Violência” anteriores a ele. Assim, os manifestos do escritor em seus poucos textos críticos se tratam de ir à raiz do assunto: a “Violência”. Ao enfrentá-la, García Márquez encontra nela quase todos os problemas do país, que tem sido submetido a processos socioeconômicos característicos de um capitalismo dependente. Quer dizer, a dissolução do que poderia vir a ser o vínculo societário, sem alguma vez existido, foi produzido pela invasão da ordem capitalista que, com suas diversas etapas impostas, não haviam permitido desenvolvimentos plenos de fases anteriores. Do meu ponto de vista, tanto *Jocasta* como *Cem anos de solidão* se centram na incapacidade que tem a classe dirigente de assimilar os processos econômicos internacionais. Como consequência, a massa e o povo têm sido oprimidos e são tomadas as armas ante a indolência dessa nobreza.

IHU On-Line - García Márquez fez uma crítica aos escritores amadores. Segundo ele, a única expressão literária que a Colômbia tem de sua história mostra uma realidade de um país literalmente frustrado. Ele diz ainda que para que a digestão literária política se cumpra é necessário um conjunto de condições culturais preestabelecidas. O senhor concorda com esta afirmação?

Alfredo Laverde Ospina - García Márquez sempre tentou ser hiperbólico em suas afirmações. Tem parcialmente razão. Se bem é certo que a literatura hegemônica colombiana, na segunda metade do século XX, sofria de espécie de paralisia devido à impossibilidade de afrontar os embates de um capitalismo internacional agressivo, também é inegável que a renovação da literatura colombiana estava se

efetuando há muito tempo. Hernando Téllez⁵⁵, César Uribe Piedrahita⁵⁶, Jorge Zalamea⁵⁷ etc. são alguns dos nomes de escritores cujas obras são verdadeiramente inovadoras no contexto da literatura colombiana, isto com respeito à prosa, porque na poesia León de Greiff⁵⁸, Eduardo Carranza⁵⁹, Aurelio Arturo⁶⁰, entre outros, haviam se destacado. As condições culturais existiam desde a década de 1920, mas, devido aos embates políticos e à ordem internacional, como a luta anticomunista e o surgimento do fascínio doméstico, haviam gerado, em toda América Latina, uma espécie de paralisia nos intelectuais. O que a literatura de ficção não podia fazer estava fazendo no ensaio. Resumindo, estou de acordo com as teses do “país frustrado”, mas me parece que isto deve ser extensivo a todo o terceiro mundo. O realismo socialista foi uma escola comum a toda América Latina e, sobretudo, deve ter-se dado conta que, naqueles tempos, a literatura comprometida era a que tinha mais prestígio. Inclusive, García Márquez afirma ter sido vítima da emergência da literatura comprometida, quando assinou que seu projeto combativo representado por *Ninguém escreve ao coronel*⁶¹ e *A má hora: o veneno da madrugada*⁶². Uma

⁵⁵ Hernando Téllez (1908-1966): jornalista e crítico literário colombiano, autor de, entre outros, *Luces en el bosque* (1946). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁶ César Uribe Piedrahita (1897-1951): médico e escritor colombiano. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁷ Jorge Zalamea (1905-1969): escritor colombiano. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁸ León de Greiff (1895-1976): escritor e poeta colombiano, autor de, entre outros *Bajo el signo de Leo* (1957). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁹ Eduardo Carranza (1913-1985): poeta colombiano, autor de, entre outros *Canciones para iniciar una fiesta*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁰ Aurelio Arturo (1906-1974): poeta colombiano. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶¹ *Ninguém escreve ao coronel* (14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980). (Nota da *IHU On-Line*)

⁶² *A má hora: o veneno da madrugada* (9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992). (Nota da *IHU On-Line*)

década depois desse projeto, segundo a crítica, chegaria a sua plenitude com Cem anos de solidão. Pessoalmente, não concordo com o escritor quanto à interrupção de seu projeto estético, mas creio que, para argumentar sobre isso, precisaria de mais tempo.

“O mundo de García Márquez é masculinizado”

ENTREVISTA COM MARCIA DUARTE

Ao resumir a importância de Cem anos de solidão, a professora Márcia Duarte a descreve como uma “chave de leitura para García Márquez, como uma porta hermeticamente fechada, mas cujos furos permitem entrever o que se passa no ambiente”. E o sucesso da obra, explica ela, se deve ao fato de ser “extremamente original, pois abarca um século da história da família Buendía, de modo a colocar o leitor como espectador dos mais tênues detalhes da vida familiar e social das personagens”. Em relação à imagem das mulheres apresentadas na obra, a professora ressalta que embora elas sejam “transgressoras, não há possibilidade de uma emancipação do feminino, pois esse mundo e esse momento não comportam uma tal perspectiva”. Entretanto, explica ela, “as mulheres da família Buendía não são totalmente submissas, elas se insurgem e se comportam como seres diferentes, tanto que não são, por vezes, compreendidas pelos homens”.

Duarte é graduada, mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua tese intitulou-se Os sussurros da sombra: a literatura escrita por mulheres na América Latina como (sub)versão da História. Docente na Unisinos, é autora de vasta produção acadêmica, desde artigos especializados a capítulos de livros. Em 02-06-2003 concedeu entrevista à IHU On-Line edição 62 falando sobre a obra Os Sertões, de Euclides da Cunha, apresentada no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, em 05-06-2003. É autora da edição 8 do Cadernos IHU Idéias, intitulada Simões Lopes Neto e a invenção do Gaúcho. A publicação tem como base a apresentação de mesmo nome que a professora conduziu no IHU Idéias de 4-09-2003. Sobre esse tema, confirma ainda a entrevista O gaúcho que antecipou Guimarães Rosa concedida à edição 73, de 01-09-2003. Em 13-03-2006, na edição 171 da IHU On-Line, Duarte concedeu a entrevista Caio Fernando Abreu: um autor extemporâneo tratando sobre o IHU Idéias que conduziu em 16-03-2006 intitulado Caio Fernando Abreu: uma síntese da pós-modernidade. Em 30-05-2006 Duarte ofereceu a oficina O simbolismo na poesia de Mario Quintana, dentro das atividades do Seminário Mario Quintana: cotidiano e poesia, promovido pelo IHU de 29 a 31-05-2006. A entrevista abaixo foi concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Como o homem e a mulher são mostrados na sociedade patriarcal apresentada por *Cem anos de solidão*?

Márcia Duarte - O homem e a mulher são vistos, em *Cem anos de solidão*, como seres difusos, que vivem em um mundo para o qual não foram preparados. Cada personagem da obra congrega uma série de características de abandono, visto que o tom do texto é a impossibilidade de as relações humanas serem plenas, principalmente as relações familiares. Nesse universo, às mulheres é dado o papel de transgressoras, pois são elas que rompem com a ordem e estabelecem novas formas de harmonia, dentro da própria desarmonia que perpassa o texto.

IHU On-Line - Um dos aspectos que se destacam em *Cem anos de solidão* é o da sexualidade, com destaque para alguns personagens. Por exemplo, Úrsula passa a usar um cinto de castidade, porque sua mãe tem medo que ela dê à luz filhos com rabos de porco ou iguanas, porque ela teria se casado com o primo José Arcádio. Sem fazer sexo, ela e o marido passam a enfrentar comentários da sociedade. Como é vista, de modo geral, a sexualidade no romance de García Márquez?

Márcia Duarte - Do mesmo modo que as demais questões que compõem o texto de García Márquez, a sexualidade é vista como algo mágico, que se instaura no âmbito do sobrenatural, do inumano. As personagens transitam por um misto de abundância e carência de sexualidade, e, assim, nunca se efetiva uma sexualidade natural, visto que as questões de sobrevivência, que são a chave para a compreensão do livro, corrompem as relações, tanto sexuais como afetivas.

IHU On-Line - A maneira como García Márquez descreve a mulher em *Cem anos de solidão* tem alguma ligação ao desempenho dela, histórico e social na América Latina, havendo espaço para que possa

mostrar sua voz, ou o mundo que o escritor descreve é masculinizado?

Márcia Duarte - O mundo de García Márquez é masculinizado, porque ele narra a história de uma família patriarcal. Sendo assim, ainda que as mulheres sejam transgressoras, não há possibilidade de uma emancipação do feminino, pois esse mundo e esse momento não comportam uma tal perspectiva. Entretanto, as mulheres da família Buendía não são totalmente submissas, isto é, elas se insurgem e se comportam como seres diferentes, tanto que não são, por vezes, compreendidas pelos homens.

IHU On-Line - O que essa obra em especial apresenta de diferente dos outros livros do autor?

Márcia Duarte - A obra de García Márquez apresenta muita similaridade, inclusive alguns personagens se repetem de um texto para outros, entretanto *Cem anos de solidão* apresenta, de modo ampliado, as discussões que se fazem presentes no restante da obra do autor, ou seja, tudo é exagero, no referido livro, desde a melancolia, a solidão e o abandono, aspectos que congregam negatividade, até a sexualidade, a afetividade, a amizade, aspectos que congregam positividade. Então, para o bem e para o mal, *Cem anos de solidão* representa uma chave de leitura para García Márquez, como uma porta hermeticamente fechada, mas cujos furos permitem entrever o que se passa no ambiente.

IHU On-Line - García Márquez produziu obras muito espelhadas na sua própria vivência. Especialistas dizem que o autor esclarece a América Latina. Qual a visão que ele tem da América Latina?

Márcia Duarte - Ele mostra a América Latina como um espaço em que tudo é possível, desde as maiores atrocidades, como o assassinato em massa durante a greve da companhia bananeira e seu posterior

apagamento da memória de toda a população local, até os momentos mais sublimes, como a subida de Remédios, a bela, ao céu. Dentro de todas essas possibilidades, a América Latina é um lugar que ainda não cumpriu seu

papel, que ainda não disse “a que veio”, e que, portanto, congrega um futuro impressionante, que pode tanto ser positivo como negativo.

García Márquez: muito além de Cem anos de solidão

POR LUIZ COSTA LIMA

Em comemoração aos 40 anos de Cem anos de solidão, de García Márquez, o Prof. Dr. Luiz Costa Lima, a pedido da IHU On-Line, escreveu o texto a seguir. Crítico de literatura e professor da PUC-Rio, Costa Lima é professor titular de literatura comparada, membro do setor de teoria da História da PUC-Rio. Entre os anos de 1984 e 1986, foi professor da University of Minnesota e professor visitante das Universidades de Stanford, Johns Hopkins, Montreal, Paris VIII, Católica do Chile (Santiago) e pesquisador do Zentrum für Literatur- und Kulturforschung (Berlim).

Escreveu, entre outras, as obras Estruturalismo e teoria da literatura (Petrópolis: Vozes, 1973), A aguarrás do tempo (Rio de Janeiro: Rocco, 1989); Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral (2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995); Terra ignota: a construção de Os sertões (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997); Mimesis - desafio ao pensamento (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000); Intervenções (São Paulo: Edusp, 2002); Mimesis e modernidade: formas das sombras (2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003) e Redemunho do horror: as margens do Ocidente (São Paulo: Planeta, 2003).

Costa Lima também foi premiado como pesquisador estrangeiro em ciências humanas (Geisteswissenschaften), pela Alexander von Humboldt-Stiftung, Bonn, Alemanha, no ano de 1993. Confira o texto.

Por economia da memória, sempre costumamos associar o nome de um autor a um de seus livros. Justificada em termos de pragmática cotidiana, esse costume obviamente apresenta seus defeitos. No caso do escritor colombiano, associá-lo ao *Cem anos de solidão*, não deveria significar que o leitor se sentisse desimpedido de considerar *O outono do patriarca*, *O general em seu labirinto*, *O amor nos tempos do cólera* e mesmo sua novelinha de estréia, *Ninguém escreve ao*

coronel. E isso porque não quero encher linhas com títulos. No caso de um autor tão fecundo como García Márquez, parece-me injusto fixar-nos em um só título. Façamos, contudo, de conta que não se trata de uma arbitrariedade da memória e nos perguntemos por que essa associação é feita. A resposta simples seria: o *Cem anos* passa a simbolizar o que tem sido para o colombiano a sua imaginária Macondo. Já se disse que Macondo está para Márquez, assim como

Yoknopatawpha estivera para Faulkner. Macondo é concebido antes como um “pueblo”, que se converte em cidade. Inventada, o que aí sucede não precisa ter a pretensão de reproduzir fatos da realidade. Pressionada, a imaginação há de aí dispor de tudo o que, no entanto, caracteriza quer o que houve, quer o passível de suceder a uma comunidade humana. Quando se diz “o que houve”, não se pretende que o prosador se obrigue a relatos documentais ou realistas. Ao contrário, Macondo fora necessário a García Márquez para que sua ficção não se confundisse com o lastro de documentalismo que envenenara a ficção latino-americano, até as primeiras décadas do século XX. Não se tratava, nem para ele, nem para Alejo Carpentier - que pusera em circulação o termo de batismo, “realismo maravilhoso” - nem para Lezama Lima, muito menos para Borges - de libertar-se da história para fantasiar, mas sim de captar os interstícios que se apresentavam sob os fatos. Assim, por exemplo, no *Cem anos*, terá um papel fundamental a repressão à greve contra uma companhia exploradora da banana. Embora a greve houvesse sido real e a repressão militar, igualmente, García Márquez, quando perguntado, sempre fez questão de declarar que o número de mortos, a quantidade de trens convocados para seu transporte, os acidentes destacados não pretendiam ter nenhuma fidelidade histórica. Pois, em princípio, é difícil ao leitor compreender que o romance não é nem uma “ilustração” do histórico, nem tampouco o resultante da mera fantasia individual do autor. O lastro histórico do romance tem a ver com o imaginário que se constitui dentro de um determinado marco espaço-temporal. Assim, no caso de Márquez, esse marco concerne à vida sob o marco de um continente marginalizado, anárquico, instável e explorado. A partir dessas coordenadas históricas, o colombiano cria suas histórias. Elas são fiéis à história, sem que sejam história. Esse princípio ainda se mostraria no relato que

fará da vida de Bolívar⁶³. Sabemos todos como *O libertador* se converteu em uma figura mítica na história hispano-americana. Apesar disso, *O general em seu labirinto* receberia a crítica de historiadores colombianos como biograficamente contendo detalhes falsos. É incrível verificar-se que o grande inimigo do romancista é o historiador “normal”, isto é, aquele que pretende que o romancista tenha como fio de prumo o que dizem os documentos atestados. Na impossibilidade de escrever um texto mais longo - e o que apresentei em *O redemunho do horror*⁶⁴ não tem a extensão que desejaria - apenas acentuo essa nota: não podemos entender García Márquez sem o seu continente mais a sua invenção da vida, do amor e da morte nessas terras. Se o quisermos ler à maneira como lemos Balzac⁶⁵, nos sentiremos perdidos. Pois Balzac fazia sua *Comédia humana* aumentar a lista civil da população francesa - ao menos a parisiense - enquanto Márquez não aumenta nosso número senão que expande aquilo que, dadas certas condições de espaço e tempo, nos é capaz de suceder ou que somos capazes de fazer e sentir.

⁶³ Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar Palacios y Blanco (1783-1830): general e líder revolucionário responsável pela independência em relação à Espanha de vários territórios da América do Sul. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁴ *O redemunho do horror: as margens do ocidente* (São Paulo: Planeta, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁵ Honoré de Balzac (1799-1850): dramaturgo francês, autor da *Comédia Humana*. Representante da transição na passagem do romantismo para o realismo, ele mistura aspectos das duas tendências. (Nota da *IHU On-Line*)

“Uma dor comum na consciência”

ENTREVISTA COM WALDECY TENÓRIO

“Cem anos de solidão *certamente pode ser o resumo de toda uma obra*”, comenta o professor e teólogo Waldecy Tenório, que em seguida explica: “Nele, Garcia Márquez se procura e se decifra”. Citando pequenos trechos e falas do livro, Tenório analisa a obra a partir do olhar teológico, e afirma que direta ou indiretamente, a presença da religião, especialmente da Igreja Católica, “se impõe ao leitor quase como uma marca textual de Cem anos de solidão”.

O professor ressalta que “a grandeza dessa extraordinária rede escritural montada por Garcia Márquez está na sua capacidade de nos enredar num vínculo que não podemos esquecer: uma dor comum na consciência”.

Waldecy Tenório é graduado em Letras Clássicas e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor pesquisador visitante na mesma universidade e está vinculado ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA). Pesquisador da Associação Latino-americana de Literatura e Teologia (ALALITE), também é autor de vários livros, dos quais destacamos A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral (São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp, 1996) e O amor do herege, resposta às confissões de Santo Agostinho (São Paulo: Edições Paulinas, 1986). Tenório também é co-autor de O Borges Centenário (São Paulo: Educ, 1999). Em 19-05-2007 Tenório palestrou em 19-05-2005 no Simpósio Internacional Terra Habitável - um desafio para a humanidade, falando sobre Literatura e teologia: Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry e a Terra dos homens. Na edição 142 da IHU On-Line, de 23-05-2005, concedeu a entrevista Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry, e na edição 135, de 04-04-2005, a entrevista Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria. Abaixo, confirma a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line:

IHU On-Line - Sabe-se que a religião católica é predominante na Colômbia. Há uma relação entre os personagens de *Cem anos de solidão* com a religião, especificamente a católica? Há críticas ou elogios, evidentes ou subjetivos, a ela no desenvolvimento desse romance?

Waldecy Tenório - Se ficarmos apenas no grau zero da escritura⁶⁶, para lembrar uma fórmula de Roland Barthes⁶⁷, já se percebe a presença marcante da Igreja

⁶⁶ Refere-se ao livro BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita* (Edições 70, Lisboa, 1997). (Nota da IHU On-Line)

⁶⁷ Roland Barthes (1915 - 1980): escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Crítico dos conceitos teóricos complexos que circularam dentro dos centros educativos franceses nos anos 50, Barthes participou da escola estruturalista, influenciado pelo lingüista Ferdinand de Saussure. De 1952 a 1959 trabalhou no Centre

Católica nesse romance de García Márquez. Direta ou indiretamente, de maneira diluída ou não, essa presença se impõe ao leitor quase como uma marca textual de *Cem anos de solidão*. E se impõe de diversas maneiras: em temas, como, por exemplo, a importância dos filhos legítimos de casamentos católicos; em paródias, como a subida de Remédios aos céus; em costumes, como transformar o rito do almoço numa missa solene etc. E há sempre um padre para ministrar os sacramentos aos moribundos, para indicar um bom pensionato destinado às jovens católicas, para dizer o que as pessoas devem ou não devem fazer, se podem ou não ver aquele filme etc. E tudo isso se torna compreensível se considerarmos a história do mundo ocidental e, mais ainda, o contexto do processo de colonização da América Latina e os elementos sociológicos embutidos, nessa época, no catolicismo rural.

Agora, se aprofundarmos um pouco a leitura, confirmaremos a presença da Igreja Católica no romance, só que, dessa vez, formulada como crítica, apresentada como denúncia, e sempre banhada em ironia, usando uma expressão do poeta Carlos Drummond de Andrade⁶⁸. Mas certamente nem tudo é negativo, deve haver também algum elogio.

Pensando em termos de crítica, a figura do padre quase sempre aparece associada a doenças. Os padres sofrem de artrite ou são senis, como se o narrador quisesse dar a entender que representam uma instituição envelhecida que não tem muito mais a dizer aos homens. A crítica se torna mais forte quando o texto faz referência às “artimanhas teológicas” daqueles (padres) que sabem consultar um “dicionário de pecados”, para enquadrar os penitentes nesse ou naquele pecado sexual,

national de la recherche scientifique - CNRS. De suas obras, destacamos *Mitologias* (1957), *O sistema da moda* (1967), *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977). (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁸ Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da *IHU On-Line*)

mas fingem não saber que eles próprios são cúmplices dos pecados sociais cometidos pela “companhia bananeira”, que infelicita a vida de Macondo.

Em termos de denúncia, o romance é muito forte. Em certo momento, ficamos sabendo que o governo conservador, com apoio dos liberais, “havia assinado o acordo com a Santa Sé, e que tinha vindo de Roma um cardeal com uma coroa de diamantes e um trono de ouro maciço, e que os ministros liberais se fizeram fotografar de joelhos no ato de lhe beijar o anel”. No contexto político da situação descrita pelo romance, acordos como esse tinham sua contrapartida na ação dos “decréritos advogados”, aqueles juristas, como há tantos, capazes de encontrar brechas na lei e justificar todas as arbitrariedades de seus patrões. No fim de tudo, os conchavos envolvendo a Santa Sé e os “ilusionistas do direito” servem para fazer prevalecer “a versão alucinada da história”, ou seja, aquela que os governos inventam para apagar a realidade. Houve um massacre da população, duzentos vagões de mortos, mas ninguém viu, ninguém percebeu nada porque Macondo - só os revolucionários negam isso - é uma aldeia feliz...

Daí o romance banhar-se em ironia. Nos bordéis, as camas das mulheres são enfeitadas “com dossel de arcebispo”, assim como as poltronas do americano diretor da “companhia bananeira” têm um “veludo episcopal”. Temos a história do sujeito que quer ir a Roma “beijar as sandálias do Sumo Pontífice” com o objetivo de obter licença especial para viver maritalmente com a própria tia. Há ainda a “patranha da vocação pontifícia” do menino que é enviado para o seminário a fim de ser papa, o que leva um membro de sua família a resmungar: “Esta era a última amolação que estava nos faltando - um papa”. Mas enfim, entre muitas “sutilezas apoloéticas”, há um momento - raro, mas há - em que o romance parece dizer: Olha, talvez nem tudo esteja perdido. É quando mostra que o padre intercede em favor dos grevistas da “companhia

bananeira” por achar justa a reivindicação de não trabalhar aos domingos.

IHU On-Line - No livro *Cheiro de goiaba*, García Márquez cita a seguinte frase: “El que no tenga Dios, que tenga supersticiones”. Essa afirmação é um indicativo à importância que García Márquez dá à religião ou a necessidade de cada ser humano acreditar em algo sobrenatural?

Waldecy Tenório - Desde o começo do romance, o patriarca José Arcádio Buendía sabe que há em Macondo uma “ressonância sobrenatural”. De modo que quando García Márquez diz “El que no tenga Dios, que tenga supersticiones” está simplesmente confirmando a idéia segundo a qual que há sempre uma alternativa para a fé que perdemos. Somos todos assim. Os demônios ainda nos assombram? Não faz mal: a ciência está aí para nos ajudar. Um pouco de imaginação, e temos a física da imortalidade, o pó vital, o novo Éden prometido pelo DNA. E depois, o Mercado está aí também para nos dizer que os mil anos de felicidade de Jean Delumeau⁶⁹ já eram, e nos prometer outros mil. Enfim, quem acha o Deus de Abraão absolutamente superado pode escolher outros caminhos, até mesmo o dos gnomos e ser feliz. E se, de um lado, existe a necessidade de crer, como nos recorda a psicanalista Mijolla-Mellor⁷⁰, de outro a religião faz parte da cultura, nos ensina Merleau-Ponty⁷¹, não

⁶⁹ Jean Delumeau (1923): historiador europeu, especialista no passado do cristianismo. Delumeau é autor de *O pecado do medo* (Editora da Universidade do Sagrado Coração). No Brasil foram publicados os seguintes livros *História do medo no Ocidente; A confissão e o perdão; Mil anos de felicidade; O que sobrou do paraíso* (Companhia das Letras) e *De religiões e de homens* (Loyola). (Nota da IHU On-Line)

⁷⁰ Sophie de Mijolla-Mellor: psicanalista, membro do 4º Grupo OPLF. Professora de Psicopatologia e Psicanálise na Universidade de Paris VII. De suas obras publicadas em português destacamos o Dvd *Metapsicologia: a necessidade de crer*. (Nota da IHU On-Line)

⁷¹ Merleau-Ponty (1908 - 1961): filósofo francês, líder do pensamento fenomenológico no seu país. Lecionou em vários liceus

como dogma, nem mesmo como crença, mas como grito. E este romance, podemos resumi-lo, é o grito dos homens de Macondo e do mundo contra “uma viagem absurda”, a vida, e em busca do “executante invisível” da música que fascina o coronel Buendía. Deve estar aí a razão pela qual a Igreja pode ser criticada e ironizada, mas Deus, não. E Úrsula, a grande matriarca do romance, o invoca nos momentos mais difíceis da vida.

IHU On-Line - Temos a possibilidade de ligar a metafísica e a teologia, como em Aristóteles, à narrativa de *Cem anos de solidão*, permeada pelo “realismo maravilhoso”? Ao conduzir seus personagens a uma realidade fantasiosa, o autor pretende colocá-los em contato também com um pensamento divino, que consiga chegar à subjetividade do ser, confrontado com uma sublimação ocorrida também a partir de elementos do cotidiano?

Waldecy Tenório - Em toda narrativa, há sempre alguém em busca de alguém ou de alguma coisa. Em *Cem anos de solidão*, os homens enlouquecem procurando o mar, seguindo o cheiro de pólvora das revoluções ou então indo atrás do rastro de perfume que Remédios, a bela, deixa ao passar. O que os atrai é o terror e o deslumbramento. Por quê? Octavio Paz⁷² nos diz, no livro *Signos em rotação*,

“*Más allá de ti, más allá de mí, por el cuerpo,*

antes da Segunda Guerra, durante a qual serviu como oficial do exército francês. Lecionou na Universidade de Lyon na Sorbonne, em Paris. Em 1952 ganhou a cadeira de filosofia no *Collège de France*. De 1945 a 1952 foi co-editor (com Jean-Paul Sartre) do jornal *Les temps modernes*. Destacamos duas de suas obras: *La structure du comportement* (1942) e *Phénoménologie de la perception* (1945). (Nota da IHU On-Line)

⁷² Octavio Paz (1914 - 1988): escritor, diplomata mexicano e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1982. (Nota da IHU On-Line)

En nel cuerpo, más allá del cuerpo, queremos ver algo”

Sim, não há dúvida, como nos lembra ainda Merleau-Ponty, a literatura é uma passageira clandestina dentro da metafísica e da teologia. Não saberia dizer se García Márquez quis ou não colocar seus personagens em contato com o “pensamento divino”. Aventurar-se por aí é correr o risco de resvalar na famosa falácia da intencionalidade do autor. Parodiando Paul Valéry⁷³, García Márquez não quis dizer, quis fazer, e foi a intenção de fazer que quis o que ele disse. Em outras palavras, queira ou não o autor, suas personagens, por força da linguagem, entram em contato com o Absoluto.

IHU On-Line - As figuras representativas do bem e do mal, que em sua maior parte lembram, com suas histórias, casos, lendas, mitos greco-romanos, são claras em *Cem anos de solidão*? Quais seriam elas e de que forma elas agem, sob um ponto de vista teológico?

Waldecy Tenório - Mais do que em lendas e mitos, em *Cem anos de solidão* o mal está delineado na representação dos horrores que, pior do que a chuva, caem sobre Macondo: o horror político, econômico e social, o horror religioso e o horror antropológico. Mas talvez nem seja possível fazer essa distinção de maneira assim tão clara, de maneira que podemos simplificar dizendo simplesmente que o mal é o horror. O impacto social, econômico e político das “companhias bananeiras” na região é um fato por demais conhecido. A promiscuidade entre os interesses econômicos das empresas norte-americanas e os programas políticos, muitas vezes com as bênçãos da hierarquia católica,

⁷³ Paul Valéry (1871 - 1945): filósofo, escritor e poeta francês, da escola simbolista. Seus escritos incluem interesses em matemática, filosofia e música. Trabalhou como redator no Ministério de Guerra e depois dedicou-se inteiramente à literatura. Foi eleito para a Academia Francesa em 1925. (Nota da IHU *On-Line*)

constitui uma das páginas mais perversas da história da América Latina. Ela é tão forte, essa promiscuidade, que o romance deixa bem claro: “a única diferença atual entre liberais e conservadores é que os liberais vão à missa das cinco e os conservadores à das oito”.

O resultado disso, obviamente, é o horror antropológico. A insônia. “Mas a índia explicou que o mais temível da doença da insônia não era a impossibilidade de dormir, pois o corpo não sentia cansaço nenhum, mas sim a sua inexorável evolução para uma manifestação mais crítica: o esquecimento”. Ou seja, quando o doente se acostumava a conviver com a insônia, “começavam a apagar-se de sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até se afundar numa espécie de idiotice sem passado”.

Então, o tempo dá voltas e mais voltas, procura-se refúgio na solidão, há quem fique na porta de casa esperando o próprio enterro passar e há ainda aquela personagem - o avesso de Penélope - que borda uma interminável mortalha. Fazer para desfazer: é essa a desmoralizadora ocupação das pessoas. Há nelas, claro, um profundo mal-estar, a “saudades dos sonhos perdidos”, mas, como lembra o narrador, a procura das coisas perdidas é dificultada pela situação de rotina e apatia.

O romance reage contra isso. Fernanda, que foi educada para rainha, acha que pessoas de bem não podem se envolver com a “companhia bananeira”. “lanques de merda”, grita o coronel Buendía. Era de se esperar que aquele padre que timidamente apoiou a greve dos bananeiros evoluísse para a construção de uma teologia que não fosse apenas “uma lenda” mas um pensamento generoso capaz de defender os que vivem, como diz o narrador, a “pastoral do desengano”. Mas isso infelizmente não acontece.

IHU On-Line - As aventuras da família Buendía-Iguarán, ao longo do livro, com os seus milagres, fantasias, obsessões, tragédias, adultérios são a representação ao mesmo tempo do mito, da tragédia e do sentimento humano?

Waldecy Tenório - A literatura nos implica, o romance, de uma maneira especial. Tivesse García Márquez escrito uma pesquisa sociológica sobre a América Latina, nós poderíamos manter um certo distanciamento. No caso do romance, vale o dito de Flaubert⁷⁴: *Madame Bovary c'est moi*. Todos estamos implicados, de modo que, sem esquecer as questões estéticas do “realismo fantástico”, a saga da família Buendía, essa sucessão de milagres, tragédias, adultérios, mortes, taras, devoção, blasfêmia, tudo isso, de fato, pode ser visto como representação da grande aventura humana. Assim somos feitos. E no caso de *Cem anos de solidão*, podemos dizer mais: a grandeza dessa extraordinária rede escritural montada por García Márquez está na sua capacidade de nos enredar num vínculo que não podemos esquecer: uma dor comum na consciência.

IHU On-Line - Alguns especialistas dizem que o tema dominante em *Cem anos de solidão* é, exatamente, a solidão. No decorrer da história, todos os personagens vivem juntos, mas, ao mesmo tempo solitários, vivem uma solidão coletiva. Será que o autor tenta relacionar o dia-a-dia dos personagens com a solidão de cada indivíduo?

Waldecy Tenório - Como chove em Macondo! O narrador diz: “Fernanda não teria se importado com a chuva, porque afinal de contas toda a sua vida tinha sido como se estivesse chovendo”. E o pior é que as pessoas ficam esperando que a chuva passe, mas apenas “para morrer”. Também acho que a solidão é um tema

⁷⁴ Gustave Flaubert (1821-1880): escritor francês, autor de *Madame Bovary*, escrito em 1844, romance realista no qual critica os valores românticos e burgueses da época. (Nota da *IHU On-Line*)

dominante nesse romance. Estamos sozinhos e desamparados. Mas há um momento no qual se vislumbra, além da solidão, uma esperança. É um momento de revolta (teológica?) protagonizado por Úrsula: “Perguntava a Deus, sem medo, se realmente acreditava que as pessoas eram feitas de ferro para suportar tantas penas e mortificações; e perguntando e perguntando ia atijando a sua própria perturbação e sentia desejos irreprimíveis de se soltar e não ter papas na língua ...e de se permitir afinal um instante de rebeldia, o instante tantas vezes desejado, e tantas vezes adiado, para cortar a resignação pela raiz”. A cena termina com Úrsula soltando um palavrão e o alívio que sente é como se Deus lhe dissesse que afinal é ali que ele está, naquele palavrão, naquele instante da rebeldia humana.

IHU On-Line - Quais elementos referentes à ciência podemos encontrar em *Cem anos de solidão*? Há alguma oposição, nesse sentido, entre a ciência e a religião no romance de García Márquez, como vemos acontecer na realidade, principalmente nos dias de hoje?

Waldecy Tenório - São muitos os elementos que mostram a presença da ciência e da tecnologia nesse romance. O fascínio pela pesquisa, o deslumbramento diante de invenções como a “máquina múltipla”, que pregava botão de camisa e baixava a febre, o emplastro para perder tempo “e mil outras invenções tão engenhosas e insólitas, que José Arcádio Buendía queria inventar a máquina da memória para poder se lembrar de todas”.

A sensação geral era essa: estão ocorrendo “coisas incríveis pelo mundo”, duplicação do ouro, tapete voador, e por aí vai, de modo que os homens se sentiam “dotados de recursos que em outra época estavam reservados à Divina Providência”. A empolgação é tanta

que, como o daguerreótipo⁷⁵ não capta a imagem de Deus, um dos personagens simplesmente desiste de acreditar em sua existência. Não que haja oposição entre a Ciência e a religião. É que Deus simplesmente não é mais necessário. Mas como Deus sempre faz “suas trapaças”, muitos caem na “armadilha da saudade” quando percebem que estão viajando para “uma terra que ninguém lhes havia prometido” e que tudo aquilo não passa de uma “alucinada lucidez”. E então surge aquele cartaz enorme, bem no centro de Macondo, anunciando que “Deus existe”.

IHU On-Line - Em *Cheiro de goiaba*, García Márquez afirma que o escritor costuma escrever apenas um livro, embora esse apareça “em muitos tomos, com títulos diversos”. *Cem anos de solidão* é um livro que pode conter toda sua obra, assim como a comunidade enfocada por ele no romance pode representar um continente? Há, nisso, a idéia - provinda do romantismo de Iena, de filósofos como Novalis - de que o escritor é um “mediador” da humanidade e a põe em contato com um sentimento divino, metafísico?

Waldecy Tenório - Como dizia Camus⁷⁶, um grande escritor sempre traz consigo seu mundo e sua prédica. Ele tem seus temas recorrentes e suas obsessões. “Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo com fatos conhecidos demais e começou a decifrar o instante que estava vivendo, decifrando-o à medida que o vivia, profetizando-se a si mesmo no ato de decifrar a última página dos pergaminhos, como se estivesse vendo a si mesmo num espelho falado”. *Cem anos de solidão* certamente pode ser o resumo de toda uma obra. Nele,

García Márquez se procura e se decifra, e assim também o leitor.

⁷⁵ **Daguerreótipo:** processo fotográfico feito sem uma imagem negativa. Foi criada pelo francês Louis Daguerre em 1837 e anunciada em 1839. Foi declarado pelo Governo Francês como domínio público. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁶ **Albert Camus (1913 - 1960):** escritor, filósofo nascido na Argélia. (Nota da *IHU On-Line*)

A Bíblia em Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez

Cem anos de solidão *foi estudado pela crítica literária desde numerosos ângulos e facetas. Alguns especialistas destacaram as vinculações entre as sete gerações contidas na novela e as diferentes etapas bíblicas. Germán Darío⁷⁷ escreve: “Uma análise acurada de Cem anos de solidão revela que Gabriel García Márquez rastreou este paralelismo tendo como fundamento o conto bíblico”.*

Entre aqueles que com maior insistência assinalaram a decisiva influência da Bíblia na obra de García Márquez destacam-se Ricardo Gullón⁷⁸, Mario Vargas Llosa, Germán Darío Carrillo, Juan Manuel García Ramos⁷⁹ e Benjamín Torres Caballero⁸⁰.

A presente análise é do escritor e conferencista internacional Juan Antonio Monroy, publicada no sítio Protestante Digital, 15-04-2007. A tradução é do Cepat.

⁷⁷ Germán Darío Carrillo: escritor, autor de *La narrativa de Gabriel García Márquez. Ensayos de interpretación* (Madrid, Ediciones de Arte y Bibliofilia, 1975) e *La boba y el Buda: o la exaltación de la intrahistoria* (Milwaukee: The University of Wisconsin-Milwaukee, Center for Latin América, 1980). (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁸ Ricardo Gullón (1908-1991): advogado, escritor, crítico literário e ensaísta espanhol. De suas obras, destacamos *García Márquez y el arte de contar* (1971). (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁹ Juan Manuel García Ramos (1949): escritor, doutor em Filologia Românica, catedrático de Filologia Espanhola da Universidade de La Laguna. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁰ Benjamín Torres Caballero: escritor, autor de, entre outros, *Gabriel García Márquez, o, la alquimia del incesto*. (Nota da *IHU On-Line*)

Ricardo Gullón, o excelente crítico literário já falecido, assinala cinco grandes etapas bíblicas em *Cem anos de solidão*.

A criação

García Márquez diz na primeira página de sua novela: “O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo”.

Neste texto está recolhida a obra da Criação, cuja descrição completa se encontra nas primeiras páginas da Bíblia.

O êxodo

A fuga de Moisés para o deserto após ter matado o egípcio e a posterior saída do povo hebreu, episódios que são narrados no livro do Êxodo, estão representados em *Cem anos de solidão* pela fuga de José Arcadio Buendía e seu povo de Riohacha. Depois de matar Prudencio Aguilar, atravessando-lhe a garganta com uma lança, José Arcadio Buendía não conseguia tranquilizar a sua consciência. Cansada de vê-lo sofrer, sua mulher, Úrsula, lhe disse:

“‘Está bem, Prudencio. Nós vamos embora deste povoado para o mais longe possível e não voltaremos nunca mais. Agora vá sossegado.’ Foi assim que empreenderam a travessia da serra. Vários amigos de José Arcadio Buendía, jovens como ele, encantados com a aventura, desfizeram as suas casas e carregaram com as mulheres e os filhos para a terra que ninguém lhes havia prometido.”

A chegada dos peregrinos ao seu ponto de destino parece calcada no capítulo 34 do Deuteronômio: “Certa manhã, depois de quase dois anos de travessia, foram eles os primeiros mortais que viram a vertente ocidental da serra. Do cume nublado contemplaram a imensa planície aquática do grande pântano, espreada até o outro lado do mundo”.

As pragas

Nos capítulos 7, 8, 9, 10, 11 e 12 do livro do Êxodo são relatadas as dez pragas que Deus desencadeou para obrigar o faraó do Egito a deixar sair de seus domínio o povo hebreu.

Mesmo que estas pragas possam estar relacionadas a fenômenos naturais, revestem em maior ou menor grau o caráter poderoso e milagroso de Deus.

Para Ricardo Gullón, o paralelo entre as pragas do Egito e as pragas sofridas por Macondo “salta à vista”. Macondo sofre a praga da insônia, das guerras civis, do esquecimento, da solapada invasão norte-americana, da banana e outras.

Diz Gullón: “A variante introduzida por García Márquez não afeta a substância, mas a extensão da condenação. Na Bíblia só os dominadores são castigados, mas em Macondo também os submetidos, os contagiados”.

O dilúvio

Aceitando a linguagem hiperbólica de São João, no mundo não caberiam os livros que se escreveram sobre o dilúvio, de que nos fala a Bíblia nos capítulos 6, 7 e 8 do Gênesis.

A inundações catastrófica que, segundo a Bíblia, teve alcance universal, durou cerca de 400 dias, de acordo com as análises mais confiáveis que se fizeram do texto bíblico.

Em *Cem anos de solidão* o dilúvio açoita Macondo por conta do assassinato ordenado pela companhia bananeira. Não é desencadeado por Deus, mas pelo norte-americano e todo-poderoso Mister Brown. Isto é, ao menos, o que acredita o povo. Sua duração ultrapassa o tempo do dilúvio bíblico, segundo García Márquez.

“Choveu durante quatro anos, onze meses e dois dias. Houve épocas de chuvisco em que todo mundo pôs a sua roupa de domingo e compôs uma cara de convalescente para festejar a estiagem, mas logo se acostumaram a interpretar as pausas como anúncios de recrudescimento. O céu desmoronou-se em tempestades de estrupício e o Norte mandava furacões que destelhavam as casas, derrubavam as paredes e arrancavam pela raiz os últimos talos das plantações.”



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

“A esquerda francesa está perdida”

ENTREVISTA COM PAUL VALADIER

Após a eleição do candidato de direita Nicolas Sarkozy, não são muitas as perspectivas para a esquerda francesa: “A esquerda está perdida, sem rumo, e continua dominada pela extrema-esquerda, trotskista, muito inteligente e preparada, mas cujo excesso de radicalidade é prejudicial”. A afirmação é do filósofo francês Paul Valadier, SJ, em entrevista exclusiva, concedida pessoalmente à equipe da IHU On-Line, por ocasião de sua vinda à Unisinos como um dos conferencistas do Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, ocorrido de 21 a 24-05-2007. Na conversa com a IHU On-Line, Valadier falou sobre o papado de Bento XVI, os desafios da Companhia de Jesus para os próximos anos e também sobre Friedrich Nietzsche, filósofo sobre o qual é especialista: “O cristão deve entender a crítica de Nietzsche ao cristianismo. O que o filósofo critica no cristianismo é que ele humanizou Deus de tal maneira, tornando tão misericordioso e paternal prometendo a salvação, que acabou matando-o. Assim, Nietzsche quer dizer que o cristianismo desdivinizou Deus em sua dimensão transcendental, e quer alertar para o perigo, o risco, em uma fé demasiado paternalista. Isso não quer dizer que Nietzsche tenha razão na sua crítica, mas ele denuncia os riscos graves de uma visão exacerbada do cristianismo”.

Valadier leciona filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista Études e é autor de uma vasta bibliografia. Atualmente é diretor da revista Archives de Philosophie Sobre Nietzsche escreveu, entre outros livros, Nietzsche et la critique du christianisme (Paris: Cerf, 1974); Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx (Paris: Cerf, 1974); Nietzsche, l'athée de rigueur (Paris: DDB, 1989); e Nietzsche l'intempestif, Beauchesne (Paris, 2000). Entre seus outros livros, citamos La condition chrétienne, être du monde sans en être (Paris: Le Seuil, 2003) e L'anarchie des valeurs (Paris: Albin Michel, 1997). Entre suas obras publicadas em português, destacam-se: Elogio da consciência (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001); Um cristianismo de futuro: para uma nova aliança entre razão e fé (Lisboa: Instituto Piaget, 2001); e A moral em desordem: um discurso em defesa do ser humano (São Paulo: Loyola, 2003). Na edição 127, de 13-12-2004, concedeu a entrevista Investidas contra o Deus moral obsessivo, também publicada nos Cadernos IHU Em Formação edição nº. 15, de 2007, que tem com tema O pensamento de Friedrich Nietzsche. Na edição 220 da IHU On-Line, sobre o Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, concedeu a entrevista O futuro da autonomia, política e niilismo. Na tarde de 23-05-2007 ofereceu o minicurso A moral após o individualismo e, na tarde de 24-05-2007, proferiu a conferência de encerramento O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo. Confirma os principais trechos da conversa.

IHU On-Line - Como o senhor descreveria a atual conjuntura eclesial católica? Poderia dar um panorama do papado de Bento XVI e sua influência junto à Igreja?

Paul Valadier - O papado de Bento XVI não pode ser avaliado de forma unitária, em bloco, pois é muito diferente de país para país e entre os continentes. A Igreja Católica está passando por um declínio na Europa, de onde vem Joseph Ratzinger⁸¹, mas em plena florescência na Ásia e na África. O centro de irradiação da Igreja Católica não será mais a Europa, como antigamente, mas será, cada vez mais, a Ásia, a África e a América Latina. Um exemplo é o Concílio Vaticano II, cujo predomínio era o dos grandes teólogos europeus. Entretanto, essa visão teológica está em declínio. Espero que surjam teólogos nesses países emergentes para suprir essa falta. Isso tem muito significado porque há toda uma mentalidade que não é mais européia, e sim do Terceiro Mundo, e que afirmará pontos de vista novos, diferentes, o que gerará uma transformação muito profunda no catolicismo.

Além disso, Bento XVI já tem 80 anos e não se pode esperar muita coisa de seu pontificado. É um pontificado de transição. Ele é um homem tímido, não é do tipo que tomará medidas para uma reforma, uma renovação da Igreja. Some-se a isso que ele está imbuído da “vestimenta” vaticana há 25 anos. Então, não é de se esperar grandes intervenções suas na Igreja. Ele é um homem inteligente, e muito mais teólogo do que pastor.

IHU On-Line - A partir dessa constatação de crescimento da Igreja Católica na América Latina,

⁸¹ **Joseph Ratzinger**: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Anteriormente, era o Cardeal Joseph Ratzinger. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, *Introdução ao cristianismo* está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da *IHU On-Line*)

como o senhor vê a censura do Vaticano a Jon Sobrino⁸²?

Paul Valadier - É uma decisão totalmente infeliz. Penso que é errado que, numa situação de um país distante da Europa, latino-americano, com seus problemas específicos, uma secularidade vaticana decida sobre o ponto de vista da doutrina que deveria ser analisada por especialistas locais e discutida primeiramente, antes de se fazer um julgamento condenatório. Mas, no futuro, o Vaticano deverá deixar de ser o juiz único de todo o pensamento católico. O magistério romano provoca muita injustiça com seus posicionamentos. Exemplo disso é o que ocorreu com Teilhard de Chardin⁸³, um grande teólogo, filósofo,

⁸² **Jon Sobrino**: filósofo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da *Revista Internacional de Teología Concilium*. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias Diárias*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria *Teologia Pública*, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸³ **Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua

cientista, injustamente marginalizado por um posicionamento que não correspondia com os princípios que ele trazia, inovadores. Isso sem falar em de Lubac⁸⁴ e, no momento, Jon Sobrino.

IHU On-Line - Frente à próxima congregação geral, quais são os desafios e os rumos que a Companhia de Jesus tomará?

teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no **Simpósio Internacional Terra habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre a obra do autor, foi publicado pelo IHU o **Caderno IHU Idéias**, n° 45, de 7/12/2005, disponível para download no sítio do IHU (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁴ **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. (Nota da *IHU On-Line*)

Paul Valadier - Penso que o Padre Kolvenbach⁸⁵, nosso superior-geral, é muito bom, competente e dinâmico em sua atividade, assim como foi o seu predecessor, Pe. Arrupe⁸⁶. No entanto, Kolvenbach já ocupa essa função

⁸⁵ **Peter-Hans Kolvenbach**: superior geral da Companhia de Jesus, nascido em Druten, Holanda. Sua formação inicial se deu no colégio Pedro Canísio de Nimega, e a entrada na Companhia de Jesus foi no ano de 1948. Dez anos depois, em setembro de 1958, Kolvenbach deixou sua terra com o primeiro grupo de jesuítas holandeses enviados para o Líbano, onde estudou teologia na Universidade Saint-Joseph de Beirute. Foi ordenado sacerdote em 1961. No Líbano passou os anos centrais de sua vida, bebendo das línguas e das tradições eclesiais e litúrgicas do Oriente Próximo. Seus estudos concentraram-se no armênio. Ensinou inicialmente filosofia, depois lingüística geral e armênio na mesma universidade onde se graduou. Em 1974, foi eleito provincial da vice-província do Oriente Próximo, que inclui as comunidades jesuítas do Líbano, da Síria e do Egito. Kolvenbach ficou lá até 1981, quando padre Arrupe, então superior geral da Companhia de Jesus, o chamou a Roma para ser reitor do Pontifício Instituto Oriental. Na 33ª Congregação Geral, em 13-09-1983, Kolvenbach foi eleito superior geral da Companhia de Jesus. De índole ascética e espiritual, padre Kolvenbach manteve na direção da Ordem um perfil reservado e de diálogo, buscando soluções não-traumáticas às controvérsias. Kolvenbach esteve na Unisinos por ocasião do Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas, que aconteceu na Unisinos de 25 a 28 de setembro de 2006, e do qual foi o conferencista de abertura falando sobre *As origens universais da Companhia de Jesus. Possibilidades e desafios para a contemporaneidade*. A respeito do tema concedeu entrevista à *IHU On-Line* edição 196, de 18-09-2006, inaugurando a nova página eletrônica do IHU, que entrou em funcionamento em 16-09-2006. Kolvenbach também é um dos autores do *Cadernos IHU em Formação* n° 14 com o tema *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno* disponível para download no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁶ **Pedro Arrupe** (1907-1990): sacerdote católico espanhol, superior geral da Companhia de Jesus. Depois de estudar quatro anos medicina, a contra-gosto de muitos professores e colegas entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Loyola. Sempre teve grande desejo de ir para o Japão. Este desejo tornou-se realidade após dez anos de formação jesuítica, em que se destacam os tempos em que viveu nos Estados Unidos e nos quais se dedicou à visita aos reclusos mais temidos, com os quais ganhou grande proximidade e afeto. No Japão, logo aproximou-se das pessoas, e chegaram a pensar que Arrupe seria um espião americano. Por isso foi preso e depois liberado. Saindo de Yamagushi, foi para o noviciado do Japão, em Hiroshima, como mestre de noviços. Aí se destacou pelo seu serviço incondicional quando da

há 25 anos e está um pouco esgotado. A Companhia de Jesus necessita de uma força nova, pois está expandida pelo mundo. Há posições divergentes e precisamos de uma força mais dinâmica que possa abrir novas perspectivas. Os jesuítas como um todo são muito dinâmicos, mas há lugares onde essa característica é ainda mais forte. De qualquer modo, é preciso de um impulso geral para dar fôlego à Companhia. No mundo todo, há a proporção de um jesuíta jovem para quatro mais velhos. Então, é preciso que haja uma revitalização da ordem. E, no futuro, será justamente esse um quarto dos jesuítas que terá que decidir os rumos da Companhia.

IHU On-Line - Após a eleição de Sarkozy, quais são as perspectivas da esquerda francesa?

Paul Valadier - Não são muitas as perspectivas da esquerda francesa, infelizmente. Então, não há um rumo que se possa apontar. A esquerda está perdida, sem rumo, e continua dominada pela extrema-esquerda, trotskista, muito inteligente e preparada, mas cujo excesso de radicalidade é prejudicial. A esquerda moderada não tem coragem e condições de se afirmar como social-democrata, o que seria necessário para uma França composta por tantas nuances.

IHU On-Line - Em linhas gerais, poderia nos traçar um panorama do pensamento filosófico, teológico e social na França?

Paul Valadier - A sociologia e a psicanálise na França atravessam uma profunda crise, pois não há mais as

queda das bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial. Criou um hospital improvisado nas instalações semidestruídas do noviciado e foi com os noviços à cidade resgatar os sobreviventes, entre outros atos heróicos. Em seguida foi eleito provincial do Japão e em 1963 Superior Geral da Companhia de Jesus, posto que ocupou até 1983. (Nota da *IHU On-Line*)

grandes figuras do passado, como Lévi-Strauss⁸⁷, Bourdieu⁸⁸ e Lacan⁸⁹. A filosofia, igualmente, não tem grandes nomes como Sartre⁹⁰ e Merleau-Ponty⁹¹, mas na

⁸⁷ **Claude Lévi-Strauss (1908)**: Antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na lingüística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes Trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁸ **Pierre Bourdieu (1930 - 2002)** sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na *École de Sociologie du Collège de France*, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, lingüística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desculturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁹ **Jacques Lacan (1901-1981)**: psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas esta é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹⁰ **Jean-Paul Sartre (1905-1980)**: filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". Na *Crítica da*

revista *Archives de Philosophie*, que dirijo, despontam grandes nomes de jovens pensadores muito esclarecidos e dinâmicos que, acredito, irão revitalizar a filosofia. Entre esses nomes eu citaria Jean-Claude Monod⁹², um dos conferencistas do **Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos** e Marcel Gauchet⁹³, entre outros. Eles são grandes pensadores, ponderados e sérios.

No campo da teologia, sob o papado de João Paulo II, o clima para a pesquisa não era muito favorável a inovações. Os pesquisadores tinham medo de falar francamente para evitar casos como o que Sobrino vive

razão dialética (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹¹ Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): escritor e filósofo líder do pensamento fenomenológico na França. Professor da Universidade de Lyon e na Sorbone, em Paris. De 1945 a 1952 foi co-editor (com Jean-Paul Sartre) do jornal *Les Temps Modernes*. Voltando sua atenção para as questões sociais publicou um conjunto de ensaios marxistas, em 1947, *Humanisme et terreur* ("Humanismo e Terror"), a mais elaborada do comunismo soviético no final dos anos 1940. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹² Jean-Claude Monod: filósofo francês atuante nos Arquivos Husserl, de Paris, no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), École Normale Supérieure. De sua vasta lista de publicações, citamos *La querelle de la sécularisation. De Hegel à Blumenberg* (Paris: Vrin, 2002). Na edição 175 da *IHU On-Line*, de 10-04-2006, intitulada *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, concedeu a entrevista *Paulo e a fé como loucura, ruptura e escândalo*. Na edição 220, de 21-05-2007, falou sobre *A secularização da secularização e o futuro da autonomia*, adiantando aspectos que abordou em sua conferência no **Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?** em 22-05-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹³ Marcel Gauchet: filósofo francês, que com Luc Ferry é autor do livro *Le religieux après la religion (O religioso após a religião)*. Paris: Grasset. 2004). Escreveu *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard. 1985), *La condition historique* (Paris: Stock, 2003) e *Un monde désenchanté?* Paris: L'atelier. 2004. Sobre o autor, foi publicado pelo IHU o Cadernos IHU Idéias, com o título *Genealogia da religião*. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel, de Gauchet, de autoria de Gérard Donnadiou, disponível para download no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

hoje. Isso não quer dizer que não haja bons teólogos, mas eles não ousam falar muito. Sobre a exegese, a interpretação da sagrada escritura, e a patrística, há boas pesquisas em andamento. A teologia não está morta, mas dá passos cuidadosos. A teologia moral, sobretudo, está muito ativa.

***IHU On-Line* - Como surgiu seu interesse por estudar Nietzsche⁹⁴?**

Paul Valadier - Na minha juventude, quando entrei para a Companhia de Jesus, na França, havia uma formação forte em escolástica e Hegel⁹⁵. Em minha formação, jamais estudei Nietzsche. Quando iniciei meu doutorado, em 1968, Nietzsche estava muito difundido entre os pesquisadores. Assim, dentro da Companhia de Jesus, percebeu-se a importância de que alguém conhecesse melhor o pensamento desse filósofo. Quando iniciei minha pesquisa, percebi a atualidade e a

⁹⁴ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. A edição 15 do Cadernos IHU Em Formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹⁵ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *Fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217m de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. (Nota da *IHU On-Line*)

pertinência inegáveis da filosofia nietzschiana. Evidentemente que Nietzsche é um autor muito agressivo, até violento em sua linguagem, mas possui uma profundidade que se mostra para além dessa primeira impressão. Com a decadência marxista, e mesmo hegeliana, resta Nietzsche, de onde pode se tirar uma riqueza para uma complexidade do mundo que ele já apontava no século XIX. Hoje não se pensa mais tão globalmente quanto Hegel o fazia em seu sistema, e Nietzsche, com seus aforismos certos, pode trazer uma pertinência grande ao pensamento contemporâneo. Entretanto, essa característica aforismática também possui seus inconvenientes, pois pode ser interpretada em inúmeros sentidos. É um pensamento um pouco perigoso, que precisa ser feito com comedimento. Seguindo um próprio conselho de Nietzsche, dado no prefácio de *A genealogia da moral*, sua filosofia deve ser “ruminada”.

***IHU On-Line* - Recuperando essa idéia que o senhor fala sobre a pertinência e atualidade do pensamento nietzschiano, qual é seu ponto de vista sobre a afirmação do filósofo de que a democracia é a secularização política do cristianismo? Como o senhor interpreta essa idéia com a questão do igualitarismo que ele denunciava na democracia?**

Paul Valadier - Não se pode dizer que Nietzsche está totalmente errado. De certa forma, o cristianismo contribuiu para a consolidação da democracia. Nietzsche critica o igualitarismo democrático que destrói posicionamentos pessoais. Então, ao mesmo tempo em que ele aceita a democracia, critica-a duramente. O que me impressiona é sua posição em relação a Deus. Fala-se muito na morte de Deus que Nietzsche constata. Para a Filosofia das Luzes, a negação de Deus é uma espécie de autoconsciência em assumir a autonomia, em se emancipar. Para Nietzsche, a morte de Deus é uma perda, e o filósofo a lastima. A morte de Deus trouxe

consigo a perda de valores, e o homem ficou à deriva após esse “evento”. Não há mais valores positivos, e o resultado é que se buscam ídolos, como o Estado, a ciência, o progresso. Para Nietzsche, o mundo continua tendo uma dimensão divina. Ele se desvinculou do Deus “pessoa”, indivíduo, mas admite uma certa dimensão divina no mundo, algo superior aqui. Esse divino nietzschiano não tem a ver com o homem. Somos seres condenados à morte e esse divino não nos promete nada. Devemos assumir nosso destino, diz ele.

***IHU On-Line* - Qual é a sua posição quanto à crítica que Nietzsche endereça ao cristianismo? Em que medida ela é válida e até que ponto ela carece de fundamentação teológica?**

Paul Valadier - O cristão deve entender a crítica de Nietzsche. O que o filósofo critica no cristianismo é que ele humanizou Deus de tal maneira, tornando-o tão misericordioso e paternal prometendo a salvação, que acabou matando-o. Assim, Nietzsche quer dizer que o cristianismo desdivinizou Deus em sua dimensão transcendental, e quer alertar para o perigo, o risco, em uma fé demasiado paternalista. Isso não quer dizer que Nietzsche tenha razão na sua crítica, mas ele denuncia os riscos graves de uma visão exacerbada do cristianismo.

***IHU On-Line* - Como você compreende o conceito de grande política de Nietzsche? Que elementos dessa concepção podem ser pensados à luz da política contemporânea, sobretudo nos quesitos que dizem respeito à corrupção e à apatia eleitoral, forma do niilismo passivo?**

Paul Valadier - Tecnicamente, o conceito de grande política só aparece nos textos póstumos de Nietzsche. Vale lembrar que Nietzsche, no último período de sua produção intelectual, escrevia tudo o que se passava em sua cabeça. Cientificamente, penso que deveria ser dada

ênfase, privilégio, aos textos publicados em vida, analisando os póstumos em função destes. O perigo seria propor um novo sistema político a partir das idéias de Nietzsche. Penso que não se deve extrair de Nietzsche proposições para a política. O que vejo como positivo é a crítica do filósofo à democracia, que no final das contas

atribui ao estado a responsabilidade de garantir a vida das pessoas enquanto elas vivem como querem. Isso atribui uma força quase despótica ao estado. Penso, ainda, que ele tinha razão ao denunciar o desinteresse do cidadão pela política, idéia que Tocqueville já desenvolvera em *A democracia na América*.

Teologia Pública

“A opção de quem crê em Jesus Cristo não pode ser outra que a opção pelos pobres”

ENTREVISTA COM IGNÁCIO MADERA

O teólogo colombiano Ignacio Antonio Madera Vargas, concedeu uma entrevista exclusiva para a revista IHU On-Line, por e-mail, diretamente de Aparecida, São Paulo, onde participa da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Celam). Ignácio Madera Vargas é presidente da Confederação Latino-americana de Religiosos, denominada CLAR, com sede em Bogotá, Colômbia. A CLAR é formada pelas Conferências Nacionais de Superiores e Superiores Maiores da América Latina e do Caribe. É um organismo internacional de direito pontifício que tem como objetivo a coordenação de tais Conferências. Leia, a seguir, a entrevista, na qual ele afirma que acredita que o Papa tem dado um acento importante à opção pelos pobres na Igreja.

IHU On-Line - Quais são os principais temas ou questões que os bispos reunidos estão abordando de maneira mais contundente na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Celam)?

Ignácio Madera - Fundamentalmente, os seguintes assuntos: aumento da pobreza no continente; o neoliberalismo e suas incidências a nível econômico, social e religioso; a necessidade de uma resposta séria e dinâmica por parte da Igreja Católica ante as situações que hoje vive o continente, promovendo a participação

dos leigos na vida da sociedade. Interessam igualmente outros assuntos importantes, como a questão ecológica, a incidência das multinacionais ante a situação da Amazônia, a defesa da vida desde sua concepção até o seu final, entre o que, a meu juízo, tem maior significado. Igualmente preocupa o trânsito de muitos católicos às novas expressões religiosas de origem norte-americana ou latino-americana.

IHU On-Line - Como o senhor vê a interação entre o Vaticano e a Igreja da América Latina nesta V Conferência? Que apreciação o senhor faz da V Conferência enquanto acontecimento eclesial neste momento do caminhar da Igreja na América Latina?

Ignácio Madera - Considero que há uma abertura a deixar que seja o Episcopado quem vá assumindo os assuntos de transcendência. O discurso do Santo Padre na abertura da V Conferência marcou uma pauta importante: sem condenações, sem recriminações e mais estimulante e aberto a horizontes de sempre e de novidades. Creio que há um profundo respeito pelo modo como o episcopado quer enfrentar os assuntos da Igreja Católica na América Latina. O episcopado tem a liberdade de ir decidindo os métodos e as temáticas que julga importante. Aparecida está criando um marco de maneira que haverá que se falar de antes e depois de Aparecida no que diz respeito a esta relação.

Considero que tem sido um evento supremamente sugestivo, de uns duzentos e sessenta participantes, uns 80 convidados, e entre esses, presbíteros, religiosos, religiosas, leigos e leigas, e observadores de outras religiões históricas. Sendo uma conferência do episcopado, a meu juízo, é dada uma participação sugestiva a outras instâncias da Igreja. E neste momento do caminhar isso deveria expressar-se em um dinamismo e abertura da Igreja a propostas de maior compromisso com a transformação de nossa América Latina em um continente onde os pobres e excluídos sejam os favoritos de sua pregação e sua ação.

Este clima possibilitará uma maior abertura eclesial ao diálogo ecumênico e inter-religioso. Sobretudo, considero, a partir de grandes causas pela justiça, a solidariedade e a paz, como também a defesa da criação. Estas causas comuns podem ajudar o diálogo mais fecundo nos aspectos da confissão de fé.

IHU On-Line - A temática da proposta do ministério ordenado (ordenação) de mulheres, foi pedida pela CNBB ao Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam). Por que foi ignorada esta sugestão?

Ignácio Madera - Não conheço texto algum a respeito, mas creio que a Igreja Católica neste momento não está disposta a discutir o assunto. Realmente, não faz parte da agenda dos assuntos que a Conferência tem tratado.

IHU On-Line - A saída dos fiéis que tanto preocupa o Papa e os bispos está relacionada com a necessidade da Igreja renovar-se? Por onde o senhor vê que passa essa renovação da Igreja?

Ignácio Madera - Creio que passa pela consciência de ser uma Igreja ministerial a partir da consagração batismal. É clara a consciência da necessidade de um compromisso maior dos leigos a partir de uma formação muito cuidadosa que estimule suas lideranças na sociedade e sua séria participação no interior da Igreja. A necessária diferenciação entre os leigos em movimentos religiosos católicos e o laicato em geral permite o não-identificar o laicato com um só setor, chamando a todos a uma tomada de consciência de sua condição de batizados, agraciados com uma diversidade de carismas, para a edificação do corpo comum, que é a Igreja.

IHU On-Line - Há anos a Igreja latino-americana propõe em seus documentos uma opção pelos pobres. O Papa voltou a insistir nesta preocupação. Como o senhor analisa esta questão?

Ignácio Madera - Creio que o Santo Padre tem dado um acento à opção pelos pobres colocando-a como parte da fé cristológica. Considero que isto nos pede o desenvolvimento da cristologia desde a história de Jesus de Nazaré confessado como Senhor e Cristo. É pela fé, e em virtude da resposta de fé em Jesus Cristo, que a opção de crente não pode ser outra que a opção pelos

pobres.

IHU On-Line - Qual o envolvimento da Vida Religiosa latino-americana (CLAR) com a V Conferência?

Ignácio Madera - Em minha apresentação ante a Conferência, afirmei que as decisões, conclusões e propostas da mesma terão na vida religiosa latino-americana a primeira disponibilidade no sentido de implementá-las com expectativa, dinamismo e fidelidade criativa. A CLAR é uma confederação das 22 conferências

nacionais do continente, e o fato de terem sido convidados três de seus membros diretivos para a conferência nos estimula a continuar fortalecendo o diálogo e a relação que fazem da vida religiosa um modo radical de seguimento de Jesus sempre aberta e desperta às angústias e esperanças dos pobres e excluídos.

Filme da Semana

O Violino

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA JÁ FORAM VISTOS POR ALGUM (A) COLEGA DO IHU.

Ficha Técnica:

Nome original: *El violin*

Diretor: *Francisco Quevedo*

Cor filmagem: *Colorida*

Origem: *México*

Ano produção: *2006*

Gênero: *Drama*

Duração: *98 min*

Classificação: *livre*

Sinopse: *México, década de 1970. Um grupo de guerrilheiros é vítima de constantes abusos de militares. Quando alguns dos rebeldes são capturados, resta a um velho violinista, que não tem uma das mãos, infiltrar-se num acampamento militar. A sua música terá um papel fundamental.*

Som e guerrilha, o dueto de *O violino*

Filme de estréia do mexicano Francisco Quevedo, vencedor do Festival de Gramado, O Violino tem encantado as platéias mundo afora. Eis o comentário de Luiz Zanin Oricchio publicado no jornal O Estado de S. Paulo, 25-01-2007. O premiado Don Angel Tavira foi tema de um documentário de 2004 realizado pelo mesmo diretor. O roteiro do filme parece existir por causa dele, tudo gira em torno de sua figura. O ator é músico profissional, mesmo tendo perdido a mão aos 13 anos de idade. Isso é mencionado no filme, mas não tem muita importância na narrativa. O filme se encontra em cartaz em Porto Alegre, ainda que tardiamente.

Ele já participou do Festival de Cannes, ganhou o de Gramado, passou pela Mostra de São Paulo e esteve recentemente em Havana. *O violino*, filme de estréia do mexicano Francisco Vargas Quevedo, tem, invariavelmente, encantado as platéias mundo afora. Festival ganha-se ou não. Às vezes há um concorrente melhor, ou que cai mais no gosto dos jurados. Mas há um índice seguro sobre um filme: é quando, independentemente de prêmios, torna-se assunto obrigatório entre os cinéfilos. E não se fica indiferente diante de *O violino*. Uns gostam mais, outros menos, mas a maioria concorda: trata-se de algo especial, desses que aparecem apenas de vez em quando.

Essa característica poderia ser resumido numa palavra ou duas: tem caráter, personalidade. A começar pelo rigor da filmagem em preto-e-branco, rara hoje em dia e, mesmo quando aparece em algum filme contemporâneo, às vezes usada como maneirismo, que é o exagero demonstrativo de um estilo. Em *O violino*, o P&B vem como recurso necessário da narrativa. A história pede que seja assim.

Há alguns pontos interessantes nessa narrativa: em algum país indeterminado existe um governo ditatorial. A manutenção da 'ordem' está nas mãos, e nos coturnos, do Exército. Existe também um movimento de resistência. Na história, ele se localiza no interior do país, no meio rural. São os camponeses que compõem a oposição a esse

governo opressor, que pode ser o de qualquer país latino-americano, possivelmente nos anos 60 e 70, quando as ditaduras militares eram a forma comum de governo da região, devidamente estimuladas por quem tinha interesse em manter um certo *status quo* e defender-se contra lutas de libertação alinhadas à esquerda.

Em meio a essa luta há um velho camponês, dom Plutarco (dom Ángel Tavira), que tem apenas uma mão, mas toca seu violino com arte. Seu par complementar surge na figura de um oficial amante da música. A tensão sobe no vilarejo local porque há um estoque de armas e munições que pode servir à guerrilha, e do qual o Exército quer se apoderar. Uma situação de guerra, em suma. E guerra de guerrilhas, com a característica usual - combatentes infiltrados na população. Não se trata de um embate entre exércitos convencionais. Neste caso, do ponto de vista do Exército, o inimigo pode estar em qualquer parte; pode ser qualquer um. É um combate nas sombras, já retratado em vários filmes latino-americanos, como em *Boca de Lobo*, do peruano Francisco Lombardi⁹⁶, ou *Clandestinos*, do cubano

⁹⁶ Francisco Lombardi: Crítico de cinema, diretor e produtor de cinema e televisão. É diretor dos longas *Ojos que no ven* (2003) e *Mariposa negra* (2006). (Nota da IHU On-Line)

Fernando Pérez⁹⁷.

Situando-a em um país indefinido, Quevedo fala de todas essas lutas e de nenhum em especial. Interessa-lhe mais mostrar a tensão de um combate invisível e passar essa impressão ao espectador. Vale-se de alguns trunfos interessantes em sua busca de autenticidade. Uma delas, a mescla de atores profissionais com verdadeiros camponeses mexicanos, que interpretam seus próprios papéis. Ou papéis que teriam, caso uma luta política armada estivesse se desenvolvendo em seu território. O filme é tenso, empolgante às vezes e comovente em outras. A beleza visual não esconde a violência latente e os riscos escondidos a cada passo. Mas esse clima vem muito mais da angústia da espera do que da ação propriamente dita. É um filme dos espaços largos, que joga com o tempo e com a expressão facial dos atores muito mais do que com o movimento e o diálogo. Econômico, tira dessa poupança de recursos aquela força que chega até nós.

Bastante elogiado pela revista francesa *Cahiers du Cinéma*, *O violino* abre uma alternativa no cinema de empenho artístico do México. Não cai, segundo a revista, no 'miserabilismo barroco' de Carlos Reygadas⁹⁸ (de *Japón e Batalla en el Cielo*), nem na 'babelização' de Iñárritu⁹⁹ e Del Toro¹⁰⁰. Segundo essa interpretação, com a qual se pode concordar, mas apenas de maneira parcial, existem no México cineastas como Quevedo

⁹⁷ **Fernando Pérez Valdes:** diretor de cinema e escritor. Sua obra cinematográfica recebeu prêmios em festivais nacionais e estrangeiros. Recebeu em 1982, o Premio *Casa de las Américas* na categoria testemunho por seu livro *Corresponsales de guerra*. (Nota da IHU On-Line)

⁹⁸ **Carlos Reygadas:** diretor de cinema mexicano. É diretor dos premiados *Japón e Batalla en el Cielo*. (Nota da IHU On-Line)

⁹⁹ **Alejandro González Iñárritu:** cineasta mexicano, diretor de *Babel e 21 gramas*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰⁰ **Guillermo Del Toro:** cineasta mexicano, diretor de *Hellboy e O Labirinto do fauno*, entre outros longas. (Nota da IHU On-Line)

capazes de propor uma terceira via entre o localismo de uns e a tendência mais globalizante de outros.

Curiosamente, esse artigo da *Cahiers* sobre *O violino* foi escrito antes que se conhecessem as múltiplas indicações para o Oscar dos dois outros cineastas citados. Guillermo Del Toro, com seu *O labirinto do Fauno*, levou seis indicações da Academia. E *Babel*, de Alejandro González Iñárritu, sete, entre as quais as de melhor filme e diretor. Portanto, esses são mexicanos que se mexem muito bem nas fronteiras globais e as ultrapassam com facilidade. Estão fazendo filmes para o mundo. Já Reygadas, com seu barroquismo e temáticas por vezes consideradas indigestas demais, tende a viajar com mais dificuldade para outros públicos. É cineasta para poucos.

Entre eles ficaria então Quevedo, e sua *terza via*. O filme é mexicano em sua concepção mais profunda, mas tem a habilidade de ambientar-se em uma terra de ninguém - e portanto de todos. Sua identidade maior está baseada no idioma e nos rostos, que não se poderiam encontrar em qualquer outra parte que não em seu país natal. Ao mesmo tempo, tempera esse localismo com dois temas universais, como a violência política e a ternura musical. E, acima de tudo, apóia-se num personagem que de fato merece o surrado adjetivo de inesquecível. Quem viu dom Plutarco na tela, tocando seu violino tosco e melodioso com uma mão só, não se esquece jamais. Agora é esperar pelo próximo trabalho de Quevedo.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Religião e homossexualidade

Thomas Hanks

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 22-05-2007

O teólogo estaduniense radicado na Argentina Thomas Hanks afirma que de nada adianta debater sobre as causas homossexuais. Para ele, o grande problema sobre o assunto reside no fato de existir uma maioria que oprime as minorias. Mudando o foco da discussão, explica o teólogo, será mais fácil interpretar a Bíblia e perceber que homossexualismo não é pecado.

'O biocombustível é uma solução, não a solução'

Arnaldo Cardoso

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 23-05-2007

Para o químico Arnaldo Cardoso, biocombustível limpo não existe.

'O capitalismo globalizado está destruindo a capacidade de os indivíduos se tornarem independentes'

Robert Castel

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 24-05-2007

O sociólogo francês Robert Castel, diz que os indivíduos estão com bastante dificuldade de se tornarem independentes devido ao capitalismo globalizado.

A subjetividade humana na sociedade de indivíduos

Benilton Bezerra

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 25-05-2007

A autonomia é uma das facetas do indivíduo, disse o professor Benilton Bezerra. Segundo ele, as pessoas atuam como escravos dos modelos impostos, os quais nos ensinam como devemos agir para sermos considerados mais auto-suficientes.

O Rap na cultura brasileira

Tito Cavalcanti

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 26-05-2007

Tito analisa o Rap dentro da cultura brasileira e as manifestações culturais que nasceram de movimentos como esse.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Angra 3. Um equívoco

José Goldemberg

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 21-05-2007

Em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 21-05-2007, José Goldemberg afirma que a potência das usinas instaladas e autorizadas no País equivale a seis reatores nucleares do porte de Angra dos Reis.

Virada dramática na história da humanidade

Jeremy Rifkin

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 21-05-2007

Jeremy Rifkin comenta a moessa do plano italiano respondendo ao telefone de Bruxelas, onde recém obteve um sucesso importante: uma declaração escrita do Parlamento que propõe um modelo de saída da era do carbono e da era da energia nuclear.

Humanizar a humanidade

Juan José Tamayo

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 21-05-2007

Para o teólogo espanhol Juan José Tamayo, a sociedade continua sem acordar do sono da desumanidade e, permanece indiferente ao rumor da miséria. Ele comenta um livro recém-publicado de Jon Sobrino. O artigo foi publicado no dia 19-05-2007, no jornal *El País*.

A sociedade da decepção

Gilles Lipovetsky

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 21-05-2007

Em entrevista à revista *IstoÉ*, Lipovetsky afirmou que a sociedade moderna fez explodir o sentimento da decepção.

Que modelo de catolicismo Bento XVI promove?

Leonardo Boff

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 22-05-2007

Em artigo publicado no sítio *Religión Digital*, em 19-05-2007, o teólogo Leonardo Boff questiona: que modelo de catolicismo o Papa promove?

'Sou um homem de esquerda e votei em Sarkozy'

André Glucksmann

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 22-05-2007

Em entrevista ao jornal *El País*, em 14-05-2007, o escritor André Glucksmann afirma ter apoiado o eleito presidente francês, Sarkozy, porque voltou a hastear a bandeira dos direitos humanos.

'Não creio que meus livros devam ser gratuitos'

Susan George

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 22-05-2007

Susan George afirma que o movimento anti-sistema, o software livre, parece ser uma boa idéia. No entanto, adverte que seus livros não podem ser distribuídos gratuitamente na rede, uma vez que ninguém a paga para escrevê-los. A entrevista foi publicada no jornal *El País*, no dia 17-05-2007.

O bagre, a energia e o clima

Maurício Tolmasquim

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 23-05-2007

De acordo com o presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), mesmo com a construção das usinas do Rio Madeira e outros empreendimentos no norte do País, a participação hídrica no setor elétrico brasileiro deve cair aproximadamente 70% na próxima década. O artigo foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 23-05-2007.

A atual modalidade de concorrência pública deu e dá margem a crimes sem fim, constata jornalista

Janio de Freitas

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 24-05-2007

Sobre as novas mudanças na Lei de Licitações, propostas pelo governo e agora tramitando no Senado, o jornalista Janio de Freitas comenta elas nunca resolverão o problema das fraudes em concorrências públicas. O artigo do jornalista foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 24-05-2007.

A violência por trás do impasse na desocupação da USP

Sergio Adorno

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 24-05-2007

Para o sociólogo Sérgio Adorno, não é possível comparar a ditadura dos anos 1960 com a democracia da atualidade, referindo-se a ocupação na reitoria da Usp, pelos estudantes. A entrevista com Adorno foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 24-05-2007.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

Operação Navalha

"É a vez da Operação Navalha. Diante dela, o escândalo dos sanguessugas, baseado no superfaturamento de ambulâncias, parece coisa de trombadinha, troco de deputado" - **Fernando de Barros e Silva**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 21-05-2007.

"A Operação Navalha vem da fase de Márcio Thomaz Bastos, como várias outras ainda por aparecer. Mas o Ministério da Justiça já não parece o mesmo" - **Janio de Freitas**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 22-05-2007.

Comprei... eu não comprei...

"Veja, eu comprei o apartamento na fundação ainda. Eu não comprei... Eu comprei quando ainda estava na planta, o imóvel não existia. Ele estava começando a ser construído. Foi no início de 2004, final de 2003. Eu comprei por R\$ 1,1 milhão. E ainda tem um débito para ser pago. Está tudo declarado no imposto de renda" - **Alexandra Tavares**, ex-mulher do ex-governador do Maranhão, **José Reinaldo Tavares**, preso (e já libertado) na **Operação Navalha**, que colocou à venda em Brasília

uma cobertura dúplex de R\$ 3 milhões - *Folha de S. Paulo*, 23-05-2007.

Sarney, Tavares...

"Eu falei para ele: Zé Reinaldo, vamos comprar agora que a gente não tem gasto. Eu era secretária de Estado, conselheira, eu tinha bom salário. Eles falam como se fôssemos dois pé-rapados. É de indignar, é uma loucura" - **Alexandra Tavares**, ex-mulher do ex-governador do Maranhão, **José Reinaldo Tavares**, preso (e já libertado) na **Operação Navalha**, que colocou à venda em Brasília uma cobertura dúplex de R\$ 3 milhões - *Folha de S. Paulo*, 23-05-2007.

"O que eu lamento é que a imprensa dá para eles [família Sarney] o palco que eles querem. Por que você não faz um levantamento de tudo o que eles têm? Pergunte a eles como conseguiram" - **Alexandra Tavares**, ex-mulher do ex-governador do Maranhão, **José Reinaldo Tavares**, preso (e já libertado) na **Operação Navalha**, que colocou à venda em Brasília uma cobertura dúplex de R\$ 3 milhões - *Folha de S. Paulo*,

23-05-2007.

Butim

"Política no Brasil é isso: a incessante ciranda em torno do butim. Os inocentes, se há, que me desculpem, mas estão calados demais para o meu gosto" - **Clovis Rossi**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-05-2007.

Conspiração, segundo Ideli

"Com a economia indo bem e o PAC prometendo, partiram para a desestabilização da coalizão" - **Ideli Salvatti**, líder do PT no senado, avaliando as denúncias da Operação Navalha e contra Renan Calheiros - *O Globo*, 27-05-2007.

Uísque

"Não vejo mal em receber, por exemplo, uma garrafa de uísque. O mal está em não poder bebê-la toda" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, concordando com a tese de Tarso Genro de que é normal políticos receberem mimos, desde que, no caso do governo federal, o valor não ultrapasse o limite permitido - *O Globo*, 26-05-2007.

Cervejinhas

"Na luta contra a censura de Temporão, as cervejarias receberam um duro golpe justamente de um de seus mais ilustres consumidores. À Folha de S. Paulo, **Jaques Wagner** atribuiu a 'umas cervejinhas' o seu esquecimento de que sabia que se barco estava à deriva. Quer dizer, além de quebrar a regra universal do "se beber, não navegue", o governador provou que a cerveja provoca amnésia" - **Jorge Moreno**, jornalista - *O Globo*, 26-05-2007.

Ministro Pobre

"E o Lula falou do Silascou Rodô: 'Um homem de bem, sem posses'. Vamos fazer a campanha Ajude um Ministro Pobre. Se todos os leitores ajudarem, ele arruma um advogado top de linha. Com air bag e tudo!" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 26-05-2007.

Cardeal Martini e Mozart

"Estou muito contente de estar com vocês. Provavelmente será a última vez" - **Carlo Maria Martini**, 80 anos, sofrendo do mal de Parkinson, cardeal, jesuíta, arcebispo emérito de Milão, residente em Jerusalém, ao celebrar uma missa na periferia de Milão, ontem - *La Repubblica*, 21-05-2007.

"Mozart para mim se tornou muito importante desde quando descobri que na doença de Parkinson a sua música ajuda a distensão, a caminhar, a se exercitar. Por isso o ouço muitas horas durante o dia, desde o amanhecer até a hora de dormir e olho pela janela as primeiras luzes sobre o Monte das Oliveiras, onde se deu a Ascensão" - **Carlo Maria Martini**, cardeal arcebispo emérito de Milão, 80 anos, com a doença de Parkinson, residindo em Jerusalém, falando no domingo da Ascensão, em Milão - *La Repubblica*, 21-05-2007.

Pena de morte

"Sou favorável à eliminação física do indivíduo. Não pode haver tolerância com algumas formas de conduta. Acho uma hipocrisia, por exemplo, esta limitação de pena a 30 anos, algo que não se justifica. Existem delitos que afrontam os mais rudimentares princípios da civilidade" - **Marco Antônio Barbosa Leal**, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul ao propor também a redução da maioria penal no Brasil de 18 para 14 anos - *Zero Hora*, 23-05-2007.

Grêmio

“Quem diria. Há dois anos estávamos catando jogadores para poder disputar a Série B. Agora, estamos nas semifinais da Libertadores” - **Paulo Pelaipe**, diretor de futebol do Grêmio após a vitória sobre o Defensor - *Zero Hora*, 24-05-2007.

Lula e Serra

“Alguma coisa está fora da ordem. O ex-sindicalista Lula mandou o Exército para Tucuruí, ocupada por militantes sem-terra e sem-barragem. O ex-presidente da UNE José Serra mandou a PM retirar estudantes que protestam na USP” - **Ancelmo Góis**, jornalista - *O Globo*, 25-05-2007.

Lula e PMDB

“Lula é um homem honesto e sério. Ele não tem o controle sobre todas as coisas. As pessoas acreditam na

sua visão democrática. O presidente é um exemplo pelo seu passado de luta e é um líder indiscutido. Fala com os empresários e também com o MST” - **Sérgio Cabral**, governador do Rio de Janeiro pelo PMDB - *Página/12*, 26-05-2007.

“A relação do PMDB com o presidente está baseada em princípios sólidos de democracia e governabilidade. Lula está estabelecendo uma aliança muito sólida com nosso partido para construir um projeto nacional” - **Sérgio Cabral**, governador do Rio de Janeiro pelo PMDB - *Página/12*, 26-05-2007.

Briga de torcidas

“Na hora, a gente nem pensa. Se morrer, paciência. Eles também agem assim. Não se preocupam se um de nós pode morrer” - jovem de 26 anos, integrante de torcida em São Leopoldo - *Zero Hora*, 27-05-2007.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 29-05-2007

Mar Adentro, Alejandro Amenabar, 2004 - o direito de morrer

Profa. Dra. Lucilda Selli - Unisinos e Prof. Dr. José Roque Junges - Unisinos

Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

Discussão sobre o pensamento de José Bonifácio, Reforma, Independência e Escravidão

Profa. Dra. Márcia Miranda - Unisinos

Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h15min

Dia 31-05-2007

A fiscalidade na historiografia sobre o Brasil e o Rio Grande do Sul - da América portuguesa à Regência.

Profa. Dra. Márcia Miranda - Unisinos

IHU Idéias

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

José Bonifácio. Reforma, Independência e Escravidão

ENTREVISTA COM MARCIA MIRANDA

Patrono da Independência, José Bonifácio foi decisivo também nos momentos que antecederam o “Grito do Ipiranga”, explica a Profa. Dra. Márcia Miranda. “Vejo a participação de José Bonifácio como uma importante perspectiva para pensarmos a separação política do Brasil de Portugal como um processo, no qual as idéias de independência e de criação do Estado alicerçado numa monarquia constitucional foram construídas paulatinamente”, aponta a professora, que na próxima terça-feira, 29-05-2007, estará participando do Ciclo de Estudos Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens, discutindo o tema O pensamento de José Bonifácio, Reforma, Independência e Escravidão. O evento está marcado para o dia 29 de maio, às 19h30min, na sala 1G119.

Além dessa palestra, a professora também estará presente no IHU Idéias de quinta-feira, 31-05-2007, às 17h30min, no mesmo local. Nesse evento, ela abordará A fiscalidade na historiografia sobre o Brasil e o Rio Grande do Sul - da América portuguesa à Regência.

Márcia Miranda é graduada em História e em Economia e mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Economia Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), atualmente é professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), historiógrafa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Márcia Miranda conversou com a IHU On-Line e antecipou os assuntos que discutirá nos eventos. Confira a entrevista:

IHU On-Line - Recente enquete realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo* perguntou a duzentos intelectuais, políticos, religiosos, jornalistas quem foi ou é o maior brasileiro de todos os tempos. Dos sessenta nomes indicados, José Bonifácio foi classificado em sexto lugar. Essa indicação mostra que ele desempenhou um papel bastante importante na história brasileira. Qual a contribuição de Bonifácio para o País? Por que ele é lembrado e considerado um dos maiores brasileiros de todos os tempos?

Márcia Miranda - Normalmente, ao ouvirem falar de José Bonifácio¹, as pessoas lembram que ele é o “Patrono da Independência”, título que retrata, em poucas palavras, o papel destacado que esse brasileiro teve no processo de independência do Brasil, mas que também pode limitar a avaliação da sua trajetória. José Bonifácio não foi apenas político, mas também um

¹ José Bonifácio (1763-1838): Patriarca da Independência, foi um naturalista, estadista, poeta e maçom brasileiro. Proclamada a Independência, organizou a ação militar contra os focos de resistência à separação de Portugal e comandou uma política centralizadora. (Nota da IHU On-Line)

intelectual, cuja formação e atuação deu-se nos quadros da ilustração portuguesa. Foi um cientista que atuou nas principais academias e instituições científicas da Europa, morando e desenvolvendo estudos em diversos países (França, Dinamarca, Prússia, Noruega, entre outros), além de ter sido um destacado funcionário da Coroa portuguesa e professor da Universidade de Coimbra, militar engajado na resistência às tropas napoleônicas e, finalmente, um político que participou de forma decisiva na orientação da participação dos deputados paulistas nas Cortes de Lisboa e do processo de independência do Brasil. O impressionante é que dentre esses vários papéis o de político foi o mais breve, restrito ao período em residiu no Brasil após longos anos na Europa (tendo partido para estudar na Universidade de Coimbra em 1783, quando tinha 20 anos de idade, José Bonifácio só retornou ao Brasil em 1819, já com 56 anos). Foi somente a partir de 1821 que José Bonifácio passou a desempenhar um papel de crescente importância na política luso-brasileira. Trajetória breve, mas decisiva para os rumos do processo.

IHU On-Line - José Bonifácio, além de desprezar os títulos da nobreza e questionar o porquê de as mulheres terem que obedecer às leis feitas sem sua participação, foi pioneiro por suas idéias avançadas, por incentivar a reforma agrária, o fim da escravidão, enfim, era um homem que tinha idéias “avançadas” para a época. Qual é a importância de sua participação na proclamação da Independência do Brasil?

Márcia Miranda - A participação de José Bonifácio foi decisiva, mas não pode ser realmente avaliada se nos ativermos aos momentos imediatos à proclamação, ou seja, aqueles que antecederam o “Grito do Ipiranga”. Vejo a participação de José Bonifácio como uma importante perspectiva para pensarmos a separação

política do Brasil de Portugal como um processo, no qual as idéias de independência e de criação do Estado alicerçado numa monarquia constitucional foram construídas paulatinamente. Além disso, as suas propostas evidenciam que ele tinha consciência de que a independência e a formação do Estado não implicavam na constituição da nação, a qual deveria também ser construída.

Como intelectual ilustrado, educado na Universidade de Coimbra pós-reformas pombalinas, como cientista que vivenciou os primeiros anos da Revolução Francesa, e como funcionário da Coroa lusa na administração de D. Rodrigo de Sousa Coutinho¹, José Bonifácio era adepto do projeto de constituição de um império luso-brasileiro, que reconhecia a importância do Brasil, mas cujo centro político seria Lisboa. No entanto, o estabelecimento da Corte para o Brasil em 1808 e a constituição de um centro de poder na América contribuíram para que outros projetos de império fossem pensados.

No entanto, é importante ressaltar que, mesmo que José Bonifácio tenha sido exitoso no encaminhamento do processo de ruptura e no direcionamento a ser tomado na construção do Estado, preservando o regime monárquico e a unidade territorial, seu projeto de nação fracassou. É justamente, esse projeto de nação que explicita os aspectos mais “avançados” do seu pensamento. José Bonifácio acreditava que a nação brasileira deveria ser construída a partir de um programa reformista, daí as suas propostas apresentadas à Assembléia Constituinte em 1823, visando a criar condições para a “civilização” e incorporação dos indígenas à sociedade² e propondo a

¹ D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812): primeiro Conde de Linhares, foi um militar e político português. (Nota da *IHU On-Line*)

² *Apontamentos para a civilização dos índios bravos o Império do Brasil*. In: SILVA, José Bonifácio de Andrada. *Projetos para o Brasil*.

extinção do tráfico negreiro como primeiro passo de um progressivo processo de abolição da escravidão¹. Esse seu projeto visava criar uma raça nacional, afastar os vícios e a indolência que caracterizavam os brasileiros, fossem índios, negros ou brancos, e visava a criar as condições necessárias para o desenvolvimento econômico e social do país, para a manutenção da unidade territorial e da estabilidade social.

IHU On-Line - Na época do Brasil colonial, como funcionava o arrecadamento de impostos? Como esse dinheiro era investido?

Márcia Miranda - Para pensar no sistema e na arrecadação fiscal da Época Moderna, temos de considerar que o processo de construção dos estados estava em curso, ou seja, de constituição do monopólio das funções extrativas e coercitivas. Desse modo, práticas típicas dos Estados do Antigo Regime foram implementadas por Portugal nas suas possessões ultramarinas, tais como a rematação de contratos. Por esse sistema, a Coroa cedia o poder de explorar monopólios (como da extração do pau-brasil ou da pesca da baleia) e de arrecadar os principais tributos à iniciativa privada. Esses contratos eram vendidos em hasta pública ao indivíduo ou companhia que fizesse o maior lance. O rematante passava a exercer o direito de arrecadar o tributo num território por um prazo determinado (geralmente três anos), obrigando-se a recolher ao Erário Régio um valor pré-estabelecido. O rematante lucrava com a diferença entre o valor arrecadado e o valor devido à Fazenda Régia, mas todas as despesas com a arrecadação dos tributos corriam por sua conta. É preciso lembrar que a maior

parte dos tributos eram arrecadados in natura. Desse modo, cabia ao rematante recolher os produtos e comercializá-los. Para a Fazenda Real, esse negócio era interessante, pois permitia a antecipação do ingresso de moeda no tesouro e reduzia os encargos decorrentes da cobrança. Esse sistema era utilizado principalmente para a exploração dos registros (pedágios onde eram cobradas taxas sobre a circulação de pessoas, animais e mercadorias) e arrecadação de dois dízimos (correspondente a 10% da renda pessoal e do produto das lavouras, da criação e da pesa), dos quintos sobre couros (uma em cada cinco peças), dos impostos do Banco do Brasil, do subsídio literário (sobre o consumo de água-ardente e de carne verde), entre outros. Observa-se, assim, que esse sistema não incluía as principais fontes de receita tributária da Coroa, os quintos sobre o ouro, que eram arrecadados nas casas de fundição, e as taxas de exportação e importação, cobradas nas alfândegas. Mas eram justamente os tributos arrecadados sob a forma de contratos régios aqueles que mais pesavam sobre a população da colônia, porque incidiam sobre a circulação e a produção destinada ao mercado interno. Com relação ao destino dos recursos arrecadados, é importante observar que o principal mecanismo de extração de excedente da colônia pela metrópole era o monopólio de comércio. Dessa forma, com exceção da receita fiscal proveniente da exploração do ouro e dos diamantes, os recursos eram geralmente aplicados na própria colônia. A lógica da exploração colonial visava reduzir os encargos dela decorrentes ao mínimo possível, logo buscava-se transferi-los aos próprios colonos. Nos primeiros anos da colonização, as câmaras eram as responsáveis pelo autolancamento de tributos, sempre que novas necessidades surgiam; mas com o passar do tempo, parte desses tributos, como

DOLNIKOFF, Miriam (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
(Nota da entrevistada)

¹ *Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura*. In: SILVA, José Bonifácio de Andrada. *Projetos para o Brasil*. DOLNIKOFF, Miriam (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Nota da entrevistada)

demonstrou Luciano de Figueiredo¹, acabavam se perpetuando e sendo incorporados pela administração régia, reduzindo a capacidade das câmaras intervirem ou decidirem sobre essas questões. Deve-se levar em consideração que, a partir da reformas pombalinas, as capitâneas passaram a ser mais do que simples divisões administrativas, mas também unidades fiscais. Desse modo, cada junta da fazenda (órgão colegiado composto pelo governador e capitão-general, pelo intendente da marinha, por um escrivão e um tesoureiro) era responsável pela administração dos negócios da sua capitania, procedendo a rematação dos contratos, o recebimento dos quartéis (prestações) devidos pelos contratadores e pela execução de todas as despesas, fossem com a administração, ou com as melhorias na infra-estrutura (abertura de caminhos, construção de pontes etc.), a manutenção de aulas públicas ou com as mobilizações militares para a defesa do território. As juntas das capitâneas gerais eram independentes entre si, subordinando-se diretamente ao Erário Régio em Lisboa e, a partir de 1808, no Rio de Janeiro.

O fato dos recursos arrecadados nas capitâneas serem despendidos nelas não significa que a arrecadação fosse destituída de tensões. A ação dos rematantes dos contratos era seguidamente denunciada como abusivas, pois estes lançavam mão de troques para aumentar seus lucros e também usavam de violência. Por outro lado, as arbitrariedades da Coroa também geravam descontentamento. Assim, as revoltas fiscais estiveram presentes em diversas regiões da colônia.

¹ FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Revoltas, fiscalidade e identidade colonial na América portuguesa - Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, 1540-1761*. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - O processo de arrecadação de impostos se modificou ao longo dos anos no País e no estado do Rio Grande do Sul. A partir da sua pesquisa, como a senhora avalia as mudanças que ocorreram durante o tempo? Os avanços têm sido positivos, de maneira que evoluíram com o passar dos anos ou se tornaram mais burocráticos?

Márcia Miranda - Essas mudanças estão ligadas ao processo de construção do Estado nacional. Por exemplo, o sistema de contratos dos dízimos, que era um imposto sobre a renda e a produção, foi extinto em 1821, um dos últimos decretos de D. João VI² ao deixar o Brasil. Mas extinguir esse sistema só se tornava viável a medida em que o Estado desenvolvia as condições necessárias para arrecadar diretamente esses tributos, o que requeria o aprimoramento da administração, com a constituição de um corpo de funcionários que viabilizasse a maior presença do Estado em todo o território nacional. Desse modo, a crescente burocratização é uma consequência da modernização e da “estatização” do processo fiscal.

Mas a mudança no sistema de arrecadação foi lenta, e em alguns casos só foi possível com a transformação do sistema tributário e do enfrentamento de novas tensões que inevitavelmente surgiram. Um dos problemas colocados pela Independência foi o da construção de um sistema tributário unificado e da garantia da concentração de uma parcela de recursos pela Corte. Paulatinamente, reformas foram introduzidas. A lei do orçamento de 1832 estabeleceu a divisão de competências tributárias entre as províncias e o governo central, ou seja, estabeleceu uma distinção entre as receitas provinciais e centrais, ao mesmo tempo em que distinguiu as despesas que

² D. João VI (1767-1826): batizado João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael de Bragança, cognominado O Clemente, foi Rei de Portugal entre 1816 e a sua morte. (Nota da IHU On-Line)

deveriam se supridas pelos tesouros das províncias e o tesouro do Império. O Ato Adicional de 1834 descentralizou o sistema ao criar as assembleias legislativas com competência de legislar sobre os tributos provinciais. A partir desse momento, a disputa em torno do orçamento, ou seja, em torno do que deve ser tributado, do quanto deve ser recolhido e em que deve ser gasto, ganhou uma nova dimensão; deixou de ser um conflito que opunha unicamente as províncias ao governo central, passando também a ganhar uma dimensão interna às províncias, opondo facções das elites provinciais entre si, como demonstrou Leitman ao analisar a Revolução Farroupilha.¹

Mas as transformações nos sistemas de arrecadação e do sistema tributário, assim como do processo orçamentário envolvem também outros aspectos além das questões relativas à busca de eficiência administrativa ou às clivagens da sociedade. As mudanças também foram impulsionadas e, em certa medida, também provocaram mudanças na economia do país. Desse modo, o sistema tributário essencialmente alicerçado nas receitas alfandegárias, como era o nosso na República Velha, foi progressivamente transformado até aproximar-se do sistema atual, baseado essencialmente nos tributos vinculados ao mercado interno como o imposto de

renda e o imposto sobre consumo e circulação de mercadorias.

Assim, as transformações da questão fiscal têm várias facetas. Se as mudanças pelas quais passou e tem passado geram conflitos, também criam oportunidades, estimulam alguns setores, atendem a alguns interesses. Por outro lado, essas mudanças também refletem as transformações do Estado, do federalismo brasileiro, da economia e da sociedade.

IHU On-Line - As críticas ao pagamento de impostos e taxas tributárias elevadas no Brasil são bastante frequentes. Por que o Brasil, hoje, é um dos países que apresenta a taxa mais alta de impostos? Isso é um reflexo dos séculos passados?

Márcia Miranda - Em parte, mais que a carga tributária elevada, acredito que a principal crítica ao sistema tributário nacional esteja relacionada à distribuição não eqüitativa do ônus tributário. A lentidão das reformas tributária decorrente da ação de grupos de interesses específicos é principal entrave à modernização do sistema, tornando-o mais justo e eqüitativo. Como tentei demonstrar na questão anterior, os sistemas tributários e a administração fiscal devem acompanhar as transformações da sociedade e da estrutura produtiva. Mais que herança do passado, a dificuldade para implementação de reformas decorre da nossa realidade política e social.

¹ LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos* (Rio de Janeiro: Graal, 1979). (Nota do entrevistado)

Perfil Popular

Eliane Borges

Natural de Lages, Santa Catarina, Eliane Borges teve uma vida difícil desde a infância. A violência sempre fez parte de sua vida, primeiro com o padrasto e mais tarde com o marido. Foi superando esse obstáculo que ela veio para o Rio Grande do Sul. “Aqui achei muitas pessoas boas, que me ajudaram.” Com seus oito filhos, ela mora com o atual marido Egídio em São Leopoldo, onde trabalha como catadora e com a reciclagem. Conheça um pouco mais de Eliane Borges na entrevista a seguir.



Começo - Em Lages, Santa Catarina, Eliane viveu até os 26 anos. Foi criada pela mãe solteira, que a levava para o trabalho por não ter quem cuidasse da filha. “Morava junto com ela no emprego. Ela trabalhava em um restaurante e me deixava trancada no quarto até a hora em que vinha almoçar. Eu ficava no quartinho dos fundos do restaurante em que ela trabalhava como cozinheira, e, na hora do almoço, ela vinha e comia junto comigo.”

Infância - Aos sete anos, Eliane ganhou um irmão e um padrasto. Com a mãe trabalhando fora como doméstica, as crianças sofreram. “Ele era muito ruim, judiava de nós: era um padrasto muito severo e brabo. Muito cruel. Conviver com ele era terrível. Quando era só a minha mãe era melhor.” Aos 15 anos, Eliane ganhou um beijo de seu primeiro namorado, mas o padrasto não aprovou o gesto. “Meu padrasto me surrou muito pelo que aconteceu. Por causa disso eu fugi de casa.”

Estudos - Eliane estudou até a quinta série no Colégio Francisco Monfrai, em Lages. “Parei de estudar porque

comecei a trabalhar fazendo bijuterias. Era uma firma de Caxias do Sul que levava o material para lá para nós fazer. No ano passado, fiz um reforço de aula de primeira à quinta série em um projeto, e fui escolhida como oradora na entrega dos certificados”.

Trabalho - Eliane sempre trabalhou muito. Foi ajudante na limpeza em um supermercado, trabalhou como faxineira e, hoje, trabalha como catadora de papel. “Catando papel foi onde eu consegui me sustentar melhor. Tenho uma reciclagem na minha casa, na Invasão do Justo, no bairro Vila Teresa, em São Leopoldo. Catamos de tarde em Novo Hamburgo e de noite separamos a carga na reciclagem. Fazemos uma carga de material por semana.”

Dificuldade - Ao sair de casa, Eliane foi morar com o namorado, mas a situação só piorou. “Tudo que eu sofri nas mãos do padrasto sofri o dobro nas mãos do marido. Me juntei com um cara que judiava de mim. Eu sofri muito.” Nessa união, ela teve quatro filhos. O primeiro, Josias, ganhou aos 16

anos. “Quando ele nasceu foi uma outra experiência. Eu não era mais filha e sim mãe. Eu lembro muito que eu amava demais o Josias; era doente por ele.” Eliane não tinha o apoio do marido, que nem trabalhava para ajudar a família. “Eu lembro que quando cheguei do hospital, eu não tinha casa, morava com a minha sogra, e ela não tinha nem comida. A vizinha ao lado fez arroz com batatinha e me deu para eu comer, para alimentar o nenê.” Na mesma semana, ela voltou a trabalhar, dessa vez fazendo faxinas. “Assim eu podia levar ele. Consegui me levantar fazendo faxina.” Como não sabia prevenir a gravidez, a família cresceu rapidamente. “Quando eu vi já tinham se passado onze anos da minha vida naquela situação e eu já tinha quatro filhos: Josiane, de 19 anos; Paulo, de 17; e Augusto, de 15 anos.”

Mudança - Eliane decidiu mudar a situação de sua família. A visita de uma prima foi a oportunidade que esperava. Ao ver os machucados, a prima ofereceu ajuda. “Ele tinha me surrado muito naquele dia, e eu estava com o rosto machucado. Ele sabia que iam tomar uma providência. Eu fugi e fui lá ver a minha prima. Ela falou que se eu quisesse vir para o Rio Grande do Sul iria me ajudar.” Eliane planejou a fuga escondida do marido, juntando o dinheiro que ganhava nas faxinas. “Em outubro de 1996, a prima telefonou. Na minha cabeça aquela era a hora final do meu sofrimento.” O plano de Eliane deu certo parcialmente. O filho mais velho e o mais novo queriam ficar com o pai. “Eu falei para o meu marido que ia embora pra casa da minha tia que morava ali perto e fugi pra cá, mas vim aos pedaços porque tinha deixado dois filhos.” Em São Leopoldo, ela arrumou um emprego e comprou uma casa. Depois de um ano voltou para buscar os filhos. “Quando cheguei lá o meu filho pequeno, Augusto, não me reconhecia. Cheguei lá mais valente. Conversei com meu ex-marido e mostrei que podia me levantar e eles vieram junto comigo.”

Ajuda - Em São Leopoldo, Eliane teve um namorado, com quem teve seu quinto filho, Maiara. Dois anos depois, Eliane

teve Jonathan e Samuel. Mas o pai das crianças se revelou ruim. “Ele tentou bater nos meus filhos e daí não deu certo. Eu nunca aceitei ninguém dar um tapa em um filho meu.” Em um segundo relacionamento, Eliane engravidou de Matheus, o caçula da família. Logo ao nascer, Matheus já passava por dificuldades. “Quando o Matheus estava com um ano ele teve pneumonia, por que o telhado da minha casa deixava entrar chuva.” As irmãs religiosas Ana Formoso e Cristina Giani, da Comunidade Missionária do Cristo Ressuscitado, de São Leopoldo, e também colaboradoras do Instituto Humanitas Unisinos, ajudaram a família na época. “Elas trocaram o telhado da casa e fizeram um banheiro porque a assistente social queria tirar o Matheus de mim. Ele ficou no hospital durante 72 dias porque teve um derrame pulmonar. Ele tinha só um ano. Fiquei com ele todas as noites. Hoje ele está bem, como todos os meus filhos.” No hospital, Eliane conheceu Egídio Laxen, seu atual marido. “Ele mora comigo e trabalha comigo como catador. Agora estamos fazendo uma casa, com cozinha e banheiro.”

Amigos - Além das irmãs, Eliane sempre contou com a ajuda de amigos desde que chegou no Rio Grande do Sul, até no exterior. “Tenho uma família do Chile que me ajuda pelo programa Padrinho Além da Fronteira, que até já me visitaram aqui. O meu padrinho sempre manda benefícios pra mim, da maneira que eles podem.”

Filhos - Eliane lutou contra as dificuldades para criar os filhos, e com Maiara não foi diferente. Eliane começou a trabalhar à noite, em uma lancheria no centro de São Leopoldo. Nessa época, ela conheceu Luís Andrade, que logo se tornou um amigo de confiança. “Como eles eram bons pra mim, a esposa dele fez a proposta de cuidar dela enquanto eu trabalhava à noite.” O casal queria a filha de Eliane, mas escondia a intenção dela. “Ela disse pra eu deixar a Maiara dormir à noite na casa dela porque eu chegava tarde e que eu podia buscar ela de manhã. Quando ia buscar a Maiara ela nunca estava lá.” Conversando com uma vizinha a caminho do

trabalho, ela descobriu a verdade. “Uma vizinha no ônibus me perguntou por que eu dei a minha filha. Eu falei que não dei. Daí descobri que ela estava falando para todos na comunidade que tinha dado a minha filha pra ela. Desci do ônibus e fui buscar a minha filha.” Os amigos cobraram uma decisão de Eliane. “Levei minha filha embora. Eles foram até o Conselho Tutelar, que visitou a minha casa e viram que eu podia cuidar da minha filha. Disse para eles cuidarem das crianças da rua, eu podia cuidar dos meus filhos. Hoje ela está bem, com nove anos, bonita e estudando.”

Orgulho - Josias é o orgulho de Eliane. É o primeiro da família a ingressar na universidade, através de uma bolsa, onde cursa Ciências Sociais. A maior alegria dela foi o dia em que ele soube que tinha passado no vestibular. “Ele passou pelos obstáculos da vida e chegou aqui.” Ele acompanha a

trabalho da Ação Social da Universidade em um projeto e mais tarde ele conseguiu uma bolsa.

Maior dificuldade - Eliane considera esse o pior momento de sua vida. Ela ficou muito decepcionada, quando pediu a ajuda do pai quando apanhou do marido em seu primeiro casamento e não foi atendida. “Conheci ele com 17 anos e nunca tinha pedido ajuda pra ele pra nada. Um dia, quando apanhei muito do meu marido, ele me trancou no quarto, fugi pela janela com meus filhos e fui até a casa do meu pai. Ele falou que não queria problemas para ele, não iria me ajudar.”

Sonho - O sonho de Eliane é oficializar a sua união com Egídio. “Quero me casar no civil. Estou há três anos com o Egídio, que trata eu e meus filhos muito bem.”

IHU REPÓRTER

Dirson João Stein

Aos 33 anos, Dirson Stein tem uma rotina repleta. Trabalha como laboratorista de apoio ao ensino no Biotério e no laboratório de Neurociências e também é um dos responsáveis pela manutenção dos equipamentos de microscopia do Centro de Ciências da Saúde. Além dessas atividades, ele também é caixa e garçom em uma pizzeria de São Leopoldo à noite. Dirson é técnico em agropecuária e graduado em Biologia e planeja no futuro fazer um curso de pós-graduação na área. Pai de dois filhos pequenos, ele aproveita as horas livres com a família, no sítio onde mora em São Leopoldo.

Origens - Nasci em Boa Vista do Buricá, município próximo a Santa Rosa, no Alto-Uruguai. Sou de uma família de cinco irmãos naturais e uma irmã adotiva.

Estudos - Eu vivi com minha família até os 11 anos, quando fui para o seminário dos padres. Na minha

família, têm várias pessoas que freqüentaram o seminário. Tenho dois tios que são padres, então sempre recebi muito incentivo para freqüentar um seminário. Só podíamos visitar a família na páscoa, em férias de inverno e de verão, ou em ocasiões muito especiais. Recebíamos também visitas dos pais a cada dois meses,

mais ou menos. Naquela época, eu era muito jovem e sentia muitas saudades da família, então depois de um ano e meio eu voltei. No seminário, além de cursar o Ensino Fundamental, tinha atividades de cunho religioso. Auxiliávamos também nas atividades agropecuárias do seminário. No primeiro ano eu adorava. Tinha piscina, futebol, atividades todo o dia, o que não havia em casa, mas depois desse tempo é que senti a saudade. Chorava de saudade de casa quase todos os dias. Minha mãe ficou um pouco triste, pois ela sempre quis que alguém da família seguisse o caminho religioso, mas, no final, acabou aceitando. Voltei para a escola e terminei o Ensino Fundamental no Colégio Barão do Rio Branco e no Colégio São José, em Boa Vista do Buricá.

Agropecuária - Cursei o Ensino Médio e Técnico em Agropecuária no colégio Presidente Getúlio Vargas, em Três de Maio. Como meus pais são agricultores, tive incentivo para seguir esta carreira. Gostava muito dessa área. No final do curso, fiz o estágio curricular em uma fazenda em São Nicolau, próxima à fronteira do estado. Na propriedade, eu ajudava na criação de gado e porcos e também na plantação. Depois de formado, trabalhei por um ano como técnico agrícola na prefeitura de São José do Inhacorá, responsável pela assistência técnica aos agricultores do município.

Alemanha - Por intermédio de um dos irmãos da minha mãe, consegui um estágio numa propriedade rural agropecuária na Alemanha. No início, tive dificuldade em razão da língua. Somos descendentes de alemães e meus pais sempre falaram o alemão. Já eu entendia muito bem o dialeto, mas falava pouco, respondendo quase sempre em português. Naquela região ainda se fala um dialeto muito particular, diferente do alemão clássico. Tive dificuldades de comunicação no início, mas, como não tinha outra opção, acabei me acostumando com a língua. Nessa fazenda, eu trabalhava junto com a família tirando

leite, tratando os porcos e cuidando da produção. Estudava também um dia por semana em uma escola técnica. O convívio com pessoas de uma cultura diferente e muitas amizades foi o que levei para mim dessa viagem de quinze meses. Até hoje mantenho contato com eles. Também tive a oportunidade de conhecer diversos lugares na Europa durante essa época.

Oportunidade - Vim para São Leopoldo buscando novas oportunidades e deixei um currículo na Unisinos. Na primeira seleção não passei e fui trabalhar em Porto Alegre em uma imobiliária. Três meses depois, fui chamado para outra seleção e fui contratado. Comecei trabalhando no biotério. Não estava acostumado a trabalhar com animais de pequeno porte, no caso ratos e camundongos, mas gostei bastante. Criávamos animais para disciplinas dos cursos de Psicologia e Biologia. Buscávamos os animais no zoológico e trazíamos para a Unisinos, onde eles ficavam por, no máximo, três meses por semestre. Hoje, minha rotina é diferente do que era naquela época. Temos mais animais, que permanecem aqui o ano todo e são usados em pesquisas. Faço a limpeza das gaiolas, controlo o acasalamento e desmames. Não é um trabalho cansativo, mas ele exige uma atenção especial todos os dias.

Biologia - Comecei a graduação nos curso de Ciências Contábeis. Contudo, logo troquei para a Biologia, que tem uma relação mais próxima com o meu curso técnico. Demorei nove anos para me formar em razão do trabalho, família e também por questões financeiras.

Família - Conheci minha esposa, que também trabalha aqui, em uma reunião de integração de funcionários na Unisinos. Casamos depois de um ano de namoro. Moramos por um tempo com os pais dela em Canoas e depois mudamos para São Leopoldo. Temos dois filhos: João Henrique, de sete anos, e João Vítor, de dois anos.

Horas livres - Trabalho à noite em uma pizzaria, no caixa e como garçom. Trabalho de terça a sábado, e por isso acabo convivendo pouco com os meus filhos durante a semana. Os fins de semana aproveito com eles e com minha esposa. Moramos em um sítio, onde também tenho algum trabalho. Sempre que tenho uma folga passo esse tempo com eles.

Filme - Gosto de gênero de ação. Um filme que gostei muito foi *Tróia*, que mistura ação com o épico. Também gostei de *Coração valente*.

Música - Sou meio eclético, mas gosto muito de rock, nacional e estrangeiro.

Futuro - Meu plano para o futuro é continuar estudando e fazer um curso de pós-graduação na área da Biologia. Gostaria de trabalhar na área de neurociências ou na de fisiologia.

Sonho - O meu sonho é ter o meu negócio próprio, talvez na área comercial ou de prestação de serviços,

mas ainda não tenho uma previsão de quando vou poder fazer isso.

Brasil - Vemos muita corrupção no país, até no alto escalão dos governos. Não sabemos que rumo isso vai tomar. Preocupo-me com o desinteresse dos políticos, pois isso pode desencadear no futuro uma revolta da população.

Unisinos - A Unisinos foi e ainda é importante na minha vida. Conheci muitos amigos e minha esposa aqui. Sou grato à Universidade pela oportunidade de trabalho e estudo que tive. Se não estivesse trabalhando aqui, talvez não tivesse tido a oportunidade de cursar uma graduação.

IHU - Conheço o trabalho do instituto através do trabalho feito nos eventos e palestras. É um trabalho importante, pois toca em questões de cunho social que afeta a todos nós.